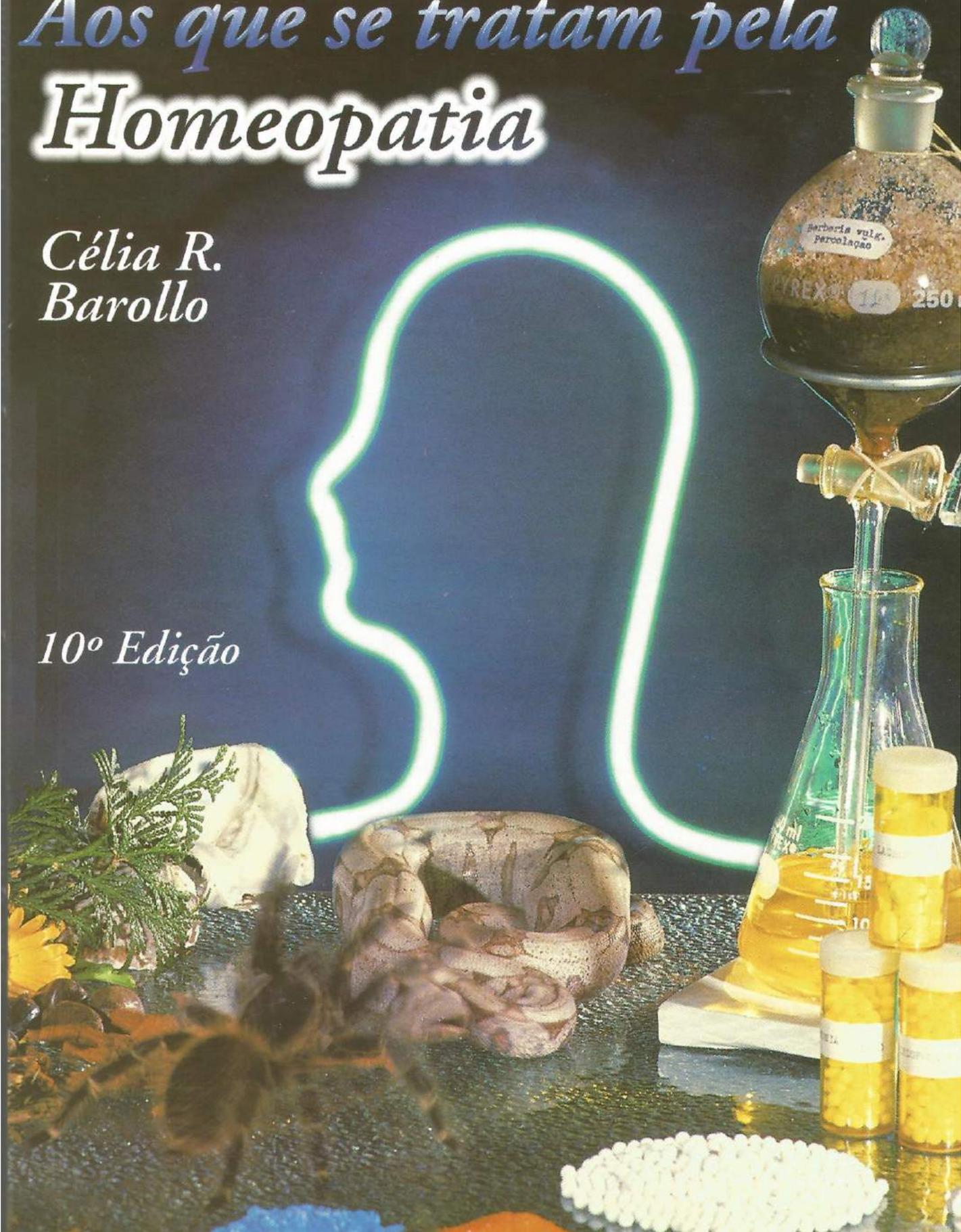


Aos que se tratam pela **Homeopatia**

Célia R.
Barollo

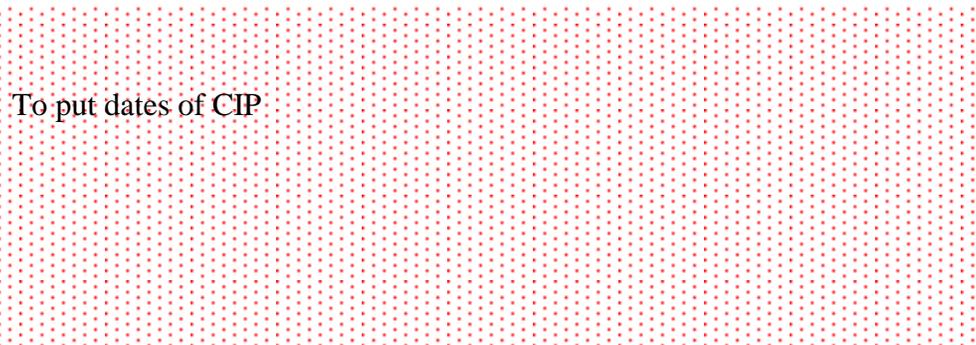
10º Edição



Aos que se tratam

pela Homeopatia

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**



To put dates of CIP

Índices para catálogo sistemático:

- | | |
|--|---------|
| 1.Homeopatia : Doutrina e Prática : Ciências médicas | 615.532 |
| 2.Homeopatia : Terapêutica : Ciências Médicas | 615.532 |
| 3. Medicamentos homeopáticos : Terapêutica | 615.532 |

ISBN - 85-86964-07-7

***Aos que se tratam
pela Homeopatia***

Célia Regina Barollo

10ª edição

2001



Diretos Autorais para a Língua Portuguesa no Brasil
Editorial Homeopática Brasileira

Capa - Fúlvio Salman Manente

Foto - Domingos Manente

Proibida a Reprodução total ou parcial desta obra, por qualquer forma
ou meio eletrônico, mecânico, inclusive através de processos
xerográficos, sem permissão expressa da editora

Editoração e Impressão - 2001

B.Jain Publishers (P) Ltd

1921, Street N.º 10, Chuna Mandi,
Paharganj, New Delhi - 110.055 - India

Agradeço a meus pais, que se empenharam para que eu pudesse obter minha formação profissional, e a todos os colegas e pacientes que direta ou indiretamente colaboraram para a realização deste livro.

Agradeço especialmente aos colegas que se dispuseram a escrever capítulos relativos às suas respectivas especialidades, contribuindo para o enriquecimento desta obra.

Agradeço carinhosamente aos meus filhos, Fabiana e Bruno, pela paciência e compreensão em todas as horas ausentes do seu convívio, em virtude de minha dedicação à Homeopatia.

COLABORADORES

Ana Lúcia Dias Paulo
 Analice Martins de Jones
 Andir Leite Sanches
 Antônio César Ribeiro Devesa da Silva
 Antônio Vital Dourado
 Ariovaldo Ribeiro Filho
 Cecília Helena Piraíno Grandke
 Cecílio Antônio Roque
 Célio Hiroyuki Morooka
 Corinne Yvone Alice Tahamy
 Corrado Giovanni Bruno
 Cyro Scala de Almeida
 Dario Fejgelman
 Demércio Henrique Pinto Júnior
 Domingos Rodrigues Teixeira Netto
 Flávia Risaliti
 Francisco Vianna Oliveira Filho
 Gabriela Dorothy de Carvalho
 Heidwaldo Seleghini
 Henrique Stiefelmann
 Luís Gonzaga Ribeiro Coura
 Marcos Antônio Iglesias
 Maria Cristina Gutilla Zacharias
 Maria Regina Galante Nassif
 Maxwell da Costa
 Paulo Rosenbaum
 Percy Mesquita Bergamini
 Samuel Abramavicus
 Sônia Aparecida Borba Brito
 Sônia Regina Rocha Miura
 Stela Maria Garbi

Apresentação da 10ª Edição

Novamente fizemos uma revisão deste trabalho, com o intuito de ampliar e melhorar a compreensão da Doutrina Homeopática pelos que se tratam pela Homeopatia. Efetuamos pequenas correções nos capítulos preexistentes, tentando aclarar alguns pontos que nos pareciam ainda nebulosos e incluímos 3 novos capítulos, abordando assuntos que vieram enriquecer nosso livro.

O primeiro deles é sobre **Homeopatia em Veterinária** de autoria do Dr. Célio Hiroyuki Morooka, médico veterinário e homeopata, responsável pelo Curso de Medicina Veterinária Homeopática da Associação Paulista de Homeopatia. Seu trabalho, como se pode perceber pelo relato dos casos, é feito com enorme dedicação e carinho, procurando apreender a totalidade dos sinais e sintomas, compreendendo a alma dos animais, para poder medicar e equilibrar nossos amigos.

O segundo capítulo incluído ficou a cargo da Dra. Flávia Risaliti, nossa amiga pessoal e uma das mais entusiasmadas defensoras e divulgadoras da Homeopatia, à qual solicitamos que nos relatasse como e porque mudou de especialidade; também, que nos contasse a experiência de sua transformação **Da Alopátia à Homeopatia**, sua evolução e crescimento pessoal, comum à maioria dos homeopatas, através do aprendizado e compreensão do Ser Humano à luz da Doutrina Homeopática.

Achamos oportuno complementar o Capítulo 19, **A AIDS, o Câncer e a Homeopatia**, com mais alguns comentários e considerações acerca de nosso entendimento e experiência; além disso, transformamos em capítulo, o Apêndice sobre **O Tratamento das Doenças Artificiais**. Resolvemos também incluir um novo capítulo, **O Despertar do Médico Interior**, artigo escrito por nós há alguns anos atrás e que, nos parece, pode instrumentalizar melhor nossos pacientes na busca de sua cura interna e externa.

É com muita alegria e satisfação que oferecemos **aos que se tratam pela Homeopatia**, o resultado da obstinação, esforço e experiência de todos nós, homeopatas, na busca da aplicação cada vez mais adequada, completa e perfeita dos princípios que regem nossa arte de curar.

Célia R. Barollo

2001

Apresentação da 6ª Edição

Desde a 1ª edição deste livro há 16 anos atrás, nossa experiência na aplicação prática dos princípios que regem a Homeopatia, e o entendimento de sua doutrina, vêm se ampliando e aperfeiçoando progressivamente. Dessa forma, achamos oportuno uma revisão periódica deste livro, para podermos transmitir gradativamente aos nossos pacientes, o resultado do que temos aprendido e experienciado sobre esta maravilhosa forma de tratamento.

Ouvimos muitas opiniões e comentários a respeito deste nosso trabalho, em geral positivo e animadores, o que nos proporciona muita satisfação por podermos estar sendo úteis à Homeopatia e aos pacientes que dela se beneficiam.

À Homeopatia, devemos uma maior compreensão do ser humano e dos processos que envolvem a enfermidade dos seres vivos em geral e de nossos semelhantes em particular. O estudo e o aprendizado da Homeopatia são para nós homeopatas, um estímulo à nossa transformação interior, no sentido de nos tornarmos a cada dia um pouco mais dignos de sermos chamados SERES HUMANOS, à busca de estarmos cada vez mais disponíveis a servir nossos irmãos, ao aperfeiçoamento e desenvolvimento espiritual, à aproximação sempre maior de nosso Criador, à realização dos altos fins de nossa existência.

Convidamos para enriquecer esta obra, mais alguns colegas homeopatas, que puderam transmitir um pouco de sua experiência nas diversas especialidades que exercem dentro da medicina.

A Homeopatia é uma proposta terapêutica que visa o equilíbrio orgânico, de modo que o indivíduo possa manter-se saudável; assim, achamos oportuno abordar os aspectos preventivos de estados mórbidos e, para essa tarefa, convidamos o Dr. Ariovaldo Ribeiro Filho.

À Dra. Maria Regina Galante Nassif, pedimos que escrevesse sobre a Homeopatia aplicada à Obstetrícia e à Ginecologia; à Dra. Ana Lúcia Dias Paulo, solicitamos que relatasse sua experiência com a orientação alimentar aliada ao tratamento homeopático e, à Dra. Cecília Helena Piraíno Grandke, que nos expusesse um pouco de sua vivência da Homeopatia aplicada à Psiquiatria.

Ao Dr. Paulo Rosebaum, pedimos que escrevesse um capítulo específico, dada sua enorme importância, sobre a Auto-observação e o Relatório Médico porque percebemos que, embora tenhamos ressaltado sua necessidade absoluta para um bom resultado do tratamento, os pacientes

demoram muito tempo para se conscientizarem disso, retardando assim o processo de cura e arrastando indefinidamente o tratamento.

Aos colegas que já havia escrito capítulos específicos, consultamos sobre seu desejo e necessidade de fazerem uma revisão ou acréscimo de outras idéias. Todos concordaram em fazê-lo.

Por ser um assunto tão atual, com conseqüências tão sérias e muitas vezes trágicas para a sociedade e a família; porque vem-se tornando, progressivamente, um dos maiores problemas de saúde pública de todos os tempos, a “epidemia do século”; por estarmos trabalhando na área há cerca de 5 anos e termos adquirido uma certa experiência no tratamento e condução dos casos, resolvemos incluir um capítulo com nossa visão sobre a AIDS e suas correlações com o Câncer.

Esperamos mais uma vez, com esta edição revisada e ampliada, poder colaborar para a divulgação e esclarecimento da doutrina homeopática.

Célia R. Barollo

1993

Prefácio da 1ª Edição

No livro **Os Princípios e a Arte da Cura pela Homeopatia**, que foi objeto de estudo em nosso grupo, do qual participa a nossa amiga Dra. Célia, encontramos:

“...nós podemos falhar, a falha é nossa; não é falha da Homeopatia.”

Uma entre tantas falhas que percebo em mim e em muitos homeopatas, é que nossos pacientes ficam sem os esclarecimentos de aspectos básicos da Homeopatia, mesmo após anos de tratamento, o que dificulta muito sua auto-observação, o respeito às agravações, à volta de sintomas, interferindo com automedicação, com antídotos, por não terem sido informados dos obstáculos à cura e tantos outros itens que a Dra. Célia sempre se preocupou em informar a seus pacientes.

Mas, como é característico dela sempre preocupar-se com as necessidades dos outros, apesar de particularmente prescindir desta obra que vem preencher um vazio na literatura homeopática nacional, dispôs-se à tarefa árdua de elaborar este guia de orientações para pacientes que, não fosse pelo título, seria um tratado de Doutrina Homeopática, de que tanto carecemos também.

O livro aborda os temas básicos de Doutrina Semiologia e Farmácia. No Capítulo III apresenta o Vitalismo, princípio fundamental da Doutrina Homeopática. No Capítulo IV apresenta a primeira das leis fundamentais, a Lei dos Semelhantes, que se transformou em lei a partir da experimentação no homem são, ainda quase inédita nas nossas faculdades, e o Capítulo V analisa a segunda lei fundamental da Homeopatia, a Lei de Cura de Hering.

No Capítulo *Evolução do Tratamento* foi muito explicitada a auto-observação, tão bem elaborada por Hahnemann no artigo *O Observador em Medicina*, de 1825, em que diz:

“...o dever do observador é só ter em conta os fenômenos e seu curso; sua atenção deveria estar sobre o que observa, não só para que nada do que realmente está presente escape à sua observação, senão para que o que observa, possa ser entendido exatamente como é.”

Esta capacidade de observar com exatidão não é, absolutamente, jamais uma capacidade exata: deve ser principalmente adquirida na prática, refinando e regulando as percepções dos sentidos, isto é, exercitando uma crítica severa a respeito das rápidas impressões que obtemos dos objetos externos e, ao mesmo tempo, deve preservar-se a necessária serenidade, calma e firmeza de juízo, junto com uma constante desconfiança de nossos próprios poderes de apreensão.

A vasta importância do nosso objetivo deveria fazer com que empregássemos todas as energias do nosso corpo e mente na observação, e deve sustentar-nos nesta direção uma grande paciência, suportada pelo poder da vontade, até o fim da observação...”

Foi muito cuidadosa na escolha de seus colaboradores: a farmacêutica Stela Maria Garbi, fiel representante das técnicas instituídas por Hahnemann no preparo medicamentoso até a 6ª edição do **Organon**, e que acompanha o desenvolvimento da Homeopatia, auxiliando-nos no rastreamento de potências medicamentosas e, como quase uma exceção, contrária à automedicação ou auxiliada por farmacêuticos; a cirurgiã dentista Dra. Gabriela Dorothy de Carvalho, odontóloga formada pela Associação Paulista de Homeopatia e séria praticante do unicismo, que, apesar da setorização de sua profissão, é universal na valorização sintomática, entendendo que a lesão local não é mais que o resultado da enfermidade dinâmica geral; o homeopata com conhecimentos da especialidade médica pediátrica, Dr. Corrado Giovanni Bruno, que não mede esforços para observar o digno de curar, mesmo nos assim chamados *oligossintomáticos* bebês, pois entende as dificuldades da árdua tarefa e aguarda como Hahnemann recomenda no parágrafo 209 do **Organon**, muitas vezes, várias consultas até ter condições de medicar; e o homeopata com conhecimento técnicos de cirurgia, Dr. Antônio César Ribeiro Devesa da Silva, que consegue combinar em sua atividade a necessária correção mecânica de anomalias orgânicas, pedida no parágrafo 7 do **Organon** e a real atividade homeopática, prescindindo do uso rotineiro e secular de *Arnica montana*, *Staphisagria*, etc., utilizando-se da Doutrina e administrando quando pode o *Simillimum*, com resultados espetaculares, bastante superiores à administração automática de específicos.

Como diz Kent na última lição de sua **Filosofia Homeopática**:

“Enquanto a Homeopatia é por si mesma uma ciência perfeita, suas verdades só estão conhecidas parcialmente. A verdade mesma refere-se ao Divino, o conhecimento refere-se ao homem. Demorará muitíssimo tempo até que os médicos cheguem a ser verdadeiros mestres nesta verdade. Na Suíça, as crianças foram educadas durante séculos com o conhecimento do que é necessário para se fazer relógios perfeitos, foram educadas, por assim dizer, nas fábricas de relógios. Agora bem, quando a Homeopatia tiver centenas de anos, as crianças serão educadas com o conhecimento dela, a observação, e a prática; nossos sucessores adquirirão conhecimentos que nós não temos atualmente. As coisas serão acrescentadas e colocar-se-ão mais claramente à medida em que as mentes estejam mais unidas e que os homens pensem mais harmoniosamente. Quanto mais nos mantivermos unidos, tanto melhor, e quanto mais pensarmos como um só, tanto melhor. É uma lástima que hajam surgido diferenças entre nós, quando temos uma verdade tão perfeita para nos unir”.

Muito obrigado, Célia, por estar acelerando muitas décadas esse processo de conscientização dos pacientes que passam a ser ativos no seu processo de cura e, também auxiliando a nós, homeopatas, na nossa mais alta e única missão:

*“...restabelecer a saúde, que é o que se chama curar”
(parágrafo 1º do **Organon**).*

Henrique Stiefelmann

1985

Prefácio da 6ª Edição

Nestes anos, após a publicação da 1ª edição desta obra, estamos colhendo os bons frutos desta semente bem plantada, ao vermos os pacientes aguçarem mais suas observações, compreendendo assim, os fenômenos que ocorrem durante o tratamento, participando mais ativamente no seu caminho para a cura.

A Dra. Célia identificou algumas lacunas na 1ª edição, preenchidas agora com alguns capítulos adicionais.

O capítulo Auto-observação e Relatório Durante o Tratamento, ferramenta imprescindível para o médico homeopata, auxilia o paciente a sistematizar o seu auto-conhecimento, não deixando escapar as mínimas observações dos seus sentimentos, sensações, fantasias, sonhos, etc. O capítulo menciona também a descrição seqüencial dos sintomas que desaparecem, se agravam, reaparecem, etc., o que permite ao médico, objetivamente, avaliar a ação do medicamento prescrito.

Respondendo previamente à possível epidemia de cólera, num país com condições sanitárias propícias para a sua rápida difusão, o capítulo Medicina Preventiva, elaborado pelo Dr. Arioaldo Ribeiro Filho, mostra-nos a importância do medicamento do gênio epidêmico, estratégia terapêutica proposta por Hahnemann com resultados já sentidos em 1831, quando no sul da França a taxa de mortalidade produzida pela cólera foi de 90% e que, com o tratamento homeopático, foi reduzida para 5 a 7%.

Três outros capítulos foram introduzidos nesta edição: um em que a Dra. Maria Regina Galante Nassif pontua claramente o papel de um homeopata com conhecimento em uma área específica da medicina, em que aborda o paciente de uma maneira global, não seccionando-o em setores individualizados, como se um nada tivesse a ver com o outro, fenômeno tão comum hoje na nossa sociedade (em particular na medicina).

A Dra. Cecília Helena Piraíno Grandke mostra-nos no seu capítulo de Psiquiatria, a genial visão futurística de Hahnemann, tão brilhantemente expressa no seu parágrafo 15 do **Organon da Arte de Curar**, em que fala da unidade consubstanciada do ser humano. A Medicina Psicossomática hoje, aproxima-se daquilo que ele propunha com maior profundidade, falando de um todo único, indivisível, psicossomático e somato-psíquico, decorrente do desequilíbrio da

Energia Vital; descreve ainda, as relações de causa e efeito dos desencadeantes psíquicos, quando atingem um indivíduo suscetível a estes, surgindo a partir daí as doenças.

A Dra. Ana Lúcia Dias Paulo contribuiu nesta edição com um capítulo em que fala de uma das indisposições, que Hahnemann sempre tentava corrigir nos seus pacientes no início do tratamento. Propõe-nos nesse capítulo, a utilização de alimentos os mais vitais possíveis, apresentando uma tabela dos produtos em paralelo às suas respectivas épocas, para a melhor utilização dos mesmos. Os demais colegas revisaram seus capítulos à luz de novas reflexões, experiências e diálogos com seus pacientes, percebendo-se aí uma conscientização mais globalizada e contínua.

Uma das terapias que vêm-se difundindo no Brasil, e muito tem-nos preocupado pelos riscos que apresenta, é a Terapia Floral de Bach, que atua eliminando um grupo sintomático, necessitando um controle evolutivo, pois poderão surgir outros quadros clínicos ou psíquicos (como temos visto em alguns casos), com complicações clínicas e psíquicas. Necessita para tanto, conhecimentos de evolução, após o uso de medicamentos e, para isso, será necessário o conhecimento do diagnóstico clínico, cujos profissionais capacitados são os médicos e veterinários. Justamente pensando nisto é que os odontólogos dos cursos de pós-graduação na A. P. H. têm a sua formação restrita quanto à prescrição, dado que a sua formação universitária não os capacita para um diagnóstico clínico; portanto, recomendamos que ao utilizarem-se desta terapia, consultem um médico que tenha uma formação homeopática no sentido do acompanhamento do seu paciente.

A Dra. Célia vem-se dedicando nos últimos anos a uma doença epidêmica que assola o mundo inteiro, a AIDS, com tanto amor como pela Homeopatia. O resultado desse trabalho é sentido tanto pelos inúmeros pacientes que a procuram, como pela Saúde Pública, pelos vários impulsos que tem feito tanto ao nível preventivo (envolvendo vários setores da sociedade), bem como de um projeto bastante audaz, daquilo que denominou Convival, em que os pacientes portadores de HIV/AIDS têm acesso a uma das inúmeras terapias alternativas ali disponíveis (centro este mantido, na sua infra-estrutura e parte burocrática, pelos próprios pacientes).

Agradecemos a todos que contribuíram nesta nova edição, por mais este impulso para a difusão desta ciência ainda tão desconhecida.

Henrique Stiefelmann

1993

Índice

1. Introdução
2. Histórico da Homeopatia
3. Energia Vital
4. Princípios Fundamentais.
5. Como o homem adoece e como se cura
6. O medicamento homeopático
7. Evolução do tratamento
8. Auto-observação e relatório durante o tratamento
9. A alimentação dentro do tratamento homeopático
10. Medicina Preventiva e Homeopatia
11. Obstáculos à cura
12. Limitações da Homeopatia
13. A criança na Homeopatia
14. Homeopatia na Obstetrícia e na Ginecologia
15. Homeopatia na Odontologia
16. Homeopatia na Psiquiatria
17. Homeopatia em Cirurgia
18. Homeopatia em Veterinária
19. A AIDS, o Câncer e a Homeopatia
20. Da Alopatria à Homeopatia
21. Outras formas alternativas de tratamento e a Homeopatia
22. O tratamento das doenças artificiais
23. O despertar do “Médico Interior”
24. Objetivo do tratamento Homeopático

Capítulo 01

INTRODUÇÃO

Este livro nasceu da necessidade que sentimos como homeopatas de levar a nossos pacientes os conhecimentos e conceitos básicos da Doutrina Homeopática de Hahnemann e de outros grandes mestres, seus seguidores.

Muitos pacientes nos solicitavam a indicação de um livro sobre Homeopatia que focalizasse tanto o Vitalismo - linha filosófica em que se baseia - como os aspectos filosóficos específicos e os aspectos práticos durante o tratamento.

Mas o que encontramos, em geral, são livros com indicações terapêuticas que levam os pacientes a se automedicarem, sem terem, contudo, a formação necessária para bem conduzir seu próprio tratamento.

Neste livro procuramos colocar as idéias que vários colegas já expressaram em informes isolados a seus pacientes, a fim de oferecer às pessoas que se tratam pela Homeopatia, uma oportunidade de conhecerem seus preceitos básicos, para que possam entender e acompanhar melhor seu processo de cura.

Sempre nos preocupou a automedicação e a venda de medicamentos, indiscriminada, em farmácias alopáticas pois, na maioria das vezes, o doente não pode avaliar se, quando e quanto necessita de medicamentos; esse alerta aplica-se também à terapêutica homeopática, acrescentando-se o fato de que o medicamento homeopático age de uma forma muito mais sutil, energética e, portanto, de controle mais difícil.

É amplamente conhecido que o Brasil é um dos países onde mais se consome medicamentos no mundo (taxa por habitante). As causas são as mais variadas, mas em nossa opinião uma das principais é a maciça propaganda de medicamentos através de rádio e televisão e até de folhetos que os grandes laboratórios enviam para nossas casas.

O resultado é a enorme medicalização do povo brasileiro. As pessoas acabam tornando-se verdadeiros escravos da indústria farmacêutica, tanto física como psicologicamente, achando que qualquer sintoma deve ser imediatamente tratado, sem dar a menor chance aos sistemas de defesa próprios do organismo que, de tão suprimidos, passam a não mais funcionar, como é o caso de pacientes que não apresentam febre há mais de 20 ou 30 anos.

Em conseqüência da propaganda sistemática de remédios, até aqueles que resolvem tratar-se pela Homeopatia, acabam transferindo toda sua ansiedade para o tratamento homeopático: adquirem um livro com indicações terapêuticas e passam a se medicar indiscriminadamente para qualquer sintoma.

Deve-se tomar remédio apenas quando absolutamente necessário, mesmo que esse remédio seja homeopático. No caso de gripes e resfriados, e nas doenças próprias da infância (sarampo, varicela, caxumba, rubéola, etc.), que se curam com, sem ou apesar do tratamento, nem sempre devemos usar medicamentos. O estado nutricional, a ocorrência de comprometimento geral do paciente e o surgimento ou não de complicações, é que vão determinar se há ou não necessidade de usá-los.

O velho adágio: “Se a Homeopatia não faz bem, mal também não faz”, deve ser totalmente esquecido, pois os medicamentos homeopáticos agem de forma energética sobre nosso organismo e, se mal indicados, podem desequilibrá-lo mais ainda.

Na prática diária, percebemos que os pacientes mais difíceis de tratar, são aqueles que já se automedicam com medicamentos homeopáticos há algum tempo, ou que continuam a fazê-lo mesmo após iniciar tratamento com um médico.

Outra idéia generalizada que deve ser abolida, é que o tratamento com ervas (fitoterapia), ou com remédios naturais, é sinônimo de Homeopatia.

A Homeopatia é rigorosamente uma ciência, uma revolução na prática médica, iniciada por Hahnemann há dois séculos. Baseia-se em leis naturais, fixas e imutáveis, de cura e tratamento, mantendo os mesmos princípios desde que foi criada, enquanto a Alopatria muda seus conceitos e condutas de tratamento a cada ano, administrando drogas sempre novas - que prometem milagres - colocadas à venda no comércio, muitas vezes, sem os necessários longos anos de experiência que permitam afirmar que não possuem efeitos nocivos à saúde. É relativamente freqüente a retirada de medicamentos do mercado porque, depois de algum tempo de uso, são verificadas reações desconhecidas, muitas vezes graves como no caso da talidomida, ou que são completamente inócuas.

Na nota número 20, da Introdução do *Organon*, Hahnemann diz o seguinte, referindo-se à Alopatria:

“A experiência prova diariamente a imperfeição deste procedimento para curar. Assim, pouquíssimas vezes efetua-se uma cura perfeita. Alguém poderia lisonjear-se de haver conseguido uma vitória, se ao invés de atacar seu inimigo frontalmente e com armas iguais, terminando o combate por sua morte, se limitasse a incendiar o país que deixa atrás de si, a cortar-lhe toda a retirada e a destruir tudo ao seu redor? Com tais meios conseguir-se-ia irritar e crescer o valor de seu adversário, sem que se conseguisse, no entanto, o objetivo desejado; o inimigo não está aniquilado, ainda existe e, quando puder prover outra vez seus armazéns, erguerá novamente a cabeça, mais temível que antes. Entretanto o pobre país, inocente na questão, fica destruído de tal modo que só com o tempo poderá recobrar seu antigo esplendor. Aqui está o que acontece à Alopátia nas enfermidades crônicas, quando, sem curar a enfermidade, arruina e destrói o organismo por ataques indiretos contra órgãos inocentes, distantes do sítio do mal.”.

As pessoas geralmente procuram a Homeopatia depois de estarem desiludidas com a medicina tradicional. Tentaram tudo e encontram-se diante de uma situação real: após longo tratamento direcionado apenas para suas queixas mais evidentes, só obtiveram efeitos paliativos para seus problemas e, ainda por cima, sofrendo os efeitos colaterais dos medicamentos. O médico homeopata, por outro lado, procura entender o homem em sua totalidade, formado de corpo, mente e espírito, sob a influência de um complexo exterior social, político, econômico e ambiental.

As pessoas reagem ao meio com uma perturbação de seu equilíbrio orgânico, na dependência de várias circunstâncias como: clima, hora do dia, estações do ano, fases da lua, temperatura, pressão atmosférica, movimento, alimentação, sono, etc. Para que o tratamento tenha êxito, cabe ao médico e ao paciente comporem juntos esse quadro com a maior riqueza de detalhes possível. Daí a importância de um aprimoramento da auto-observação por parte do doente e da absoluta franqueza no relacionamento médico-paciente.

Por esse motivo a consulta homeopática é tão demorada; o objetivo é individualizar ao máximo o paciente, determinando todos os fatores que o distingue das outras pessoas. Muitos se surpreendem com as perguntas feitas, aparentemente sem a menor relação com a doença.

O conhecido e saudoso médico argentino, Dr. Bernardo Vijnovsky, costumava dizer a seus pacientes, na primeira consulta, o seguinte:

“Todas as perguntas que vou fazer têm sua razão de ser, ainda que pareçam absurdas, e são absolutamente necessárias, ainda que pareça não ter nenhuma relação com sua enfermidade. Responda com toda sinceridade, já que suas respostas são o melhor guia para encontrar o medicamento de que você necessita”.

Segundo a doutrina homeopática, não existem doenças e sim doentes, embora seja extremamente importante e fundamental para o acompanhamento do tratamento, o diagnóstico clínico e, quando necessários, os exames complementares. Assim, as moléstias não são encaradas como inimigos que devam ser combatidos com armas específicas e muitas vezes agressivas, mas sim como uma situação de desequilíbrio do próprio doente e que deve ser tratada com um medicamento personalizado.

Com a Homeopatia procuramos equilibrar o indivíduo em sua totalidade, diminuindo sua sensibilidade às doenças, de tal maneira que se torne saudável física e psiquicamente. Em todas as doenças existem os sintomas comuns a todas as pessoas e os peculiares a cada doente; estes últimos, são aqueles que o que o individualiza, particulariza, tornando-o diferente de todos os demais.

Cada indivíduo possui características próprias, que se assemelham aos sintomas que um determinado medicamento provoca quando experimentado no homem são, como veremos mais adiante. Assim, cada indivíduo terá seu medicamento próprio, de fundo ou constitucional, que servirá para tratar suas queixas (físicas, mentais e emocionais) ou, melhor dizendo, o desequilíbrio de sua Energia Vital.

Dessa forma, dois indivíduos com a mesma doença poderão receber medicamentos diferentes, enquanto vários pacientes, que sofrem de doenças diferentes, poderão ser curados com o mesmo medicamento. Suponhamos dois pacientes com sintomas de uma mesma doença.

Contudo, um é magro, friorento, muito ansioso, não consegue ficar quieto, gosta muito de comidas condimentadas e doces. O outro é gordo, calorento, calmo, não gosta de atividade física, transpira com facilidade e gosta muito de massa. Embora os dois tenham a mesma doença, seguramente não receberão o mesmo medicamento homeopático.

O Dr. Waltencir Linhares compara a consulta homeopática a um jogo de quebra-cabeças em que “as peças juntas nos mostram uma figura que lembra um medicamento estudado no homem são”.

O conjunto de sintomas e sinais de um paciente compõe como que um quadro, uma gravura descritiva, característica e única desse indivíduo.

Roberts em seu livro diz:

“O médico homeopata pode ser comparado a um artista pintando um quadro. Ele coloca todos aqueles aspectos que pertencem à aparência daquilo que está pintando, aqueles traços que podem ser encontrados em todos os rostos como olhos, orelhas, narizes, bocas, lábios. Nesse sentido, todos os indivíduos são similares, mas cada pessoa tem peculiaridades suas e, a fim de deixar o quadro completo, o artista deve apresentar a individualidade em sua pintura...”

O paciente que faz a opção pelo tratamento homeopático precisa ser absolutamente sincero com seu médico, contar coisas que nunca disse a ninguém relatando todos os fatos, sem procurar amenizar o peso de certos sentimentos ou atitudes em certas situações. Deve, com igual sinceridade, falar de seus defeitos e qualidades. É indispensável sabermos sobre a história individual desde a infância, adolescência, vida escolar. A omissão ou falseamento da verdade, leva o médico a um raciocínio errado, com conseqüente prescrição errônea ou equivocada.

Como o conceito homeopático de doença difere muito daquele da medicina oficial, as pessoas deveriam procurar o médico homeopata não apenas quando apresentassem sintomas físicos ou doenças bem definidas, mas também quando sentissem angústia e nervosismo geral, quando tivessem sonhos atormentadores, ou quando sofressem excessivamente com o frio ou calor. Os sintomas psicológicos e os de sensibilidade ao meio são os primeiros e se manifestarem, são o princípio do desequilíbrio que posteriormente levará às doenças. O ser humano nunca

adoece em uma parte isolada de seu corpo. Qualquer doença em uma parte isolada de seu corpo. Qualquer doença é reflexo de um desequilíbrio de todo o organismo.

Se as pessoas procurassem um médico alopata, não apenas para se queixarem de dor de estômago ou de amigdalites repetidas, mas também para falar de suas inseguranças, medos, mágoas ou problemas domésticos de relacionamento, ele não poderia fazer nada, não teria respostas a dar e o encaminharia a um psiquiatra. Quando o paciente começa a falar de seus problemas, geralmente o médico clínico o interrompe e pergunta sobre suas queixas físicas. Entretanto, o que o paciente realmente deseja, é que seu sofrimento seja compreendido como um todo.

Não se veja nesta afirmativa uma crítica aos médicos alopatas, e sim ao sistema médico implantado em nosso país, onde o médico é massacrado pelo horário, pela demanda e pela má remuneração. Porém, mesmo que o médico alopata se dispusesse a ouvir seu paciente e tentasse compreendê-lo integralmente, não teria respostas a dar a certos tipos de problemas. Existe uma limitação instrumental na prática alopática.

Temos observado um movimento mundial, em que cada vez mais uma parcela dos seres humanos vem buscando viver da forma mais natural possível, na tentativa de voltarem a encontrar a si mesmos, procurando, de diferentes formas, uma reaproximação com a natureza; mas, para isso, é necessário também uma mudança na atitude vital, uma reforma interior. Se não procurarmos dominar nossos impulsos, desejos, excessos, hábitos e vícios, não conseguiremos nos libertar da doença e nem nos manteremos em estado de equilíbrio duradouro e estável. Como não é possível, a curto ou a médio prazo, modificarmos o mundo e as pessoas que nos rodeiam, devemos mudar nossa forma de nos relacionarmos com elas e procurar estar em harmonia com o meio ambiente. A Homeopatia pode ser um caminho para conseguirmos esse objetivo.

Capítulo 02

HISTÓRICO DA HOMEOPATIA

A Homeopatia, palavra de origem grega que significa moléstia semelhante, foi criada e desenvolvida pelo médico alemão Cristiano Frederico Samuel Hahnemann, que nasceu em Meissem (Saxônia), em 10 de abril de 1755 e faleceu em Paris no dia 2 de julho de 1843. De origem humilde, iniciou seus estudos aos 12 anos e aos 20 anos começou o curso de medicina em Leipzig onde, para se manter, dava aulas e traduzia livros para o alemão. Formou-se aos 24 anos e iniciou sua carreira como médico exercendo sua profissão em várias cidades da Alemanha, publicando vários livros e artigos científicos.

No correr dos anos, Hahnemann desiludiu-se com a medicina da época, tão imperfeita e muitas vezes agressiva e perigosa para os pacientes, percebendo que não havia nenhum princípio lógico para a administração de remédios. Após dez anos de exercício da medicina, em 1789, deixou de clinicar e passou a dedicar-se somente à tradução de livros. Certo dia, um de seus filhos ficou gravemente enfermo e surgiu então, na mente de Hahnemann, a idéia e a convicção de que deveria existir uma terapêutica eficaz, lógica e inofensiva. Passou, então, a buscar arduamente essa verdade medicinal.

Em 1790, ao traduzir um livro de William Cullen, ficou impressionado com uma passagem a respeito dos quadros de intoxicação por quinino, em trabalhadores, e sua notável semelhança com o quadro clínico da malária, percebendo o princípio da semelhança que, posteriormente, deveria originar toda a base do tratamento homeopático. A partir daí, passou a experimentar essa droga em si mesmo e em outros, verificando o aparecimento de acessos de febre intermitente tal como previra. Este fato o intrigou muito e pôs-se a imaginar se o mesmo não sucedia com outras substâncias conhecidas, passando então a experimentá-las.

Entretanto, é nos primórdios da medicina que encontramos essa verdade terapêutica. Foi Hipócrates (450 a. C.) quem primeiro enunciou tanto o Princípio da Semelhança, expressando-o no conhecido adágio *SIMILIA SIMILIBUS CURANTUR* (os semelhantes se curam pelos semelhantes), como o Princípio dos Contrários com o adágio *CONTRARIA CONTRARIUS CURANTUR* (os contrários se curam pelos contrários). Séculos mais tarde, Galeno (século II) adotou apenas o segundo,

derivando daí toda a medicina oficial ou Alopátia, onde o tratamento é feito à base dos “antis”: antiinflamatório, antiácido, antipirético, antiparasitário, antibiótico, antiespasmódico, etc.

No século XVIII surge Paracelso, figura revolucionária para a época, que voltou a falar em terapêutica de semelhança, opondo-se frontalmente à tirania galênica vigente. Entretanto foi muito perseguido, e até hoje nas faculdades de medicina passam-nos a idéia de que ele foi um bruxo ou charlatão.

Após sua descoberta, Hahnemann começou novamente a clinicar, experimentando cada vez mais drogas em si mesmo (chegou a experimentar 61 substâncias), em sua família e amigos. Após seis anos, publicou o primeiro artigo sobre o assunto. Nos anos seguintes divulgou mais resultados de seus estudos, mas foi somente em 1810 que ele publicou seu livro básico o **Organon da Arte de Curar**. Nele, Hahnemann expõe toda sua teoria e método terapêutico sob a forma de 291 parágrafos, fornecendo regras minuciosas para o exame e tratamento das pessoas doentes. Este livro teve cinco edições posteriores, com modificações sucessivas à medida em que ia aperfeiçoando seu método. A sexta edição foi publicada somente após sua morte, em 1921.

Ao longo de seus estudos, Hahnemann concluiu que a enfermidade do homem é uma entidade única, que pode ou não sofrer modificação nas manifestações clínicas durante sua evolução e que, cada doença ou sintoma de doença, na verdade, são “pedaços” dessa enfermidade crônica única. Hahnemann nos fala desse assunto em seu livro: **Doutrina e Tratamento Homeopático das Enfermidades Crônicas** (1ª Edição em 1828).

“O tempo muda a face das coisas, mas imutável permanece sua essência. A vida muda os atos humanos, mas imutável permanece a alma do homem”

R. Steiner

Durante os primeiros tempos Hahnemann trabalhou sozinho, mas em 1812 rodeou-se de um grupo de discípulos que aprenderam a doutrina e o ajudaram nas experimentações e difusão de suas idéias na Alemanha, a seguir na Áustria e Hungria, e depois na Itália e na França. A Homeopatia, assim, foi ganhando adeptos e seguidores pelo mundo todo.

Exposto a constantes hostilidades por parte dos médicos e farmacêuticos da época, Hahnemann era perseguido onde quer que fosse. Em 1835 deixou definitivamente a Alemanha, mudando-se para Paris, onde morreu aos 88 anos de idade, respeitado e cercado de honrarias. O

território francês considera uma glória o fato de guardar seus restos mortais no cemitério *Père Lachaise* em reconhecimento à sua genialidade.

Além do ***Organon*** da **Arte de Curar**, das **Doenças crônicas** e de vários artigos e traduções, Hahnemann deixou-nos mais um livro fundamental: a **Matéria Médica Pura** (estudo da ação das substâncias experimentadas no homem sadio, feito por Hahnemann e seus discípulos).

Em 1840 chegou ao Rio de Janeiro o médico francês, Dr. Benoit Mure trazendo, assim, a Homeopatia para o Brasil. Em 1843, na mesma cidade, fundou o Instituto Homeopático do Brasil e logo depois foi criado um Curso de Homeopatia, com certificado reconhecido pelo governo. Também no Brasil, a Homeopatia passou por longos períodos de perseguição (os fundadores da escola, o Dr. João Vicente Martins e o Dr. Benoit Mure, tiveram que se afastar do país).

O Instituto Homeopático do Brasil passou a se chamar Instituto Hahnemaniano Brasileiro, pelo Dr. Licínio Cardoso, ao qual foi anexado o Hospital Homeopático.

A Homeopatia foi reconhecida como especialidade médica em 1979 pela Associação Médica Brasileira e, em 1980, pelo Conselho Federal de Medicina.

A Faculdade de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro, antiga Faculdade Hahnemaniana, atualmente pertencente à Universidade Estadual do Rio de Janeiro, possui uma cadeira de Homeopatia, optativa, no 6º ano. Mais recentemente foi criada a cadeira de Homeopatia, também, na Faculdade Medicina de Uberlândia. As demais faculdades de medicina do país não possuem em seu currículo, sequer um curso informativo de Homeopatia.

O médico, após concluir o curso de medicina oficial, se quiser adquirir formação homeopática, pode matricular-se num dos Cursos, em nível de Pós-Graduação, reconhecidos pelo MEC - Ministério da Educação e Cultura e pela AMHB - Associação Médica Homeopática Brasileira, filiada à AMB - Associação Médica Brasileira, que se realizam regularmente em várias cidades do País, com duração de 3 anos.

Capítulo 03

ENERGIA VITAL

Vitalismo é a doutrina segundo a qual o funcionamento psicofísico do indivíduo é coordenado por uma forma de energia imaterial que interliga todas as suas partes. Essa energia é chamada de Energia Vital - EV - Força Vital ou Princípio Vital, não perceptível aos nossos sentidos, mas integrante de um composto substancial que inclui o corpo físico, a mente e o espírito.

O homem é um ser social com qualidade volitiva e intelectual. Quando sua EV vibra harmonicamente, pode permanecer em perfeito estado de saúde, ou seja, não se observam sinais ou sintomas tanto no plano físico como no mental. Isso significa que ele está apto a se realizar como Ser Humano, pois pode usufruir livremente da inteligência para dirigir sua vontade e manter seu estado de saúde. Desse modo pode cumprir sua função de acordo com a natureza, projetando-se como um ser não-conflitivo a serviço da comunidade.

A existência de qualquer enfermidade no ser humano, decorre de perturbações no fluxo e vibração dessa EV.

A substância imaterial denominada EV, não é senão uma forma de energia - como a energia elétrica, energia magnética, etc. - presente no homem e que pode ser reconhecida por suas manifestações dinâmicas. Por ser uma energia, poderá ser perturbada por outras formas de energia, quais sejam: **físicas** - calor, radiações, vibrações, etc.; **químicas** - tóxicos, medicamentos, alimentos, etc.; **biológicas** - contágio de micróbios e parasitas, e **psíquicas** - frustrações, alergias, emoções, conflitos, sustos, etc.

A sensibilidade às agressões do meio, surge em decorrência do desequilíbrio da EV e varia de acordo com a constituição orgânica, o “terreno” de cada um. A hereditariedade é um fator predisponente potencial, que pode ou não levar à doença, dependendo do meio ou circunstâncias de vida, do estado da EV e das condições evolutivas do ser.

Quando um agente hostil desequilibra a EV de um indivíduo, começa um conjunto de reações, inicialmente, ao nível da imaginação (sonhos atormentadores, sensações ou percepções extra-sensoriais), a seguir emotivo-afetivas e posteriormente orgânicas, que passam, a partir de um dado momento, a serem perceptíveis aos sentidos através de sinais e sintomas. Essas reações são tentativas de re-equilíbrio da EV e são peculiares a cada pessoa. O corpo físico é parte

integrante do Homem (visto como um ser não puramente material) e tudo o que acontece em seu corpo sucede no Homem inteiro. Se o corpo sua, se esfria, se padece de sede ou fome, se tem fadiga ou está vigoroso, muda o estado total do Homem. Afeta nosso corpo o que nos toca a alma e, do mesmo modo, afeta nossa alma o que nos aflige o corpo, porque formamos uma unidade plena. Assim, se um paciente tem uma verruga no dedo, não é sua pele que está doente, mas sua EV que está desequilibrada e que, naquele momento, manifesta esse desequilíbrio sob a forma de uma verruga. Não se deve tratar a verruga, mas sim o homem que a apresenta.

Roberts nos diz:

“A EV do ser humano é parte da energia que permeia todos os seres vivos e se encontra em tudo que existe no Universo; onde existe EV existe movimento e esta nada mais é do que a manifestação da Força Vital... Em algum momento futuro seremos capazes de formular definitivamente as leis que governam a Força Vital e sua ação na economia humana”.

Todo homem tem seu entendimento e seu livre-arbítrio ou vontade. Filosoficamente poderíamos dizer que a Energia Vital, distorcida pelo uso equivocado da vontade, é que o torna sensível à ação de outras formas de energia.

O uso errado da vontade teria levado o homem a separar-se do plano harmônico universal, alterando sua energia formativa que, por sua vez, perturba a mente e o corpo. Poderíamos fazer uma analogia desse momento, em que o homem se desarmonizou com a natureza e a ordem cósmica, com o Pecado Original.

Capítulo 04

PRINCÍPIOS FUNDAMENTAIS

A Homeopatia se baseia em quatro princípios fundamentais:

- 1 - Lei dos semelhantes
- 2 - Experimentação no homem são
- 3 - Medicamento único
- 4 - Doses mínimas e dinamizadas

1 - Lei dos Semelhantes - como foi dito anteriormente, o princípio *SIMILIA SIMILIBUS CURANTUR* foi primeiramente enunciado por Hipócrates. Segundo ele, se o homem tivesse uma doença semelhante e mais forte do que a que apresentava, se curaria ambas. Hahnemann, retomando esse princípio, realizou a primeira experiência com quina em si mesmo e sentiu que a resposta à sua procura havia sido encontrada. Iniciou suas experiências com metodologia científica, obtendo resultados que podem ser reproduzidos quantas vezes se desejar.

Para melhor compreender a diferença entre dois princípios hipocráticos - *SIMILIA SIMILIBUS CURANTUR* e *CONTRARIA CONTRARIUS CURANTUR*, Roberts nos dá uma imagem muito interessante: imaginemos um trem (enfermidade) correndo a uma velocidade determinada e que, para controlá-lo, poderíamos enviar um trem em sentido contrário (medicamento alopático) ou um trem no mesmo sentido (medicamento homeopático) que, após encontrá-lo, imprimiria uma nova velocidade ao conjunto.

Pela Lei dos Semelhantes, as substâncias curam os mesmos sintomas que são capazes de produzir, quando experimentadas no homem são. Exemplificando:

Se uma pessoa saudável ingerir doses tóxicas de uma substância chamada *Arsenicum album*, irá apresentar sintomas tais como: dores gástricas, vômitos e diarreia. Se, por outro lado, dermos a um enfermo com dores gástricas, vômitos e diarreia (com características semelhantes às causadas pelo *Arsenicum album* na experimentação no homem são) o próprio *Arsenicum album* preparado homeopaticamente, obteremos a cura desse enfermo.

Esquemmatizando:

HOMEM SÃO , toma <i>ARSENICUM ALBUM</i>	→	DORES GÁSTRICAS, VÔMITOS, DIARRÉIA
---	---	---------------------------------------

HOMEM DOENTE com DORES GÁSTRICAS, VÔMITOS, DIARRÉIA, toma <i>ARSENICUM ALBUM</i>	→	CURA
--	---	-------------

Durante a experimentação de *Natrium muriaticum* (sal de cozinha), preparado homeopaticamente, surgiram centenas de sintomas, como por exemplo: dor de cabeça martelante, que aparece e desaparece com o sol, desejo de isolar-se, se for consolado piora de seus sintomas, reservado e triste, mas não consegue chorar. Se durante uma consulta o paciente relatar esses sintomas e lhe dermos *Natrium muriaticum*, ele melhorará não só da dor de cabeça, mas do restante dos sintomas, reequilibrando-se de tal maneira que fica saudável física e psiquicamente. Durante suas experimentações, aproximadamente 600 medicamentos produziram o sintoma dor de cabeça, mas somente 40 medicamentos produziram a sensação martelante, somente em 9 a dor acompanha a curva solar (modalidade temporal) e somente 6 tiveram tristeza e não conseguiram chorar (sintoma mental). Porém, esta totalidade sintomatológica característica somente *Natrium muriaticum* possui.

2 - Experimentação no Homem São - é o princípio segundo o qual as experiências com medicamentos devem realizar-se em homens sãos, para que possam ser usados em homens doentes. Por que em homens são e não em animais? A doença não se manifesta no ser humano apenas por sinais objetivos observados pelos sentidos, mas também por sinais subjetivos. Não seria possível registrar as sensações subjetivas de cães, gatos, ratos, pois não podem comunicá-las durante a experimentação. Se não existem dois seres humanos exatamente iguais na doença ou na saúde, poderiam os animais assemelharem-se aos seres humanos mais do que os próprios seres humanos entre si?

A experimentação se realiza administrando uma substância a um certo número de pessoas saudáveis (aproximadamente 20). Essas pessoas são consideradas saudáveis, após passarem por

exame clínico (atualmente também laboratorial) completo e com perfil psicológico. O grupo é subdividido em pequenos grupos, que ficam sob a responsabilidade de um médico, que é chamado de Diretor de Experimentação. Os experimentadores não ficam sabendo que substância estão experimentando e existe sempre um grupo-controle que toma placebo. Desde Hahnemann, cerca de 2.000 medicamentos já foram experimentados.

Em cada uma dessas experimentações, os sintomas mentais e físicos, as sensações e sentimentos apresentados vão sendo cuidadosamente registrados e, posteriormente, analisados e classificados, formando o que se chama **Patogenesia**. Muitos medicamentos foram experimentados várias vezes e por vários autores. É a esse conjunto de sintomas que o médico homeopata recorre a fim de encontrar, para cada caso particular, o remédio mais semelhante e mais adequado, o medicamento **Simillimum**.

Qual paciente não viu sobre a mesa de seu médico aquele livro grosso, que ele consulta várias vezes durante ou no fim da consulta? Pois esse é o livro que chamamos de **Repertório**. Nele estão registrados os sintomas obtidos nas experimentações, com todos os medicamentos que o provocaram. Dessa maneira, se procurarmos nesse livro os sintomas que determinado paciente apresenta, obteremos a lista dos medicamentos prováveis para curá-lo. Outros livros que comumente usamos durante a consulta são os de Matéria **Médica**, nos quais encontramos o registro dos resultados das experimentações dos medicamentos. Assim, no **Repertório**, temos uma lista de sintomas e todos os medicamentos que os provocaram e, nos livros de **Matéria Médica**, temos o contrário, isto é, uma descrição dos medicamentos, com todos os sintomas por eles provocados.

3 - Medicamento Único - Hahnemann nos recomenda o uso de apenas um medicamento por vez no tratamento do doente. Este é o grande ideal do homeopata. Durante o tratamento, o que buscamos é individualizar ao máximo o paciente a fim de podermos encontrar seu medicamento **Simillimum**. A esse respeito, Hahnemann diz textualmente na Introdução do Organon:

“O médico que trata a enfermidade por seus caracteres gerais não pode chamar-se homeopata, pois não é mais que um alopata generalizador, porque é impossível conceber a Homeopatia sem a mais absoluta individualização.”

E no parágrafo 273 do mesmo livro:

“Em nenhum caso sob tratamento é necessário e, portanto, permissível administrar a um paciente mais de uma e simples substância medicinal de cada vez. É inconcebível que possa existir a menor dúvida quanto ao que é mais de acordo com a natureza e mais racional: prescrever um único e simples medicamento de cada vez em uma doença ou o acréscimo de diversas drogas de ação diferente. Não é absolutamente permissível em Homeopatia, a única, verdadeira, simples e natural arte de curar, dar ao paciente duas substâncias medicinais diferentes de cada vez.”

O ideal do **Simillimum** é o que procuramos sempre para nossos pacientes. Obviamente, isso nem sempre é possível conseguir na primeira consulta ou mesmo em várias consultas. O sucesso da escolha depende do médico, do paciente, da empatia entre ambos e provavelmente de outros fatores que no momento desconhecemos ou ainda não podemos avaliar. A recomendação de medicamento único não se refere a todo tratamento, mas sim a cada prescrição. Muito freqüentemente somos obrigados a mudar o medicamento durante o tratamento, porque o anterior não atuou satisfatoriamente sobre o paciente ou porque atuou, mas já não atua mais. Era um medicamento similar e não **Simillimum**.

Queremos deixar bem claro que o homeopata nunca está fazendo experiências nos seus pacientes. O processo se realiza como uma montagem de quebra-cabeças, conforme já foi dito anteriormente. O paciente, à medida em que prossegue no tratamento, vai trazendo novos dados ou sintomas, peças que irão completar o quadro de sua enfermidade.

Imaginemos, por ex., um quebra-cabeças desmontado, do qual não se sabe a imagem final. Quando começamos a montá-lo, podemos perceber, por exemplo, que se trata da figura de um animal da família dos eqüinos: um cavalo, um jumento, uma zebra ou um outro qualquer. Suponhamos que a primeira imagem sugira a figura de um cavalo. Depois, continuando a montagem com outras peças, verificamos que as orelhas são compridas como as de um jumento. Prosseguindo a montagem, surgem peças que mostram listras no corpo do animal, e finalmente, identificamos completamente a figura: é uma zebra. Fazendo uma analogia dessa montagem com o processo do tratamento homeopático, diríamos: as primeiras imagens formadas correspondiam a

medicamentos similares e a imagem final seria o *Simillimum*. (Similar ou símile significa semelhante; *Simillimum* significa o **mais semelhante**).

Existem divergências entre as diversas escolas homeopáticas, mas basicamente temos duas tendências: a Unicista (que usa um medicamento de cada vez) e a Pluralista (que usa dois ou mais medicamentos de cada vez).

4 - Doses Mínimas e Dinamizadas - No início de suas experiências, Hahnemann usava medicamentos em doses fracas, porém ainda contendo a substância original; mas, com o tempo, percebeu que essas doses ainda eram suficientemente fortes para provocar, às vezes, sérias agravações.

Devido a essas agravações, passou a diluir os medicamentos cada vez mais, obtendo resultados cada vez melhores, curas mais suaves, agravações menos intensas. Foi assim que chegou às doses ditas infinitesimais (extremamente diluídas e sem a substância material original) e dinamizadas. Hahnemann despertava a energia curativa das substâncias através de sucessivas diluições seguidas de agitação vertical forte e vigorosa (sucussões), e à medida em que a massa dos derivados naturais se diluía, mais energia eles pareciam desprender. Não era a quantidade de substâncias que importava, ao contrário, quanto menor a quantidade presente na diluição maior o potencial de energia curativa despreendida. Portanto, o medicamento homeopático é uma forma de energia que age sobre nossa EV. A dose diminuta prescrita pelo homeopata não é mera diluição ou atenuação da droga forte. Ela é o que se chama potência, isto é, algo que possui poder.

O método especial usado na preparação do medicamento, libera uma energia terapêutica latente na substância bruta que age na energia própria do paciente, estimulando-a em direção à cura.

A dose mínima que sempre foi e continua sendo inseparável da prática da Homeopatia, tem sido com certeza o maior obstáculo contra a adoção desse método terapêutico com maior amplitude pelos médicos em geral. Só recentemente, com novos métodos de pesquisa, está se conseguindo provar laboratorialmente o poder curativo do medicamento homeopático. Antigamente só havia provas clínicas, isto é, a comprovação dos efeitos benéficos do medicamento em pacientes sob tratamento. Daí o fato de muitos médicos acharem que o remédio homeopático não passa de “aguinha”, e que a cura é devida a efeitos psicológicos.

Capítulo 05

COMO O HOMEM ADOECE E COMO SE CURA

Imaginemos uma caldeira com várias válvulas de segurança, com resistências diferentes à eliminação dos vapores de água, aproveitando a analogia que o Dr. José Laércio do Egito apresenta em seu livro. Consideremos num primeiro momento que essa caldeira esteja desligada, em equilíbrio, e que não existam vazamentos por qualquer das válvulas. Num segundo momento, liguemos essa caldeira. O que acontece? A partir do momento em que a água começar a entrar em processo de ebulição, as válvulas de segurança deverão entrar em ação. Quando a pressão interna é pequena, a válvula que entrará em ação no início é a de menor resistência, e começará a dar vazão aos vapores excedentes. Se ocluímos essa válvula, deverá entrar em funcionamento a seguinte de menor resistência, e caso esta também seja ocluída, a próxima entrará em funcionamento e assim por diante.

O mesmo processo acontece com os seres vivos. De acordo com a sua constituição genético-hereditária, possuem órgãos ou aparelhos mais frágeis do que outros, de menor resistência (todos têm o seu tendão de Aquiles) e assim, quando a EV se desequilibra, surgem sintomas e sinais físicos e/ou mentais que diferem de um para outro (cada um tem a doença que pode ter e não a que quer). Podemos fazer uma comparação entre a oclusão das válvulas de nossa caldeira hipotética, com os tratamentos que habitualmente são feitos, quando visam eliminar apenas um determinado sintoma ou doença, a que chamamos de **SUPRESSÃO**. Com esses procedimentos levamos a uma interiorização cada vez maior do desequilíbrio, passando a adoecer, na seqüência, órgãos cada vez mais internos e mais vitais. Quando uma criança apresenta uma erupção cutânea, pode ser o primeiro sinal de desequilíbrio da EV, uma manifestação externa (válvula de menor resistência); se for suprimida pura e simplesmente (por ex.: com cremes e pomadas), poderá levar, como acontece com frequência, à manifestação de uma rinite crônica ou de asma brônquica.

Como os seres vivos estão sempre sendo estimulados energicamente pelo meio ambiente, sua EV mantém uma descarga que elimina a energia residual, não necessária ou prejudicial ao seu equilíbrio. Essas eliminações são reveladas pelos sintomas e sinais, e constituem, na maioria das vezes, as chamadas doenças agudas (resfriados, diarréias), em geral de súbito aparecimento e curta duração. O indivíduo, geralmente, curar-se espontaneamente quando esses quadros não

forem suprimidos. A supressão de manifestações de sintomas e sinais agudos eliminativos deve ser evitada, principalmente em se tratando de agudizações das doenças crônicas (por ex.: alergias de pele, crises de rinite ou amigdalite, etc.), sejam elas evolutivas, quando ocorre progressão da doença, ou derivativas, quando a EV do paciente consegue parar algum tempo a evolução da doença, desviando sua ação sobre órgãos menos nobres e mais superficiais. Por ex.: um paciente com crises de asma brônquica que apresenta períodos de alternância com manifestações de pele. Entretanto, o paciente não deve fazer sua própria auto-avaliação e diagnóstico para não incorrer em erros, que podem colocar em risco sua saúde e comprometer seu processo de cura. Por ocasião de um sintoma de eliminação, deve consultar seu médico.

É muito importante evitar a supressão, pois, como se trata de eliminação de energia desnecessária ou prejudicial, seu bloqueio leva ao represamento ou, pior ainda, à interiorização de toxinas, provocando o agravamento da doença, com o comprometimento de órgãos mais importantes e vitais (por ex.: a supressão de lesões de pele com cremes ou pomadas, pode levar à mudança da doença para o interior do organismo atingindo pulmões, intestinos, rins ou cérebro).

Retornemos ao nosso exemplo da caldeira. Imaginem se a desligarmos num momento em que várias válvulas, de complexidade e resistência crescentes, já entraram em funcionamento. O que deverá ocorrer? Com a diminuição progressiva da pressão interna, as válvulas que têm maior resistência deixarão de funcionar primeiro, e sucessivamente as de menor resistência, num processo exatamente ao contrário do anterior. Se desobstruirmos as válvulas que tinham sido ocluídas inicialmente, como têm menor resistência, deverão entrar novamente em funcionamento, até que cesse todo o desequilíbrio energético e a caldeira volte a seu estado inicial.

Quando prescrevemos um remédio homeopático a um paciente, é como se estivéssemos desligando a caldeira. A partir daí o paciente cura-se de dentro para fora, isto é, dos órgãos mais importantes para os menos importantes, dos mais vitais para os mais superficiais, e de cima para baixo, ou seja, começa na parte superior do corpo e vai descendo. Na enfermidade crônica, as doenças desaparecem no sentido inverso em que apareceram, isto é, as que apareceram por último desaparecem primeiro.

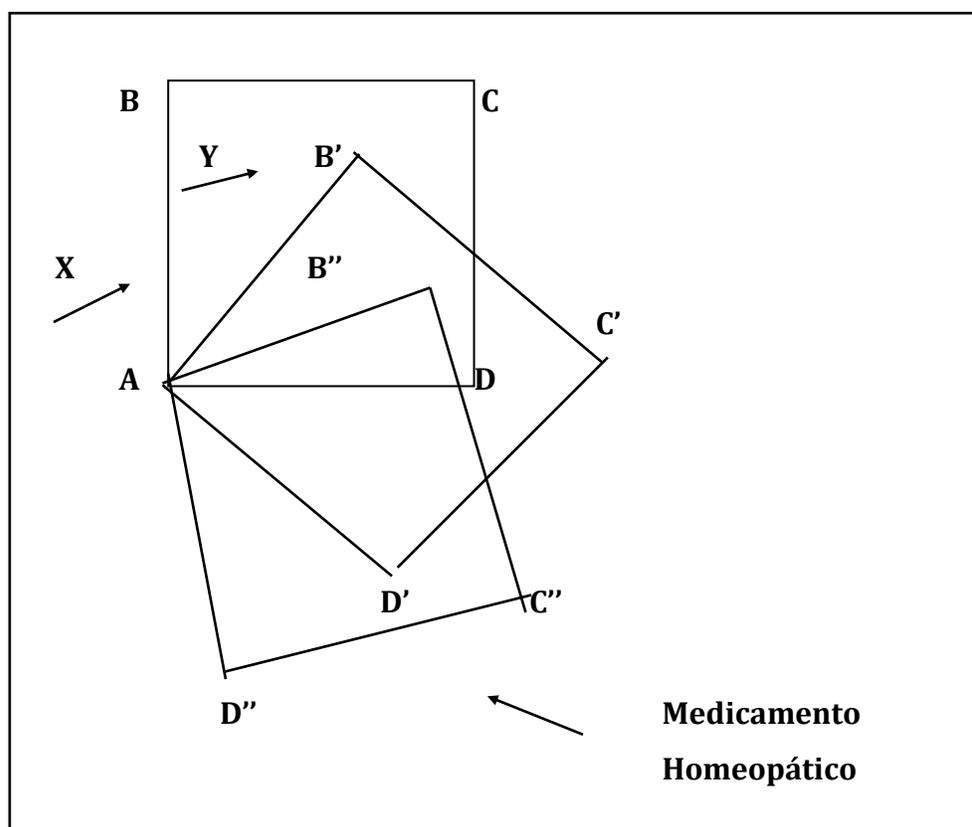
Durante o processo de cura, podem e devem reaparecer sintomas que tinham desaparecido há meses ou anos e que eram considerados “curados”. É a volta de sintomas antigos. Este processo é de grande valor, pois indica que provavelmente o remédio está certo e que essas doenças não

estavam curadas, mas, suprimidas e substituídas por outras quase sempre mais graves. Esses sintomas, em geral, somem espontaneamente, sem necessidade de medicação.

O que acabamos de descrever é a **LEI DE CURA** ou **LEI DE HERING**, uma lei universal e imutável.

Vejam um exemplo processo de cura: na infância, o paciente teve erupção de pele; depois teve rinite e, a seguir, um quadro asmático. Vem ao consultório para tratar da asma. No processo de cura, desaparecerá inicialmente a asma, reaparecendo a rinite e, depois do desaparecimento desta, ressurgirá a erupção da pele. É importante notar que, durante todo esse processo, o paciente se sentirá cada vez melhor.

Esses retornos fazem parte quase sempre dos “caminhos da cura”, em que o doente volta às manifestações iniciais, que são mais superficiais ou externas, correspondendo à progressiva eliminação da enfermidade para o exterior.



Numa representação gráfica, imaginemos que o estado de equilíbrio do organismo seja o quadrado **ABCD**. Após uma perturbação energética que denominaremos **X**, o organismo passaria a uma segunda situação que representamos como **AB'C'D'**. Se o processo continua e surge um novo

estímulo **Y**, por exemplo, passaríamos para uma outra situação, representada pelo quadrado **AB”C”D”**. Se nesse momento produzimos um estímulo energético com o medicamento homeopático, é como se o organismo tivesse que voltar a estados anteriores, antes de atingir o equilíbrio inicial **ABCD**.

O paciente deve aceitar em algumas situações não tomar medicamentos. É fácil deduzir que em agravações e retornos de sintomas, se medicarmos, estaremos “cortando” o efeito do medicamento, sustando a evolução normal do processo de cura.

A evolução para a cura algumas vezes é doloroso, sofrido, incômodo. Podem surgir sintomas de eliminação, de limpeza do organismo, tais como: vômitos, diarréias, febre, erupções cutâneas, abscessos, expectoração, corrimentos vaginais ou uretrais, eliminação de secreção pelos olhos, ouvidos e nariz, pruridos incômodos, manifestações esteticamente desagradáveis. Tudo isso varia de paciente para paciente, podendo ser mais ou menos intenso ou prolongado, de acordo com a gravidade do caso e/ou tempo de doença.

No caso de pacientes com moléstias antigas, em que existem alterações nos órgãos e tecidos, ocorre uma agravação inicial dos sintomas presentes, que podem durar mais ou menos tempo, de acordo com a gravidade do caso e que, no geral, melhora espontaneamente. Após o período de agravação, começa uma melhora progressiva que pode durar meses ou anos.

Depois desse período de melhora, podem começar a surgir novamente os mesmos sintomas da primeira consulta: isto é esperado e está, dentro do processo de cura. Esses sintomas irão reaparecendo cada vez mais espaçadamente e em geral com menor intensidade, até sumirem definitivamente. Nessa volta de sintomas não se deve tomar nada, pois geralmente desaparecem de modo espontâneo. Caso isto não ocorra, deve-se procurar o médico.

Como vimos, o processo de doença e cura é regulado por uma lei biológica e imutável. Todas as vezes que atuarmos terapêuticamente sobre um determinado sintoma ou doença sem considerarmos o todo, estamos desrespeitando a lei e colocando em risco a função dos demais órgãos e sistemas de nosso corpo físico e mental.

É muito comum ouvirmos dos pacientes: “depois que fiquei com tal doença, começaram todos os outros problemas”. Isto ocorre porque somos um todo dinâmico e indivisível e sempre que tocamos ou agimos num ponto isolado, todo o resto do organismo se ressentido, sofre e reage.

Capítulo 06

O MEDICAMENTO HOMEOPÁTICO

Stela Maria Garbi

“O empenho do farmacêutico em liberar a essência da substância física, através de seu trabalho em dinamizá-la, é a própria imagem do homem no sentido da liberdade.”

Flávio Milanesi

Os medicamentos utilizados em Homeopatia são muito variados e as matérias primas que lhes dão origem são, muitas vezes, comuns a outras terapias, tais como a fitoterapia, e à própria Alopatia. O que diferencia, então, o medicamento homeopático é a forma de preparo bastante especial e seu uso sempre pelo Princípio da Semelhança. Portanto, as substâncias utilizadas no preparo dos medicamentos homeopáticos não provêm somente de plantas, como ainda pensam alguns, embora elas sejam utilizadas em grande quantidade, tanto pela sua abundância na natureza como pelo conhecimento acumulado durante séculos acerca dos vegetais. Temos muitos medicamentos importantes provenientes de plantas em Homeopatia, tais como: *Nux vomica*, *Arnica montana*, *Pulsatilla nigricans*, *Lycopodium clavatum* (considerado inerte pela escola alopática, mas que se revelou um medicamento muito potente quando dinamizado).

Entretanto, todos os componentes da natureza, desde a pequena bactéria até o nobre ouro, podem servir de matéria-prima para a preparação dos medicamentos homeopáticos. Por que algumas substâncias seriam privilegiadas com “virtudes mágicas”, que faltariam a outras? Podemos dizer que qualquer substância natural, ou criada pelo homem, pode ser transformada em medicamento, desde que se conheça a forma sob a qual é capaz de agir e qual sua ação sobre o organismo vivo. Isso foi resolvido pela Homeopatia com a experimentação no homem sã. Assim, substâncias do reino animal bem como do reino mineral, produtos químicos e farmacêuticos, e até mesmo material biológico, podem contribuir para o arsenal homeopático.

Apesar do reino animal ser o que fornece o menor número de medicamentos, é dele que obtemos medicamentos homeopáticos muito importantes, como por ex.: *Apis mellifica* (feito a

partir da abelha européia), *Tarentula hispanica* (a partir da aranha caranguejeira), *Lachesis muta* (do veneno da cobra surucucu), *Sepia succus* (da tinta da lula), *Folliculinum* (hormônio feminino), *Medorrhinum* (secreção patológica humana).

O reino mineral nos fornece metais, minerais, sais orgânicos e inorgânicos tais como: *Aurum metallicum* (ouro), *Natrium muriaticum* (sal marinho), *Petroleum* (petróleo), *Glonoinum* (pólvora), etc.

Nomenclatura

Os medicamentos homeopáticos são designados sempre pelos nomes latinos das substâncias que lhes deram origem. Ex.: *Calcarea ostreorum* (pó de casca de ostra); *Argentum nitricum* (nitrato de prata); *Calendula officinalis* (malmequer dos jardins). Alguns nomes assustam os pacientes, tais como: *Arsenicum album* e *Cicuta virosa*; mas devemos lembrar que as substâncias que deram origem aos medicamentos são usadas extremamente diluídas, não contendo nada além da “informação” da mesma, após algumas dinamizações, não apresentando, portanto, nenhum efeito tóxico, podendo ser usada sem receio, mesmo para crianças bem pequenas, desde que tomadas adequadamente e com a devida orientação.

Preparação

A experiência mostrou a Hahnemann que as substâncias utilizadas segundo o Princípio da Similitude, agiam melhor quando administradas em pequenas quantidades, desde que a diluição da substância fosse agitada fortemente várias vezes. Então, para transformar uma substância num medicamento homeopático, esta é dinamizada, ou seja, é diluída e agitada. Para que possamos fazer essa dinamização, a substância deve ser primeiramente solubilizada. Assim, quando se trata de substâncias vegetais, e algumas de origem animal, são colocadas em contato com álcool por alguns dias (processo de maceração idêntico ao usado para fazer licores) e depois filtra-se a solução, obtendo-se as chamadas Tinturas-Mãe (cuja designação é T.M. ou ϕ) pois serão as “mães” das futuras dinamizações. Na maioria das substâncias minerais e outras substâncias insolúveis em água ou álcool (os dois solventes homeopáticos), como, por exemplo, secreções ou venenos, a solubilização é feita por trituração em lactose (açúcar e leite), por uma técnica própria da Homeopatia.

A preparação propriamente dita do medicamento homeopático é extremamente simples, mas é muito trabalhosa e exige muitos cuidados. Pelo método hahnemaniano, que é o método original e o único recomendado como oficial, pois é racional e científico, é necessário usar um frasco separado para cada dinamização e todas são agitadas (sucussionadas) por cem vezes. Existem outros métodos de preparação que, visando facilitar o trabalho, são menos precisos, tais como o método de Korsakov, que utiliza um só frasco para fazer todas as dinamizações ou o método de fluxo contínuo (método usado para preparar as altas dinamizações, isto é, geralmente acima de CH 1000), usado por grandes laboratórios, onde as potências são feitas em aparelhos que fazem a diluição e agitação do medicamento ao mesmo tempo.

Trataremos de descrever apenas o método hahnemaniano. Por esse método, os medicamentos podem ser preparados em três escalas diferentes, que são caracterizadas por letras e números que seguem o nome do medicamento.

Escala Centesimal: designada pela letra C ou CH, seguida por um número que significa quantas vezes aquela substância sofreu o processo de diluição, seguido por agitação. Exemplo: *Natrium muriaticum* CH 6, quer dizer que se partiu de sal marinho (*Natrium muriaticum*, em latim) e que ele foi diluído por seis vezes consecutivas e a cada vez foi agitado (sucussionado) cem vezes.

Escala Decimal: criada por Hering e não por Hahnemann, designada pelas letras X ou D, seguida de um número que significa, também, quantas vezes foi realizado o processo de diluição e agitação (dinamização). Nessa escala, a diluição utilizada é de 1:10 (uma parte de substância em dez partes de veículo alcoólico). Ex.: *Pulsatilla nigricans* D1, significa que a partir dessa planta se fez a tintura-mãe, e dessa foi feita uma diluição a 1:10 em solução alcoólica, e agitou-se por cem vezes.

Escala 50 Milesimal: introduzida por Hahnemann e identificada pelas letras L ou LM, ou ainda por um número em algarismo romano seguido do número arábico 50.000. Esses números indicam quantas vezes foi efetuado o processo de dinamização por essa escala, cuja diluição é de 1:50.000. Ex.: *Lycopodium clavatum* LM 3 (ou III/50.000), significa que estamos diante da terceira dinamização de *Lycopodium clavatum* na escala LM. Essa escala apresenta ainda uma outra

diferença em relação às anteriores: é que pela escala LM, todas as substâncias sofrem um processo de trituração prévio, não importando se são substâncias solúveis ou não.

Modo de Ação

Como vimos, a partir das preparações básicas (tinturas-mãe e triturações), são feitas as diluições sucessivas seguidas de agitação. A esse processo de diluição mais agitação, damos o nome de dinamização (*dynamis* do grego, significa força). Através da dinamização conseguimos despertar na substância, a capacidade de agir sobre o organismo vivo, além de incorporar ao meio líquido uma certa quantidade de energia (dada pela sucussão), à medida em que o número de partículas da substância inicial diminui gradativamente (pela diluição). Após algumas diluições, não resta mais nada da substância na solução, mas apenas sua marca (mais precisamente a partir de 12 CH). Ocorre na solução o mesmo que na gravação de uma música orquestral em fita magnética; durante a gravação há necessidade da orquestra tocar, mas depois de gravada a música, podemos reproduzi-la quantas vezes quisermos.

O efeito do medicamento homeopático é sentido somente sobre organismos vivos (como a música da orquestra) e por isso a ciência oficial continua a desconfiar dos medicamentos homeopáticos, apesar de 200 anos de terapêutica homeopática provarem o contrário, pelo único fato de não se poder “medir” quimicamente as substâncias neles contidas.

Por sua manipulação especial e por serem preparados em veículos simples (água, álcool e lactose), a informação do medicamento é passada quase que instantaneamente para os líquidos dos organismos vivos, produzindo uma ação imediata, contrariando a tese de que o tratamento homeopático é lento e exige paciência.

Conservação dos Medicamentos Homeopáticos

Alguns cuidados na conservação dos medicamentos homeopáticos devem ser observados pois, como vimos anteriormente, trata-se de uma “gravação” muito especial. Por isso, não devem ser guardados em locais expostos à luz solar direta, ou outras fontes emissoras de energia como TV (principalmente em cores), magnetos e motores. Não se deve também conservá-los em

ambientes úmidos ou que possuam odores fortes como perfumes, condimentos e medicamentos (principalmente canforados).

O calor forte também altera o medicamento, e não convém, portanto, guardá-lo no interior de porta-luvas de carros, interior de barracas ou bolsas que fiquem expostas ao calor forte. Quando viajar de avião, evitar a exposição dos medicamentos aos Raios-X e arco magnético.

Com esses cuidados os medicamentos se conservam por muitos anos.

Apresentação e Uso

Os medicamentos são apresentados para uso, em qualquer forma farmacêutica. Geralmente são aviados em glóbulos (que era como Hahnemann usava), em líquidos ou em tabletes; podem também ser prescritos em pó (embrulhados em papéis, que devem ser diluídos em água).

Todas essas preparações podem ser prescritas em dose única (para serem tomadas de uma só vez) ou em doses repetidas.

Os glóbulos e comprimidos devem ser dissolvidos na boca como se fossem balas; devem ser passados dos frascos para suas tampas e destas diretamente para a boca, sem serem manuseados. As gotas devem ser diluídas em um pouco de água destilada ou filtrada, pois são preparados em álcool de graduação 20º a 30º GL; deve-se evitar pingá-las diretamente na boca, principalmente de crianças pequenas e de pessoas idosas, pelo desconforto provocado pelo álcool. As doses preparadas em água (chamadas poções) do tipo XX/30, devem ser usadas no prazo de 48 horas no máximo.

A dose e a quantidade do medicamento, bem como a repetição das tomadas é de competência médica e é independente de sexo, idade, peso, etc. O intervalo entre as tomadas das doses, geralmente, fica na dependência da intensidade dos sintomas apresentados pelo paciente. Nos quadros agudos, à medida em que os sintomas diminuem de intensidade, o intervalo deverá ser ampliado gradativamente, até sua interrupção, após cessarem os sintomas.

A não ser que haja indicação do médico assistente, o paciente não deverá ser medicado durante o sono, mesmo que existam sintomas como febre, tosse, etc.

Quando o medicamento é usado em dose única, convém que o paciente não tenha ingerido qualquer substância que tenha gosto ou cheiro forte; por isso se recomenda que o paciente não

coma, fume ou escove os dentes com dentifrícios pelo menos uma hora antes e depois de tomar o medicamento. Quando o medicamento é usado a intervalos menores ou várias vezes ao dia, esses cuidados podem ser de apenas alguns minutos antes e após a tomada da medicação.

Em virtude da pequenez das doses, convém suprimir da alimentação tudo que tenha alguma ação medicinal, para que a ação medicamentosa não seja extinta ou perturbada por um estímulo indesejado. Deve-se evitar alimentos como café, chocolate, especiarias, licores com espécies medicinais, excesso de sal, açúcar, bebidas alcoólicas, bem como evitar o uso de perfumes, dentifrícios de odor acentuados e medicamentos que contenham odor forte, principalmente os medicamentos canforados.

Hahnemann recomendava em seu livro **Moléstias Crônicas** que:

“... a melhor ocasião para se tomar a dose do medicamento é pela manhã em jejum. Quando se desejar que a ação seja apenas leve, deve ser ingerido a seco permitindo-se-lhe que dissolva na língua. Depois de ingerir o medicamento, o paciente deve manter-se quieto por pelo menos uma hora inteira e evitar nessa hora, como ao longo de todo o tratamento, toda excitação desagradável, tampouco deve esforçar a mente imediatamente após tomar a dose (ou seja, leitura, cálculos ou discussões que exijam reflexão).

Os bebês de peito nunca recebem medicamento, a mãe ou a ama de leite é quem recebe em seu lugar, e através de seu leite o medicamento atua sobre a criança de modo rápido, moderado e benéfico.”

Outro modo de se tomar o medicamento é pelo método “plus”. “Plus” quer dizer “mais”, ou seja, agitamos mais o medicamento antes de cada tomada.

Esse método é usado nas moléstias crônicas quando se agita o frasco de gotas ou sua diluição em H₂O, para modificar ligeiramente a potência das tomadas, evitando agravações desnecessárias, ou numa situação de emergência, num quadro agudo, quando se necessita administrar o medicamento a intervalos curtos.

Preparação: diluir dois ou mais glóbulos, uma dose líquida ou uma ou mais gotas, dependendo da orientação médica, em meio copo de água destilada ou filtrada e tomar uma colher

de chá a cada trinta minutos (ou com intervalos menores de acordo com recomendação médica), agitando sempre vigorosamente com a colher antes de cada tomada. Importante: a colher não deve voltar para o copo, após cada tomada, sem ser novamente lavada, para não dinamizarmos junto com o medicamento também a saliva do paciente

Segundo Hahnemann, em seu livro **Moléstias Crônicas**, o medicamento pode ser usado, também, em fricção sobre a pele ou por olfação.

“Há casos em que uma grande irritabilidade do paciente está combinada com uma externa debilidade, e em que os medicamentos só podem ser administrados permitindo-se que o mesmo cheire uns poucos glóbulos contidos num frasco”.

Patogenesias Feitas com Diluições

Nas experimentações não se usa somente grandes doses de medicamento *“in natura”*. Muito pelo contrário, quase todas as substâncias foram experimentadas *“in natura”* e em diluições homeopáticas. Hahnemann fez suas experimentações com diluições, principalmente com altas diluições (30 CH e até mais).

As drogas *“in natura”* provocam, em geral, apenas sintomas muito banais de intoxicação como: diarreia, vômitos etc. Mas as dinamizações homeopáticas, fornecem os sintomas mais característicos dos medicamentos. Essas patogenesias são refeitas diariamente por certos doentes imprudentes: um paciente verifica que um medicamento homeopático lhe faz bem; então, raciocinando de forma errada, toma mais medicamento ou mais vezes ao dia para melhorar mais, acreditando no que dizem: “que o medicamento homeopático não faz mal”. Mas qual não é sua surpresa (se for uma pessoa atenta) quando verifica que começa a ter uma nova série de incômodos ou que os males, que haviam melhorado, retornam. É o que verificamos com bastante regularidade na prática da farmácia. O que aconteceu é que após a dose do medicamento ter estabelecido seu efeito, o indivíduo passou a ser um indivíduo “são” e com a repetição das tomadas começa a fazer a patogenesia do medicamento!

Por isso o emprego do medicamento homeopático deve ser acompanhado por assistência médica. As doses são pequenas e não se corre o risco de intoxicar o organismo com as substâncias, como ocorre na Alopátia, mas não quer dizer que os medicamentos homeopáticos não tragam também alguns inconvenientes, se não forem usados adequadamente.

Comércio Perigoso

A grande característica da Homeopatia, reside no trabalho de individualização que o médico assistente deve fazer de todos os doentes. Ele não prescreve segundo uma patologia, mas de acordo com a compreensão que tem do indivíduo. Para dois indivíduos que apresentam a mesma “doença”, provavelmente não dará o mesmo medicamento. Daí concluímos que a Homeopatia que ocupa as páginas de jornais e revistas é absolutamente o contrário da verdadeira Homeopatia. Nesse tipo de Homeopatia não existe uma individualização, não se leva em conta o indivíduo e seu temperamento. É suficiente saber apenas que o paciente tem dor de cabeça, sem qualquer individualização, para prescrever *Iris versicolor*?

Vemos também outra aberração: são compostos homeopáticos (complexos) já prontos para esta ou aquela moléstia. Estes são apenas um conjunto de panacéias que não se pode chamar de Homeopatia, embora se utilize as pequenas doses na sua fabricação. Alguns “doentes” podem sentir alívio com tais fórmulas, se contiverem, por acaso, o medicamento certo para eles. Se há uma proposta terapêutica que se opõe à comercialização de fórmulas feitas, essa é, por excelência, a terapêutica homeopática.

Capítulo 07

EVOLUÇÃO DO TRATAMENTO

Antes de tudo, a opção pelo tratamento homeopático deve ser feita com consciência e firmeza, principalmente por quem vem da Alopátia, pois as condutas na terapêutica homeopática diferem muito da alopática. A evolução para a cura, durante o tratamento homeopático não será contínua, principalmente nas doenças crônicas, sendo geralmente irregular, com períodos de melhora e piora, e com duração bastante variável.

Muitas pessoas acreditam que o tratamento pela Homeopatia é muito lento. Devemos, entretanto, estabelecer uma diferença entre as doenças agudas e as crônicas.

Numa doença aguda, por ex., amigdalite, pneumonia, cólica renal, diarreia ou vômito, o remédio homeopático quando é bem individualizado para o caso, pode muitas vezes, em questão de minutos, aliviar o paciente. Portanto, tão ou mais rápido que qualquer medicamento alopático.

Nas doenças crônicas, por outro lado, o tratamento é realmente mais prolongado pois, como foi dito anteriormente, procuramos equilibrar o paciente como um todo e não só tratar suas doenças. Entretanto, mesmo sendo lento, é uma opção de tratamento melhor pois, o tratamento alopático das doenças crônicas é interminável, porque não existem meios para curá-las. O período de duração do tratamento homeopático das doenças crônicas, com vistas a uma possível cura, depende da idade do paciente, de há quanto tempo se encontra doente, dos tratamentos feitos anteriormente, etc.

Hahnemann diz o seguinte em seu livro **Moléstias Crônicas**:

“A cura das grandes doenças crônicas de dez, vinte, trinta anos ou mais de duração (se não tiverem sido malconduzidas por um excesso de tratamentos alopáticos ou, na realidade, como é freqüente o caso, se não tiverem sido erroneamente tratadas até a incurabilidade), pode-se dizer que são rapidamente aniquiladas se isto for feito em um ou dois anos. Se com pessoas robustas e mais jovens isto ocorre em metade do tempo, então, por outro lado, na senectude, inclusive com o melhor tratamento por parte do médico e com a mais escrupulosa observância das regras

por parte do paciente e seus familiares, um tempo considerável deve ser acrescentado ao período usual da cura.”

E continua:

“Quando o tratamento tiver chegado mais ou menos à metade... os sintomas ficam cada vez mais fracos e, por fim, o médico atento só irá encontrar traços da mesma; mas ele deve acompanhar tais traços até seu desaparecimento completo porque o menor dos remanescentes retém um germe para a renovação do antigo transtorno. Se o médico aqui desistir do tratamento e supuser o que o homem comum (e também a classe mais alta do público não-médico) tende a dizer: ‘É provável que tudo se acerte por si’, terá cometido um grande erro, pois com o tempo irá desenvolver-se (especialmente quando quaisquer eventos desfavoráveis importantes aconteçam) a partir deste pequeno remanescente, desta enfermidade apenas diminuída, uma nova doença crônica que irá gradualmente aumentar de modo inevitável...”

Achamos importante transcrever integralmente este trecho de Hahnemann, pois é comum acontecer de o próprio paciente se dar alta ao se sentir melhor, voltando após algum tempo com novas queixas para reinício do tratamento.

Muitas vezes, quando o paciente tem dificuldade de se expressar, ou nos casos muito difíceis, é necessário a presença de um parente ou amigo próximo na consulta, para poderem nos informar o seu ponto de vista (separado ou conjuntamente com o paciente) sobre a personalidade daquele, já que todas as informações são fundamentais para a escolha medicamentosa.

Febre

A febre é um sintoma que aparece, muito frequentemente, após a tomada do medicamento, inclusive em pacientes que não apresentam febre há 20 ou 30 anos, o que pode assustá-los. Costumamos definir a febre como: *“um dragão com dez cabeças, cinco caudas, espinhos, verde, roxo e amarelo, olhos vermelhos, que solta fogo pelas ventas e que assusta as mães, vovós e tias, etc.”.*

Na verdade, febre não é nada disso (o dragão é manso), é apenas uma reação de defesa do organismo.

Note bem: **UMA REAÇÃO DE DEFESA.**

A febre pode ser considerada como um alarme dado através do aumento da temperatura do corpo, avisando que o organismo não está funcionando normalmente, devido a um problema interno ou provocado por um agente agressor externo. Pode ocorrer devido a qualquer fator que provoque uma alteração do equilíbrio fisiológico, podendo ser somatogênica (traumatismos, queimaduras, infecções, intoxicações, etc.) ou psicogênica (sustos, contrariedades, cólera, etc).

A febre serve para mobilizar as defesas imunológicas do organismo contra as infecções e situações de estresse, inibindo em alguns casos diretamente seu desenvolvimento. Quando o sistema de defesa do organismo detecta a presença de um elemento estranho ao corpo, como um vírus ou uma bactéria, começa a produzir um hormônio chamado E.P. (pirogênio endógeno) que, através de sua ação sobre o hipotálamo (região do cérebro que controla a temperatura do corpo), aumenta a temperatura do corpo, modificando seu funcionamento; todo o organismo se mobiliza para enfrentar o inimigo: o coração acelera seus batimentos para levar mais sangue e oxigênio para os tecidos, o ritmo respiratório fica acelerado para aumentar a quantidade de proteínas reativas e enzimas protetoras. Nessa luta contra o agressor, grandes quantidades de energia são distribuídas para todos os sistemas que dela necessitam.

Devemos, então, agir a favor da febre, nossa aliada contra o agressor, procurando sua causa. Cortar a febre por meio de antitérmicos que agem sobre o hipotálamo, é como tirar a capacidade de luta do organismo, tirar sua liberdade de agir por conta própria. O E.P., além de aumentar a temperatura do corpo, e com isso incrementar suas funções para uma defesa efetiva, também causa uma redução no nível de zinco e ferro no sangue, substâncias vitais para o desenvolvimento das bactérias, ajudando, portanto, a controlar a infecção e estimulando a resposta inflamatória do organismo.

A febre em si já significa uma vitória metabólica do organismo contra o inimigo. Quando cede naturalmente, a vitória sobre o agressor é completa. Por outro lado, vemos que em crianças desnutridas e em pessoas idosas podem ocorrer infecções gravíssimas, sem que apresentem febre. Não têm reação de defesa.

Alguns pacientes não podem ter febre alta e é necessário controlá-la com medicamentos, se atingirem níveis acima de 40,5 ou 41^o C. São os hipertensos, diabéticos, pessoas com insuficiência cardíaca ou sujeitas a convulsões.

Apesar de, na grande maioria das vezes tratar-se de uma reação de defesa, o médico deve sempre ser consultado, pois existem quadros febris de outra etiologia (por ex.: neurológica ou tumoral).

O que Observar em Casos Agudos

Os casos agudos são estudados da mesma maneira que os crônicos. Deve-se observar sempre o modo particular do paciente reagir. Exemplificando: a febre pode ser de baixa ou alta intensidade, o paciente pode ou não estar agitado, sentir sede ou não, a sede pode ser grandes ou pequenas quantidades, pode necessitar de água com maior ou menor frequência, pode transpirar ou não, etc. Nos casos em que existe dor, importa-nos saber se ela aumenta ou diminui com os movimentos, com a pressão, com aplicações quentes ou frias; qual a sensação exata, isto é, o tipo de dor (queimante, ardente, em cólica, em pontada, etc.), onde começa e para onde vai ou se estende, a exata localização, quais os sintomas que aparecem concomitante ou alternadamente. Se apresenta secreção nos olhos, nariz ou ouvidos, diarreia, observar a hora em que piora, a consistência, a cor, o odor, se irrita ou não a pele, etc.

O paciente deve estar atento e anotar os sintomas mais marcantes, peculiares e característicos. De acordo com os sintomas relatados, o médico pode chegar ao remédio exato, o que levará a um alívio quase que imediato ao paciente.

Em todas as doenças agudas ou crônicas, devemos investigar, na história do paciente, os fatores desencadeantes, fundamentalmente os emocionais, que precederam em horas, dias ou meses a doença. Os sentimentos e sensações que aparecem nesses momentos são essenciais para a escolha do medicamento mais adequado.

Num quadro agudo, médico e paciente devem ficar bem atentos a tudo, pois este é um momento de grande importância para se chegar à individualização do medicamento de fundo que, às vezes, não estamos conseguindo encontrar, e que irá equilibrar o paciente como um todo, auxiliando num tratamento crônico de difícil evolução.

Os Parasitas Humanos

Uma dúvida freqüente entre os pacientes que se tratam com Homeopatia é a questão dos parasitas que afetam o ser humano.

Obviamente esses parasitas só infestam o homem se encontrarem condições propícias para sua reprodução, crescimento e desenvolvimento. O ideal seria darmos o medicamento de fundo ao paciente, para que o próprio organismo eliminasse os parasitas.

No caso das verminoses é mais fácil enfrentar o problema, pois, mesmo que demore algum tempo para que o paciente elimine os vermes, os sintomas melhoram rapidamente.

No caso das parasitoses externas (piolhos, sarna) existe o problema social. Neste caso, fica a critério do médico, considerando cada caso particular, a utilização de outras medidas.

A propósito, Hahnemann diz na nota 14 da Introdução do **Organon**:

“Nas enfermidades verminosas, a expulsão dos vermes tem certa aparência de necessidade. Acham-se lombrigas em algumas crianças, e ascárides em muitas delas; porém esses parasitas dependem de uma afecção geral, unida a condições insalubres. Melhoram-se essas condições e cura-se homeopaticamente, sempre mais fácil nesta idade que em outra qualquer época da vida, e não haverá mais vermes, e as crianças terão uma saúde completa, ao passo que reaparecem em grande número depois do uso de purgantes, sozinhos ou associados..”*

Cuidados Durante o Tratamento

O paciente deve evitar ou diminuir qualquer tipo de estimulantes como café, chá mate, guaraná em pó, etc.

Deve evitar também o excesso de bebidas alcoólicas, principalmente as destiladas (aguardente, uísque, gin, vodca, etc.), sendo permitido, em quantidades moderadas, a cerveja e o vinho.

Não deve usar em si mesmo ou cheirar qualquer produto que contenha CÂNFORA, porque pode funcionar como antídoto dos medicamentos homeopáticos “cortando” sua ação; deve inclusive evitar ter produtos à base de cânfora em casa pois é uma substância extremamente volátil e pode inativar os medicamentos homeopáticos mesmo em seus frascos.

O paciente não deve usar qualquer tipo de pomada, creme ou unguento, sem antes consultar seu médico.

Deve evitar automedicar-se, a não ser com prévia orientação de seu médico, tanto com medicamentos homeopáticos como alopáticos.

Não deve experimentar o remédio de outra pessoa, como é muito comum entre as mães que experimentam o remédio do filho para ver se é ruim.

Não devem ser usados shampoos anticaspa e evitados os desodorantes que inibem a transpiração.

Como regra geral, é importante o paciente iniciar e continuar o tratamento sempre com o mesmo médico, a não ser que este encaminhe para outro colega a não que não haja empatia. A mudança de médico, além de causar certos constrangimentos, é sobretudo prejudicial ao próprio paciente, que cada mudança tem que reiniciar a pesquisa do *Simillimum*. O novo médico terá que começar da estaca zero. Além disso, os sintomas iniciais se modificam com as medicações sucessivas, dificultando a avaliação do enfermo, podendo levar a prescrições inadequadas.

O paciente deve procurar cada vez mais desenvolver sua auto-observação, isto é, criar uma consciência maior do seu próprio corpo e, no caso de crianças, os pais devem estar sempre atentos pois, em grande parte, o sucesso do tratamento depende disso.

Se o paciente se observa mais ou menos e anota mais ou menos suas observações, o médico vai receitar um medicamento mais ou menos certo e ele vai ficar mais ou menos curado.

Em alguns casos, pode haver necessidade de uma fase de transição terapêutica que deve ser sempre orientada pelo médico, com suspensão gradativa da medicação alopática e introdução da homeopática.

Ao comprar um medicamento homeopático, verificar sempre se o farmacêutico responsável é formado em Homeopatia, e não aceitar em hipótese alguma sugestão do mesmo no sentido de alterar a medicação prescrita pelo médico.

Capítulo 08

AUTO-OBSERVAÇÃO E RELATÓRIO

DURANTE O TRATAMENTO

Paulo Rosenbaum

“O impossível é o que vemos entre o desembarque dos que estão sonhando e o zarpar dos que acordaram agora.” P.R

Há em Homeopatia, como em todo processo terapêutico que vise alguma profundidade, uma necessidade básica, que poderíamos dizer essencial: AUTO-OBSERVAÇÃO. Por que? Porque é através dela que podemos enxergar a quantidade, a qualidade das mudanças ocorridas e é com ela que ambos, médico e paciente, podem refinar sua percepção.

Durante o tratamento homeopático, médico e enfermo devem estar atentos a absolutamente tudo que acontece, e tudo, na medida do possível deve ser muito bem registrado.

A auto-observação é, dentre os instrumentos que possuímos, o melhor meio de avaliação de todos os fenômenos que acontecem entre uma consulta e outra; é também a forma mais adequada para que os que estão em tratamento possam se avaliar nesses intervalos.

A Auto-observação

No que consiste essa auto-observação?

Tudo o que o indivíduo perceba, intua, analise, pense, imagine, sinta, etc., em todos os níveis: físico, mental e espiritual, tudo que se refere à vida do paciente pode ser considerado e tomado como uma informação (às vezes de importância vital). Nem sempre as percepções vêm de forma clara, muitas vezes a imagem que temos de nós mesmos apresenta-se subjetiva demais para que a verbalizemos ou registremos; mas não importa, pois para o tratamento, mesmo o mais vago, o mais etéreo e abstrato julgamento de si mesmo pode prestar um grande auxílio. Estas informações prestam-se a um maior conhecimento da individualidade, portanto o paciente não

deve ter receios de informar nada. Não há por que omitir informações que só devem servir a um conhecimento mais preciso de sua interioridade.

A própria consulta pode despertar pensamentos, dúvidas, lembranças. É por isso que as anotações devem ser iniciadas mesmo antes da ingestão do medicamento, para que possamos perceber a ordem dos acontecimentos. Às vezes até a experiência da aquisição do medicamento pode ser útil.

É em função destas necessidades que o relatório pedido durante o tratamento se torna muito importante, ele permite o registro fiel de todas as transformações durante o processo terapêutico. Muitas vezes os pacientes nos perguntam: o que exatamente eu devo anotar? A resposta é que qualquer anotação é válida, mas o que o médico deseja são as informações mais profundas (para cada um), aquelas que por algum motivo o paciente deixou de relatar durante a consulta (antes, durante e após a ingestão do medicamento), sintomas que já não apareciam há algum tempo, sintomas ou sensações que nunca experimentou antes. As informações de ordem geral como o sono, a transpiração, sede, preferências e aversões alimentares, ritmo intestinal, etc., devem ser assinaladas com o máximo de precisão possível (por exemplo: o dia, o horário, o momento, quanto durou, o que melhorava e/ou piorava, intensidade, sensações e impressões que vieram junto, etc.). Apesar da importância destas informações, o que o seu médico quer não é uma “agenda” onde constem suas atividades cotidianas, compromissos ou a narração do seu dia-a-dia (salvo se houver algum aspecto marcante).

Dois elementos decisivos nestes dados são a espontaneidade e o relato livre. A espontaneidade, porque faz com que o paciente possa se deixar levar pelos verdadeiros sentimentos que o dominam quando faz o relatório, o que permite que ele encontre uma afinidade com o ato de escrever, colocando sem limites o resultado de sua auto-observação. O relato livre proporciona uma certa criatividade no relatório, o que o torna menos esquemático, menos rígido, em muitos casos chegando a ser uma atividade agradável.

Estas instruções, contudo, devem contar uma advertência: não resumam seus relatórios. Inadvertidamente, muitas vezes eles são abreviados, reduzidos e até resumidos porque os pacientes imaginam que o original contém muita informação desnecessária, ou simplesmente está muito longo. Deixe que a consulta seja um espaço para que você e seu médico conversem sobre isto.

As Crianças

Um lembrete extra deve constar aqui no que se refere ao relatório de crianças. Os pais devem anotar com o máximo de isenção possível; ou seja, tentar na medida do possível, não interpretar.

Como fazer desta forma? Os pais (e quem mais convive com as crianças) devem anotar fatos, exemplos, tentando captar as palavras, os termos, as expressões originais que as crianças usam. Estas podem ser captadas nas brincadeiras, nos jogos de “faz de conta”, nas atividades escolares, etc.

Isto é importante para que o entendimento dos sintomas não seja alterado pela visão interpretativa de quem está observando. Os termos próprios, as expressões e palavras originais refletem de maneira mais fiel, menos preconceituosa, a realidade do que a criança é, sente e vive. Quanto mais precisa, quanto mais detalhada puder ser a descrição da seqüência dos eventos, tanto mais verdadeiramente estará representando a criança.

Contatos Telefônicos

Um outro item importante deste relatório são os contatos telefônicos mantidos com seu médico: tudo que for prescrito e orientado deve ser anotado pelos pacientes, pois não é possível o médico memorizar todos os medicamentos e orientações efetuadas. Da mesma forma, quando o paciente entrar em contato com quem o trata ou tiver que recorrer a um serviço de Pronto Atendimento homeopático, deve ter à mão as receitas anteriores. É aconselhável que as pessoas em tratamento anotem tudo, para que possam estar relatando ao médico que as estiver acompanhado todo o contexto em que estão inseridas.

Os Sonhos

Os sonhos constituem quase um capítulo à parte nestas instruções porque são hierarquicamente muito importantes; refletem nosso inconsciente e por isso podem auxiliar muito o tratamento no sentido de traçar com mais clareza um panorama do paciente e do medicamento

de que ele necessita. Na anotação dos sonhos é muito importante o momento do registro, já que, imediatamente, ao despertarmos eles estão mais acessíveis ao nosso consciente e podem ser lembrados. Deve-se ter também o cuidado de não reduzir os sonhos, pois, na verdade, com a aceleração do processo de conscientização, os sonhos vão ganhando uma complexidade maior. Neles podem estar presentes um outro lado dos nossos sentimentos e fantasias; podem estar repletos de sensações e imaginações, e tudo isto individualiza o sonho, torna-o mais completo, vivo e palpável.

Se for absolutamente impossível anotá-los logo ao acordar, aconselhamos rememorá-los repetidas vezes para posterior anotação.

Junto com os sonhos também devem ser anotados os nossos “sonhos “ no sentido mais amplo. Nossos desejos, nossas aspirações, impressões e experiências, que temos ou tivemos em relação ao mundo da fantasia, ilusões, estados de consciência diferentes do habitual, percepções (mesmo que rápidas) daquilo que grande parte das pessoas já experimentou pelo menos uma vez em suas vidas (em qualquer época: infância, adolescência, etc.).

Nesta retrospectiva, nesta “imagem de si mesmo” que o paciente faz ao anotar tudo que experimentou, ocorre um processo que aprofunda a relação entre médico e paciente, na medida em que o estudo de cada caso pode ser progressivamente melhorado. Outra vantagem deste procedimento é proporcionar o amadurecimento dos instrumentos que possuímos para nos perceber melhor, permitindo a tarefa, nem sempre fácil, de aperfeiçoar nosso autoconhecimento.

Capítulo 09

A ALIMENTAÇÃO DENTRO DO TRATAMENTO HOMEOPÁTICO

Ana Lúcia Dias Paulo

“A nutrição varia conforme a delicadeza e sensibilidade das espécies. Enquanto o verme disforme se alimenta no subsolo, a poética figura alada do beija-flor sustenta-se com o néctar das flores.”

Ramatis

O corpo humano é constituído a partir de uma simples célula - o óvulo fecundado - sob ação de uma força que denominamos Energia Vital. A origem dessa energia parece ser até certo ponto desconhecida, mas se pensarmos um pouco não é tão difícil supor que, provavelmente, deva ser idêntica à que move a Terra em torno do Sol e mantém todos os seres vivos.

Entretanto, sabemos que esta energia é independente da nossa vontade, é espontânea e dinâmica.

A Energia Vital, como já dissemos, permeia todos os seres vivos e com o mesmo poder que originou um novo ser também o manterá, enquanto vivo, em bom equilíbrio, numa perfeita harmonia entre os órgãos e sistemas, desde que se cumpram certas leis biológicas que regem o funcionamento normal do organismo e se evitem certos excessos e negligências tão prejudiciais ao nosso corpo. Assim, tão importantes como o ar que respiramos, são a nossa alimentação, os exercícios físicos e repousou adequado, para nos mantermos saudáveis.

A saúde é uma condição normal do ser humano. É um estado de equilíbrio fisiológico em que todos os órgãos trabalham harmonicamente, executando com perfeição todas as funções para que foram destinados. Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS), *“Saúde é um estado de completo bem-estar físico, mental e social e não consiste somente na ausência de doenças”*.

Desta forma, a alimentação é fundamental para que as funções orgânicas se desenvolvam normalmente e é natural que o organismo se ressinta quando esta alimentação, ao invés de mantê-lo em harmonia, o agride.

Claro que nada há de mal em se comer um doce de vez em quando, mas há que se ingerir outros alimentos também. A quantidade exata de cada um para cada indivíduo constitui, no seu conjunto, o que chamamos de uma DIETA EQUILIBRADA. Precisamos de alimentos de muitas espécies, e cada uma com sua função, seja para promover o crescimento, seja para nos manter saudáveis.

Assim, podemos perceber que é muito difícil ditar uma dieta alimentar única, pois esta deve se adequar a cada indivíduo, respeitando suas características próprias.

Começando por nossas crianças, devemos realmente nos preocupar com elas; para que sejam adultos saudáveis é necessário que tenham uma alimentação balanceada.

É triste perceber que o gosto do suco de laranja é semelhante ao refrigerante da mesma cor - o que estará acontecendo? Será uma mudança total de valores, que muitas vezes nos leva a acreditar que a cor laranja é igual ao sabor da fruta laranja? As nossas crianças, por vários motivos estão se distanciando cada vez mais da natureza, dos animais, da terra, e é a eles, sem dúvida, que devemos retornar. Vamos procurar dentro de nossa sociedade consumista criar em nossas crianças hábitos mais saudáveis, como preferir sucos naturais de frutas aos artificiais ou refrigerantes, alimentos caseiros aos enlatados ricos em conservantes.

Os nossos órgãos e sistemas estão preparados para metabolizar o que é natural, entretanto, eles também tentarão metabolizar os artificiais, mas às custas de quê? A resposta está na nossa qualidade de vida e nossa longevidade.

A nossa Energia Vital é nutrida com vitalidade também, e como ela está em tudo que é vivo, está claro que as verduras, legumes e frutas, são ricos em energia e têm a vitalidade que necessitamos; já os alimentos refinados, como o açúcar, sal, arroz, farinhas, leite em pó acabam perdendo quase todas as suas propriedades vitais durante o processamento. Em se pensando em uma qualidade de vida melhor, devemos preferir os cereais integrais (arroz, aveia, trigo), o sal marinho, o açúcar mascavo ou o mel e o leite "*in natura*".

Se analisarmos as grandes descobertas do homem, o fogo provavelmente está entre as maiores. O fogo elevou o homem primitivo a uma condição de vida superior, mas nem sempre nos damos conta de que o fogo, da mesma forma que é energia para construir, é também devastador e

destruidor; o fogo é capaz de acabar com uma floresta inteira que levou centenas de anos para se formar. Desta maneira, o fogo aplicado aos alimentos pode acabar por destruir sua vitalidade; portanto, além dos alimentos cozidos, sugerimos incluir na dieta também os alimentos crus (embora algumas correntes, como a macrobiótica, os desaconselhem). O fogo transforma os alimentos duros em moles, o que leva a um uso cada vez menor dos dentes que, como todos os órgãos, são extremamente importantes: precisamos dos alimentos crus, os de consistência mais dura que, além de estimular os dentes no ato da mastigação, promovem o início da digestão.

Lembremos da carne: indispensável para alguns e totalmente abominada por outros. Ela provém de um ser morto, portanto sem vitalidade; depois vêm os processos de congelamento e aquecimento que fazem dela algo quase que deteriorado, sem falar nos antibióticos, vacinas, hormônios e vermífugos a que os animais são submetidos. Mas como ficar sem ela? Como substituí-la sem que nosso organismo se ressinta? Não é tão difícil assim. O segredo está em variar muito as espécies alimentares, para que nossas necessidades sejam gradualmente supridas.

Mas quão difícil é comer corretamente com tantas opções que a vida moderna nos oferece! Devemos tentar fazer o melhor possível: não medir esforços para encontrar as verduras, frutas e legumes sem agrotóxicos, **TER AMOR** ao fazer a comida de nossa família, fazê-la em casa e não simplesmente trazê-la pronta. A natureza ainda está a nosso favor, ela nos oferece tudo; escapemos também dos conservantes e acidulantes que podem, com o uso indiscriminado, serem nocivos à nossa saúde.

Bem, todos não de perguntar, mas onde está a dieta equilibrada? Ela está dentro de cada um, no seu amadurecimento, na conscientização do que buscamos, no futuro que almejamos para nossos filhos. E como a natureza é rica, nos deu uma variedade enorme de espécies alimentares.

A dieta equilibrada se baseia em comer **UM POUCO DE TUDO**, sem exageros, sem intoxicarmos nosso corpo, pois um dos grandes erros talvez esteja no excesso e na falta de determinados alimentos, o que determina a falta de qualidade da mesma.

Aconselhamos, portanto, que se coma verduras cruas bem como as cozidas, as frutas, os amidos, doces, carnes, peixes, mas tudo da maneira mais natural possível, em quantidades equilibradas, ou seja, **UM POUCO DE TUDO**.

Para facilitar nosso dia a dia, fornecemos abaixo uma relação de espécies vegetais e outros alimentos com as respectivas épocas do ano, e uma classificação dos alimentos vegetais.

TABELAS DE PRODUTOS E RESPECTIVAS ÉPOCAS

HORTALIÇAS - Verduras e Legumes

	J	F	M	A	M	J	J	A	S	O	N	D
abóbora	•	•	•	•	•	•	•	•				
abobrinha	•	•	•	•	•					•	•	•
acelga						•	•	•	•	•		
agrião	•	•						•	•			
alcachofra										•	•	•
alface				•	•	•	•	•	•	•	•	
alho	•	•	•	•	•	•				•	•	•
almeirão	•							•	•	•	•	•
aspargo	•	•	•	•								
batata doce	•	•	•	•	•	•	•					
berinjela	•	•	•	•	•							
beterraba	•	•						•	•	•	•	•
brócolis	•					•	•	•	•	•		
cará			•	•	•	•	•	•				
catalonia								•	•	•	•	•
cebolinha	•	•	•								•	•
cenoura	•					•	•	•	•	•	•	•
chicória	•							•	•	•	•	
	J	F	M	A	M	J	J	A	S	O	N	D
chuchu			•	•	•	•				•		
cogumelo	•	•	•	•	•	•			•	•		
couve	•	•						•	•	•	•	•
couve-flor								•	•	•		

erva-doce							•	•	•	•			
ervilha						•	•	•					
escarola	•							•	•				
espinafre	•							•	•	•	•	•	
feijão	•	•		•	•							•	
gengibre	•	•	•	•	•	•	•	•	•	•	•	•	
inhame	•	•	•	•	•	•	•	•					
jiló	•	•	•	•	•								
mandioca	•	•	•	•	•	•	•						
mandioquinha	•	•	•	•	•	•	•	•	•	•			
milho	•	•	•	•								•	
nabo	•							•	•	•	•		
palmito	•	•	•	•	•	•							
pepino	•	•	•	•							•	•	
pimenta	•	•	•	•	•								
pimentão	•	•	•	•	•								
quiabo	•	•	•	•	•								
rabanete	•							•	•	•	•	•	
repolho	•	•	•	•						•	•	•	•
rúcula	•				•	•	•	•					
salsa	•	•			•	•	•	•	•	•	•	•	
salsão	•	•							•	•	•	•	
tomate	•	•			•	•	•					•	
vagem	•		•	•	•					•	•	•	

PRODUTOS DIVERSOS

	J	F	M	A	M	J	J	A	S	O	N	D
batata inglesa	•	•	•	•	•	•						

mamão				•	•	•	•					•	
maracujá	•	•	•	•	•	•	•						
melancia	•	•	•	•	•	•						•	•
melão	•	•	•					•	•				•
morango								•	•	•	•	•	
nectarina												•	•
pêra	•												
pêssego	•											•	•
tangerina				•	•	•							
uva	•	•	•										

PESCADO - Água salgada

	J	F	M	A	M	J	J	A	S	O	N	D
atum	•	•			•	•	•					
bonito	•	•	•		•	•	•					
cação	•	•	•		•	•						
camarão	•	•	•		•	•	•	•	•			
enchovas	•	•		•			•	•				
espada	•	•	•	•	•	•						
linguado	•	•	•			•	•					
lula	•	•	•	•	•	•	•					
manjuba	•	•	•									
pescada	•	•		•	•	•	•					
sardinha	•	•	•	•	•	•	•					
tainha	•	•	•		•	•						

PESCADO - Água doce

	J	F	M	A	M	J	J	A	S	O	N	D
dourado	•	•	•		•	•	•					
lambari	•	•	•	•	•	•						
pintado	•	•	•	•	•							
traíra	•	•	•	•	•	•						

CLASSIFICAÇÃO DOS ALIMENTOS VEGETAIS

SEMENTES OU LEGUMINOSAS

amendoim	grão-de-bico
ervilha	lentilha
feijões	milho verde
feijão azuki	soja
feijão verde	tremoço

RAÍZES

aipim	mandioquinha
aipo-de-raiz	nabo
barbana	pastinaca
beterraba	rabanete
cenoura	raiz forte
mandioca	

FOLHAS

acelga	cebolinha
agrião	cheiro verde
aipo	chicória

alcachofra	couve
alface	escarola
almeirão	espinafre
aspargo	folha alho
bertalha	folha batata doce
beterraba	folha mandioca
breo	mostarda
broto de	repolho
abóbora	
broto chuchu	rúcula
broto feijão	salsa
caruru	talo de inhame
cebola	vinagreira

BULBOS

alho-comum	cebola
alho-porro	

FLÔRES

abóbora	couve-flor
alcachofra	sabugueiro
brócolis	

FÉCULAS OU TUBÉRCULOS

araruta	cará
batata doce	inhame
batata inglesa	

CEREAIS OU GRÃOS

arroz	centeio
aveia	milho
cevada	trigo

FRUTOS OU LEGUMES

abóbora	maxixe
abobrinha	palmito
berinjela	pepino
broto de	pimenta
bambu	
chuchu	pimentão
jiló	tomate
jurubeba	vagem

FRUTAS

abacate	goiaba
abacaxi	laranja
banana	mamão
caqui	maça
caju	pêssego
coco	tangerina

Capítulo 10

MEDICINA PREVENTIVA E HOMEOPATIA

Ariovaldo Ribeiro Filho

“O médico é igualmente um conservador da saúde, se conhece as coisas que a perturbam, causam e mantêm a doença, e sabe afastá-las do homem são.”

S. Hahnemann

PREVENINDO E TRATANDO HOMEOPATICAMENTE

A Homeopatia, em essência, é uma medicina preventiva, pois age aumentando a resistência do organismo. Isto se realiza:

- a) Espaçando, amenizando e prevenindo os quadros agudos.
- b) Modificando o modo de reação do organismo, tornando-o menos predisposto a adoecer.

Por ex.: no indivíduo que se trata homeopaticamente nota-se uma menor tendência a adquirir doenças, sejam elas infecciosas ou não; e se tal ocorre, manifestam-se na maioria dos casos de forma mais branda, curando-se facilmente e sem maiores conseqüências.

O tratamento homeopático exige uma atenção integral ao doente e para tanto dois pontos básicos, em relação à saúde, devem ser abordados: Orientações Gerais e Medicamentosa.

ORIENTAÇÕES GERAIS

Considerando-se que a Medicina Preventiva lança mão de recursos que visam prolongar a vida, promover a saúde e a eficiência física e mental, é básico seguir, paralelamente ao tratamento, certas orientações:

- a) para não adoecer, as pessoas devem ter acesso a uma alimentação equilibrada e sem agrotóxicos (ver capítulo anterior).

b) devem morar em local adequado, isto é, em casa arejada e ensolarada. Deve haver condições sanitárias mínimas, que vão desde a limpeza e higiene local até o saneamento básico (esgoto e água tratada).

São importantes também:

c) uma atividade profissional não excessivamente desgastante, remunerada dignamente: ter atividade física regular (esporte), acesso ao lazer e férias anuais em locais de ar, água e solo não poluídos.

d) condições de realização individual, tais como realização profissional, desenvolvimento de atividades criativas (música, pintura, etc.), livre exercício do pensamento e religião.

e) abolir a automedicação, pois provavelmente não haveriam tantas doenças hoje, se as pessoas não tivessem o péssimo hábito de tomar medicamentos por conta própria como: analgésicos, antitérmicos, antialérgicos, antibióticos e até mesmo os homeopáticos, em geral de indicação local, pois com isto mascaram a manifestação da doença, do desequilíbrio da Energia Vital, enquanto ainda é uma doença sem gravidade, propiciando o desenvolvimento e cronificação da mesma.

ORIENTAÇÃO MEDICAMENTOSA

a) O Remédio Constitucional ou de Fundo

O tratamento homeopático com o medicamento de fundo, adaptado à totalidade dos sintomas, orientado, muitas vezes, quando o indivíduo passa bem, representa o recurso ideal para garantir o equilíbrio, ampliar a resistência natural e despertar a imunidade frente a qualquer agente agressor, seja infeccioso (bactéria, vírus), seja alérgico (pó, produtos industrializados) ou seja emocional (sustos, decepções).

b) As Doenças Contagiosas

Nestes casos é necessário primeiramente isolar o doente quando for o caso, tomar os cuidados higiênicos adequados para que a comunidade não se contamine e tratá-lo homeopaticamente. Em segundo lugar, aumentar a resistência das pessoas ainda saudáveis, atuando desde o nível alimentar até a prescrição correta do medicamento constitucional.

c) As Epidemias

No caso de surto de uma doença em que muitos indivíduos estão sendo acometidos, medidas de imunização específica também devem ser tomadas; no caso, um medicamento homeopático específico para o conjunto de sintomas da doença, que prevalecem naquela epidemia. Vale ressaltar que não se trata de vacina, pois em Homeopatia isso não existe, mas sim de um medicamento homeopático preventivo que não produzirá reações tóxicas ou alérgicas.

Entre os inúmeros fatores que justificam a adoção da Homeopatia na Saúde Pública, cumpre destacar: a não toxicidade, a eficiência, a fácil administração e o custo acessível.

ESQUEMATICAMENTE TEMOS:

a) Medidas de Higiene Individual

- Alimentação
- Moradia, trabalho, vestuário
- Condicionamento físico, lazer

b) Medidas de Higiene Ambiental

- Condições adequadas de salubridade do ar, da água e do solo

c) Medidas de Higiene Mental

- Condições de realização individual
- Relações humanas, condições de trabalho
- Moral, religião e pensamento

d) Controle do Uso de Medicamentos

- Conscientização dos pacientes e profissionais de saúde
- Regulamentação do uso dos diversos meios terapêuticos

e) Tratamento Individual

- Medicamento de fundo

f) Medidas Preventivas

- Tratamento e isolamento dos doentes
- Medidas preventivas comunitárias
- Imunização específica

O IDEAL E O REAL

PANORAMA ATUAL

O panorama da saúde pública no Brasil de hoje é totalmente caótico. Houve época em que o atendimento nos Postos de Saúde era abrangente, os Hospitais Públicos eram aceitáveis e os Hospitais Universitários, modelos para a rede hospitalar. Com o tempo vem havendo uma deterioração progressiva da saúde, no setor público, deste país. Há queixas generalizadas quanto ao atendimento. Na maioria dos serviços há falta de pessoal e de equipamentos que, quando existem, são obsoletos, inoperantes ou estão quebrados. Há falta de liderança, de eficiência, de produtividade e de resultados práticos. Os doentes ficam em bancos de espera e macas, em ambientes que, em certos locais, chegam a ser deploráveis.

Aliada a isto, a condição atual de pobreza, quase absoluta, de 50% da população. Artigos recentes mostram que 40% da população passa fome, 30% das crianças são desnutridas e 60% das mortes de crianças até os 4 anos de idade são causadas, direta ou indiretamente, pela fome. Esta gente vive em locais totalmente insalubres, em casas de pau-a-pique, com esgotos a céu aberto, sem água tratada, convivendo com o lixo e a imundície. A condição familiar é péssima e por influência do meio as crianças acabam se marginalizando. A condição salarial é incompatível com a sobrevivência. A assistência primária à saúde e à educação, quando existem, são de baixíssima qualidade.

A QUEM CABE RESOLVER ESTA SITUAÇÃO?

Diante desse quadro, o problema deixa de ser homeopático ou alopático e passa a ser político, pois cabe ao Estado, dentro das características de suas funções, aplicar os programas de educação em Saúde Pública (higiene, amamentação, pré-natal, etc.); programas de controle das endemias e epidemias; tabagismo, drogadição, AIDS, etc. Isto é a base da orientação de saúde de toda uma população. Quando se tem uma boa assistência primária, aliada a uma condição sócio-econômica aceitável se adoece muito menos.

REALIDADE ATUAL E ATUAÇÃO HOMEOPÁTICA

Atualmente a Homeopatia vem sendo introduzida em Postos de Saúde da rede pública, com excelente aceitação por parte da população, principalmente por causa da retomada do contato integral e individualizado com o paciente, abrangendo seus problemas familiares, psicológicos, clínicos, etc., facilitado pelo maior tempo disponível para cada consulta.

É fundamental saber qual é o ideal pretendido de saúde e qual é a realidade atual, e saber também que a distância entre um lado e outro, principalmente nos países da América Latina, é bastante grande. Isto inviabiliza, muitas vezes, o resultado esperado de cura de um doente, por um lado, ou de manutenção de saúde por outro. Mas é certo que a Homeopatia, através da exigência de uma visão individualizada, somada às ações de orientação medicamentosa, aproxima estes pólos. Por isso, é crucial a conscientização das limitações e dificuldades a enfrentar, mas também das vantagens do método homeopático, que traz de volta aquela relação pessoal e íntima, muito parecida com aquela que exercia o médico de família. Relação ideal para que os verdadeiros problemas de saúde não só de uma pessoa, nem só de uma família, mas sim de toda sociedade possam ser resolvidos.

Capítulo 11

OBSTÁCULOS À CURA

Hahnemann fala dos obstáculos à cura em vários parágrafos do seu livro *Organon da Arte de Curar*:

No parágrafo 156, fala das influências medicinais heterogênicas sobre o paciente, dos erros de regime e excitações das paixões;

No parágrafo 183, fala dos pacientes muito entorpecidos de modo que suas dores e sofrimentos não são claramente percebidos pelo médico;

No parágrafo 186, fala da presença de corpos estranhos, fraturas e cortes abertos, obstáculos externos que impedem a cura;

No parágrafo 108, nos alerta que a idade do paciente, seu modo de vida, sua dieta, profissão, relações sociais, e assim por diante, devem ser levados em consideração, a fim de verificar se tais coisas contribuíram para aumentar seu mal ou até que ponto podem favorecer ou retardar o tratamento e que, da mesma forma, sua disposição física e mental deve ser observada, a fim de se saber se isto representa qualquer obstáculo no tratamento ou requer que seja dirigido, estimulado ou modificado.

Entretanto, é no parágrafo 260 que ele explicita bem, segundo sua visão, todos os obstáculos à cura:

“Daí a cuidadosa investigação de tais obstáculos à cura ser ainda necessária no caso de pacientes de males crônicos, pois seus males são geralmente agravados por tais influências nocivas e outros erros causadores de moléstias, na dieta e regime, que freqüentemente passam despercebidos: café, chá-da-Índia e outras ervas, cerveja preparada com substâncias vegetais medicinais inadequadas ao estado do paciente; os chamados licores finos feitos com aromáticos medicinais; ponches de quaisquer espécies; chocolates aromáticos; águas aromáticas e perfumes de diversas espécies; flores muito perfumadas no quarto; pós e

essências dentais, sachês perfumados; pratos e molhos altamente condimentados; vegetais medicinais crus em sopas; pratos de ervas, raízes e talos de plantas que possuem propriedades medicinais; aspargos longos e pontas verdes, lúpulo; aipo, cebola; queijos velhos e carnes em estado de decomposição (como carne e gordura de porco, pato e ganso, ou vitela muito nova ou carnes azedas) devem certamente ser negados aos pacientes, pois estes devem evitar quaisquer excessos na alimentação, no uso de açúcar e sal, bem como bebidas espirituosas não diluídas em água; quartos quentes, roupas de lã diretamente sobre a pele, vida sedentária em recintos fechados, ou abuso de exercícios passivos (como equitação, dirigir carruagens, exercitar-se em balanços), amamentação prolongada, sestas prolongadas (deitado), ficar acordado até tarde da noite, falta de limpeza; práticas anormais, excitação causada pela leitura de livros obscenos, ler deitado, onanismo ou relações sexuais imperfeitas ou suprimidas de modo a evitar concepção; ataques de ira, pesar ou mortificações, paixão pelos jogos, esforço demasiado da mente ou do corpo, especialmente após as refeições; morar em lugares pantanosos, quartos úmidos, levar vida de penúria, etc. Todas estas coisas devem, tanto quanto possível, ser evitadas ou removidas a fim de que não se impeça ou impossibilite a cura.

Alguns de meus discípulos parecem aumentar, sem necessidade, as dificuldades da dieta dos pacientes proibindo-lhes o uso de muitas outras coisas, toleravelmente indiferentes, o que não é recomendável. ”

Embora Hahnemann seja tão rígido em suas proibições e recomendações, não estabelecendo uma diferenciação clara do que deveria ser realmente proibidos aos pacientes, por se constituírem em obstáculos à cura, e o que deveria ser evitado durante o processo de re-equilíbrio da EV, gostaríamos de esclarecer que quando o paciente está sob a ação do **Simillimum**, quando já está em marcha seu processo de cura, em geral, nada interfere em sua ação, ressalvados os excessos de todos os tipos.

Capítulo 12

LIMITAÇÕES DA HOMEOPATIA

Hahnemann, no parágrafo 67 do *Organon*, coloca-nos os limites da Homeopatia da seguinte maneira:

“Só nos casos de maior urgência, em que perigo de vida e morte iminente não dão tempo para a ação de um medicamento homeopático, em acidentes repentinos com indivíduos até então sãos...”

Portanto, existem situações em que se deve atuar com medidas salvadoras da vida, como, por ex., nos casos de afogamentos, asfixias, envenenamentos, congelamentos, hemorragias graves, grande perda de líquidos corporais e também nos casos de fraturas e urgências cirúrgicas em que a Homeopatia, apenas, não poderia restabelecer totalmente a saúde do paciente.

Entretanto existem fatores pouco conhecidos e/ou avaliáveis que influenciam nos resultados do tratamento homeopático:

1) o número reduzido de patogenesias, em vista da imensidão de espécies animais e vegetais, ou de substâncias químicas, que poderiam se tornar medicamentos. Teoricamente, todas as substâncias dos três reinos poderiam ser medicamentos e, dessa maneira a substância/medicamento que seria o *Simillimum* de um determinado paciente pode não ter sido ainda estudado/experimentado.

2) a escolha do medicamento *Simillimum* depende tanto do médico como do paciente: do **médico**, no sentido de sua maior ou menor experiência, de seu conhecimento da Matéria Médica, da doutrina homeopática e de medicina geral, de seu estado de espírito no momento da consulta, de modo a permitir uma boa compreensão e individualização do paciente; do **paciente**, porque pode não conseguir, muitas vezes, expressar com clareza seus sintomas ou porque não se auto-observa e/ou não faz anotações entre uma e outra consulta, levando o médico a entendê-lo de forma parcial ou incompleta, ou porque não apresenta sintomas característicos que permitam a escolha do medicamento adequado. Esses fatores independem da classe social ou nível cultural do paciente.

3) às vezes, os sintomas do paciente estão mascarados por medicações anteriores, tanto alopáticas como homeopáticas, dificultando a individualização exata do Simillimum.

4) existem pacientes que buscam uma cura rápida (às vezes milagrosa), pressionando seu médico por que não obtém uma melhora a curto prazo, esquecendo, muitas vezes, que sua “enfermidade” tem anos de duração, dificultando dessa maneira o tratamento e as prescrições.

Considerando todas as variáveis acima poderíamos dizer que, de maneira geral, todas as vezes em que as condições do doente permitem a aplicação da Lei dos Semelhantes, a Homeopatia deve atuar com eficiência, curando-o.

Obviamente, não vamos pretender reduzir uma fratura com remédios homeopáticos. Entretanto, a Homeopatia pode ajudar na recuperação do organismo, mesmo em processos patológicos irreversíveis, devolvendo ao paciente o melhor equilíbrio possível dentro de suas condições orgânicas. Existem os casos cirúrgicos e o médico homeopata deve avaliar quando a cirurgia deverá ser indicada ou absolutamente necessária.

A Homeopatia deve ser entendida como uma tentativa de compreensão da própria natureza do homem. Não como um mero sistema terapêutico, mas uma parte do saber humano que tem por objetivo conservar a saúde do homem e curar suas enfermidades. Entretanto, tem permanecido sempre à margem, sendo considerada uma medicina alternativa, com limitações de recursos, sendo o número de pesquisadores e de professores extremamente reduzido. Porém, temos absoluta certeza de que as limitações da Homeopatia se reduzirão progressivamente, à medida em que forem surgindo novos conhecimentos, através de pesquisas mais aprofundadas de novos medicamentos.

Todo paciente deveria ser reeducado dentro dos princípios da Homeopatia, para poder colaborar e, assim, diminuir as causas de insucesso.

Capítulo 13

A CRIANÇA NA HOMEOPATIA

Corrado Giovanni Bruno

É generalizada a idéia de que a Homeopatia não tem especializações. Como falar, então, em Pediatria dentro da terapêutica homeopática?

Na realidade o que existe é a necessidade cada vez maior de um aprofundamento em determinados campos da medicina. É muito importante, por exemplo, conhecer de maneira mais aprofundada a Ginecologia e a Obstetrícia, assim como buscar o conhecimento mais específico em relação à criança, para tratar de nossos pequenos pacientes. Mas, em quaisquer desses casos - Ginecologia ou Pediatria - o médico não se afasta da filosofia e prática homeopáticas: o indivíduo como um todo é o que importa.

A Pediatria não rompe com a visão individualizada do ser, mas também não considera a criança como um adulto em miniatura. Ao contrário, ela é considerada como um ser em constante crescimento e desenvolvimento, diferente a cada dia. Para acompanhar esse desenvolvimento, é preciso assimilar uma série de conhecimentos que permitam estabelecer um certo limite entre o que é ou não normal em crianças, e mostrem uma visão mais acurada dos comportamentos e sintomas infantis. Portanto, a especialização é coerente, entra como um aditivo, uma ajuda ao diagnóstico, que é de extrema importância para o paciente.

A Homeopatia age na Força Vital, por estímulo energético, conseguindo desta forma que o organismo tenha reações que o conduzirão à cura, ao equilíbrio. Enquanto o remédio homeopático age através desse estímulo, o efeito do remédio alopático ocorre por reação bioquímica. É importante estabelecer essa diferença entre Homeopatia e Alopatia ao considerarmos o tratamento dos pacientes.

Vejamos: quando uma criança está com tosse, o homeopata encara esse sintoma como uma reação do organismo. Ela está tossindo porque tem necessidade de expelir catarro, expelir alguma coisa nociva. Do ponto de vista homeopático, o medicamento é indicado para provocar no organismo um conjunto de reações que levem à cura da tosse, mas o importante não é suprimi-la, é

fazer com que o organismo reaja de tal forma que desapareça por “falta de necessidade” e não por “supressão”, como acontece quando toma um antitussígeno, que acaba eliminando-a. A criança parou de tossir, mas ela está bem? O mesmo acontece com os antidiarreicos: se o paciente apresenta diarreia é porque o organismo está tentando eliminar alguma coisa. A prova disto é que, quando ingerimos algum alimento deteriorado, temos vômito, diarreia, etc., porque nosso organismo tenta expelir o agente agressor com um movimento maior da musculatura do intestino. O remédio alopático inibe esses movimentos, e os elementos nocivos permanecem no organismo durante um tempo maior. O mal que este processo causa ao organismo só mais tarde aparece: “cura-se” a diarreia, mas surgem outros sintomas sob diversas formas como tosse, asma, eczema ou uma úlcera na perna.

A medicina convencional, em geral, não dá importância a tais fenômenos porque não considera o indivíduo como um todo. Vejamos um exemplo comum: a criança foi ao pediatra e se “curou” de uma diarreia; quando apareceu o problema de pele foi ao dermatologista e este a “curou” do problema com um corticoide: suprimiu a lesão e a doença que estava evoluindo teve seu processo externo interrompido. Após esta supressão, pode aparecer uma asma e o paciente irá ao alergista. Três médicos foram envolvidos, encararam as doenças como fatos isolados, medicaram a criança com um medicamento específico e ela continuou doente. Na realidade o processo era apenas um: a doença tentando exteriorizar-se, sair, e sendo impedida pelos remédios.

Como já dissemos, o remédio homeopático é um estímulo energético na Força Vital, para que as reações do organismo “empurrem” a doença para fora. Isto é tão correto, que existem as agravações nos tratamentos homeopáticos. Por exemplo: toma-se o remédio para gripe e ela aumenta de intensidade, com dor de cabeça, catarro, etc. Isto significa que o organismo recebeu o estímulo que necessitava e logo caminhará para a cura.

A criança tratada com Homeopatia “aprende” a reagir, tornar-se cada vez mais resistente aos agentes ambientais nocivos, enquanto que aquela que tem seu processo de manifestação da doença truncado jamais reagirá completamente.

A medicina preventiva coletiva, dentro do esquema médico convencional, sem dúvida é a melhor, pois previne doenças, evitando os agentes externos. Entretanto, é muito difícil eliminar todos os agentes nocivos, como banho frio, golpe de vento, crise de ciúme, viagem do pai, que são fatores suficientes para adoecer uma criança. Nesses casos a medicina preventiva não consegue

agir. Como, com o tratamento homeopático, a criança se torna mais reativa, sob este ponto de vista é a melhor medicina preventiva que existe, tanto em termos físicos quanto mentais. A medicina preventiva cuida do meio ambiente: se há um número muito grande de tuberculosos, vacina-se; se há uma incidência muito grande de hepatite, melhoram-se as condições sanitárias; mas ela não consegue prevenir, por exemplo, a grande incidência de diarreia em crianças por ocasião do desmame, pois isto envolve a constituição da criança e sua personalidade.

O Tratamento Familiar

Não adianta tratar só a doença sem atacar o fator causal. Costuma-se até dizer que a criança é o termômetro da família. Tudo que acontece em casa se reflete nela. Por que, ela que estava alegre, pulando e brincando, de repente adocece? O que teria acontecido no meio ambiente? Muitas vezes o motivo é uma briga entre os pais, ou um susto muito grande. Evidentemente não estamos falando de lares completamente adversos, mas de pequenos desequilíbrios que impedem os adultos de trabalharem com a criança de forma mais adequada. Os pais, submetidos a tratamento homeopático, tendem a equilibrar sua Energia Vital, evitando também muitas atitudes prejudiciais à criança. Existem crianças que têm carência afetiva, não por falta de atenção, mas porque têm necessidade maior de afeto e a toda hora chamam a atenção. Os pais que não conseguem, por qualquer razão, trabalhar este problema, se fizerem um tratamento homeopático, ao mesmo tempo que a criança, podem encarar a questão com mais naturalidade e conseguem corresponder melhor às suas expectativas. Sem dúvida, no lar onde os comportamentos são mais estáveis, onde existe maior harmonia, a criança pode se desenvolver melhor, sem apresentar tantas doenças.

O Tratamento Homeopático e as “Sensibilidades”

Uma atuação importante sobre a criança é tratá-la antes do nascimento, durante o período de gestação. Esse tratamento é importante, porque determinadas sensibilidades são hereditárias, ou seja, correspondem a tendências constitucionais que podem ser tratadas antes do nascimento. Por exemplo: a incidência muito grande de tuberculose numa família pode indicar que há uma predisposição genética para adquirir a doença. Assim, quando uma gestante procura um médico

homeopata e ele percebe essa tendência, existe a possibilidade de se fazer com que a mesma seja diminuída, pela administração de um medicamento apropriado para a mães. Procedimentos idênticos poderiam ser adotados com relação à sífilis, ao câncer, etc.

A criança, cuja mãe realizou o pré-natal tratada pela Homeopatia, parece ser mais calma, nasce menos predisposta às doenças, pois a ação do remédio homeopático diminui sua sensibilidade. Além disso, o remédio homeopático equilibra a EV da mãe, torna-a menos ansiosa e, em consequência disto, transmite menos ansiedade ao filho.

“A única finalidade do médico é curar”, dizia Hahnemann. Se esta é a finalidade, qual seria a conotação da palavra CURAR? Para os médicos homeopatas, curar é criar condições para que o paciente possa escolher seu caminho de vida sem a limitação de um desequilíbrio patológico. E ninguém duvida que se uma pessoa estiver equilibrada, em harmonia consigo mesma, não agredirá os semelhantes, não provocará guerra por razões egoístas ou desejará avaramente dinheiro com prejuízo de outros.

Em outras palavras, se a EV de todas as pessoas estivesse equilibrada, provavelmente o mundo seria diferente. Assim, melhorando o pai, a mãe e o irmão, a criança estará também reagindo melhor, de forma mais saudável, não só física, mas também emocionalmente.

A Posição dos Pais no Tratamento do Filho

O adulto sabe descrever sintomas ao médico homeopata. Se está com dor de cabeça, sabe descrever as características da dor e as ocasiões em que ela aparece ou deixa de se manifestar, bem como as condições externas que a agravam: ruído, luz, pessoas falando, etc. Já no caso das crianças, há muita dificuldade delas localizarem ou verbalizarem a dor ou detalhes que sejam importantes para o médico homeopata; assim, depende muito da observação dos pais e é necessário que ele mesmo, o médico, observe acuradamente a criança durante o tempo de consulta. O homeopata tem que reparar em detalhes que para outro médico seriam irrelevantes; mas quem, em geral, fornece as informações mais valiosas são os pais. Por isso, eles devem se tornar observadores por excelência dos filhos. Devem observar tudo: modo de ser, humor, modo de agir, como se relaciona com as pessoas, comportamento nos brinquedos, na escola, sinais físicos, etc. O médico homeopata tem necessidade de muitos dados para indicar um medicamento. Não é simplesmente pela frase “a

criança está com febre”, que o médico administrará remédio. Tem também necessidade de saber: quando iniciou, se a febre é constante, se o calor é só na cabeça ou no corpo inteiro, se as mãos e/ou os pés estão frios, se tem os olhos brilhantes ou injetados, se o rosto está pálido ou avermelhado, se apresenta ou não delírio, se tem a boca seca, se tem ou não sede, se bebe água a toda hora ou com grandes intervalos, se transpira e onde transpira, etc.

Mesmo no plano mental, deve-se observar o comportamento das crianças. São sintomas difíceis de serem detectados, mas não impossíveis. Muitos dados são fornecidos pela observação cuidadosa: uma expressão de susto ao baixar ou levantar a criança do berço, o acordar pelo menor ruído feito no quarto, o choro ou medo por alguma cena vivenciada, etc. Esses sintomas podem ser observados até em recém-nascidos.

O “Monstro da Febre”

Em 80% dos casos a febre vem em decorrência de uma infecção, que vem porque a criança está “chamando por ela”. Armou toda uma situação para a infecção chegar e se estabelecer. Estava predisposta, sensível para que ela viesse. Mas o que causou a infecção? Muitas vezes as crianças vêm para consulta com gripe, que é uma infecção, mas três dias antes o avô foi embora ou nasceu um irmão. Este fato desencadeou um sentimento de abandono e ciúmes, respectivamente, e quando lhe damos um remédio não vamos nos basear só na gripe, mas também no sentimento gerado pelo acontecimento. Como um sentimento de abandono resolvido vai curar a gripe? Realmente era uma sensibilidade aberta para receber a gripe, e na hora em que fechamos a porta para a infecção ela desaparecerá. Então, não devo preocupar-me só com a febre e a infecção, mas também com o estado psicológico da criança.

Claro que nem sempre a infecção é provocada a partir de fatores psicológicos. Com um ambiente externo muito hostil, nossas defesas, mesmo quando muito fortes, não resistem. É o mesmo que pegar uma criança e jogá-la dentro de uma “panela de germes”; mesmo que esteja bem, com a energia equilibrada, ela ficará doente. Vamos supor que exista uma parede: você pode tentar empurrá-la e ela vai empurrar você (resistir); se você for mais forte que a parede, você a derruba. Todo mundo tem uma resistência, tem uma determinada força, mas não há ninguém que, por exemplo, resista a uma “bomba atômica”. É uma questão de intensidade de forças. A pessoa

equilibrada resiste à maioria das patologias, mas na hora em que se colocar frente a uma quantidade enorme de agentes agressivos vai ser difícil escapar.

A febre é uma reação de defesa do organismo e, como toda reação, é um bom sinal. Este posicionamento perante a febre não é só dos homeopatas. Há um artigo do **Pediatrics** de setembro de 1980 (**Pediatrics** é o veículo oficial da Academia Americana de Pediatria), em que o articulista diz o seguinte:

“Febre é indicador de doença... ninguém com febre pode estar sadio... se a febre chegar a causar perturbações cardíacas ou disfunções no sistema nervoso central, deve ser abaixada. Muitos pacientes com convulsões febris, têm estas convulsões antes de serem reconhecidas como febris. E a maioria (80%) tem a sua convulsão nas primeiras 24 horas de febre”.

Só 20% das crianças, portanto, podem ter convulsão febril depois das primeiras 24 horas. Apesar de não existir muita coisa na literatura, na opinião do articulista, a causa da febre deve ser procurada, sobretudo se superior a 38,8°C e em crianças menores de 2 anos. A febre, em si, somente deveria ser tratada para o conforto do doente. Os pacientes não estão desconfortáveis enquanto dormem, portanto não se deve acordar uma criança com febre para dar remédio. Se está dormindo é porque está bem, mesmo que esteja com 39°C de febre. Segue o articulista:

“Os antipiréticos devem raramente ser usados nas temperaturas abaixo de 38,8°C, o banho deve ser raramente usado nas temperaturas abaixo de 40°C; alternar dose de aspirina e acetoaminofen é contraindicado; os médicos deveriam enfatizar o fato de que a febre é um sinal valioso de doença e tentativas vigorosas para reduzi-la podem causar mais danos do que benefícios”.

Esta é a opinião de um alopata, e não de um homeopata, que diz claramente que não se deve combater apenas a febre.

Conclusão Sobre a Febre

Febre não é um monstro. A convulsão febril também não tem conotações tão terríveis: “só tem quem pode e não quem quer”, já que inúmeras crianças chegam a 40°C de febre e não têm convulsão febril, e outras com 37,5°C a têm.

Sabe-se que a febre tem ação estimulante nas defesas do organismo e até certo ponto inibem o crescimento do agente infeccioso. Por isso, é cada vez mais comum vermos a febre respeitada, mesmo pelos que não seguem a Homeopatia.

As Doenças Infantis

As doenças infantis são, em geral, doenças agudas infecciosas que têm a particularidade de afetar, quase que exclusivamente, crianças e raramente adultos. Cada criança tem uma sensibilidade própria aos diferentes elementos. Umas sentem mais o frio, outras mais a umidade, outras se ressentem por molhar-se, ou tomar gelado, ou por suar em excesso, etc.

Mas, para que essas sensibilidades comecem a se manifestar, são necessários dois fatores: o desequilíbrio da Energia Vital e o próprio agente desencadeante.

O mesmo acontece com as doenças agudas infantis que, apesar de serem características da infância, só aparecerão nos sujeitos que estão sensíveis no exato momento em que entram em contato com o agente infectante. Um exemplo de que a doença não depende só do agente infectante: há crianças que ficam ao lado de outras com rubéola e não a contraem naquele instante, mas anos depois.

Como toda doença é precedida por um desequilíbrio, a doença infecciosa pode ser analisada como uma crise em que o organismo tenta se reequilibrar pela eliminação de proteínas prejudiciais, e que se efetiva através de fenômenos característicos: febre, tosse, excreções aumentadas, glóbulos brancos na urina, pelo aumento do metabolismo, etc.

Popularmente se diz que a criança se beneficia muito das doenças infantis, que após esses episódios fica melhor que anteriormente: mais esperta, ou dá um passo à frente no desenvolvimento psicomotor, cresce, o seu humor que vinha alterado há muito tempo de repente melhora sensivelmente.

Convém lembrar que o organismo se ressent, quando é impedido de ter uma crise aguda, que é sua válvula de escape.

Vacinas

Homeopaticamente falando, e do ponto de vista teórico, é indiscutível que as vacinas podem ser nocivas.

Acabamos de dizer que as doenças infecciosas são válvulas de escape que permitem que não se agrave um desequilíbrio já existente. O que aconteceria se para toda doença infecciosa já tivesse sido encontrada uma vacina? O organismo precisaria de outras válvulas de escape, novas doenças surgiriam, porém desta vez mais graves, como são as doenças degenerativas ou as hipertrofias (tumores).

Por outro lado, as vacinas são nocivas porque obrigam o sistema de defesa do organismo a uma atividade que não é reclamada naturalmente, isto é, ocorre um aumento, uma proliferação de células de defesa, fora de hora.

Além disso, pela vacinação são introduzidas proteínas estranhas tanto em nível químico quanto energético, sem que haja uma predisposição ou preparo do corpo.

Do ponto de vista prático, existe hoje muita controvérsia sobre o real efeito protetor de algumas vacinas.

Por exemplo, no caso do BCG-ID (contra tuberculose) existem trabalhos extensos, mostrando que o nível de proteção verificado em vários lugares do mundo é quase nulo, senão realmente inexistente. Outro fato: na clínica encontramos várias ocorrências de “BCG-ites” provocadas pela instalação do bacilo da vacina, que é um agente patogênico, induzindo o aparecimento de uma real doença.

Em relação à Tríplice (contra difteria, coqueluche e tétano), alguns autores já aceitam a aplicação apenas da Dupla (diftérica/tetânica) eliminando a parte referente à coqueluche, devido aos possíveis efeitos colaterais da fração *pertussis* (*Bordetella pertussis* é o agente etiológico da coqueluche).

Todas as vacinas podem causar efeitos colaterais e são contra-indicadas em alguns casos.

O que se percebe nos consultórios homeopáticos é que os recém-nascidos não vacinados, adoecem com menos frequência do que os que tomaram vacinas. Infelizmente, o nível socioeconômico da população brasileira ainda é baixo e não permite um equilíbrio integral das pessoas que não têm acesso a uma boa alimentação, à higiene e à educação, justificando-se desta forma a vacinação generalizada, pois a maioria é suscetível às doenças infecciosas.

Sabemos também que muitas doenças, como sarampo e coqueluche, para as quais existem vacinas, são realmente graves somente para desnutridos e imunodeprimidos, e que crianças bem alimentadas e cuidadas com higiene, conseguem passar por essas doenças sem grandes problemas. Muitas vezes essas infecções, incluindo os mais apavorantes casos, como a paralisia infantil, podem ser debeladas com medicamentos homeopáticos.

O ato de vacinar deve ser consequência de uma avaliação criteriosa. O médico precisa analisar o paciente, considerando os seguintes fatores: sensibilidade, família, meio ambiente e a chance de encontrar ou não o *Simillimum*. O assunto não deve ser fechado. A questão deve ser amplamente discutida, pensada e avaliada, para que, com o médico, os pais possam decidir conscientemente.

Capítulo 14

HOMEOPATIA NA OBSTETRÍCIA E NA GINECOLOGIA

Maria Regina Galante Nassif

Obstetrícia

O termo Obstetrícia deriva do verbo latino *obstare*, que significa estar ao lado. Em outras inscrições, *opstetrix* deriva de *ops* (ajuda) e *stare* (estar ao lado). Portanto, estar ao lado prestando ajuda.

O objetivo fundamental da Obstetrícia é conseguir que cada gestação finalize com uma mãe e uma criança sãs, reduzindo ao mínimo as moléstias e intercorrências da gestação, do parto e do puerpério, de maneira que tanto a mãe quanto seu filho estejam em perfeito estado de saúde, tanto física como mental, ao fim desta experiência.

Ajudar, estar ao lado, significa auxiliar nos sintomas que surgem e impedem esta harmonia da saúde, o que deve ser feito da forma menos invasiva e mais suave e segura possíveis; o uso de medicamentos homeopáticos, na gestação, no parto e no puerpério, facilitam essa tarefa. Um organismo hígido, sadio, facilita a evolução natural de uma gestação.

Considero a gestação uma excelente ocasião para o tratamento homeopático, pois acentua-se a sensibilidade geral do organismo da mulher, tanto física quanto emocionalmente, tornando-se mais provável o encontro do melhor medicamento, ou seja, do *Simillimum*. E com um duplo benefício, equilibrando a gestante, e possibilitando um pré-natal e um parto mais naturais.

Nossa experiência tem mostrado que a vitalidade do recém-nascido de uma mãe tratada homeopaticamente durante o pré-natal é, significativamente, muito maior, inclusive com uma amamentação mais tranqüila, um sono calmo, adoecendo menos freqüentemente.

Uma série de cuidados simples durante o pré-natal fazem com que a paciente se beneficie muito:

1) alimentação equilibrada incluindo proteínas, carboidratos e sais minerais. Solicita-se que a gestante reduza a ingestão de açúcar, massas e gorduras, com refeições menos abundantes e mais freqüentes, mastigando bem, e ganhando entre 9 e 11 Kgs durante a gestação;

2) vestuário folgado, adequado ao clima, com sapatos de preferência Anabela (com base larga) para diminuir a chance de torção no pé, ajudando no equilíbrio, que muda nesse período;

3) ginástica específica para gestantes, tal como natação, para fortalecer a musculatura abdominal e perineal, ajudando na hora do parto e dando maior disposição física;

4) hábitos de higiene adequados: não fumar e não ingerir bebidas alcoólicas na gestação, não permanecer durante o dia somente sentada ou em pé, lavar-se após as evacuações, evitar qualquer medicamento sem orientação médica, evitar contatos com pessoas portadoras de doenças infecciosas transmissíveis, não dirigir no final da gestação.

5) algumas queixas comuns na gravidez podem ter tratamento simples como por ex.:

a) náuseas e vômitos no início da gestação melhoram com: dieta fracionada, alimentos sólidos e secos (derreter uma bolacha de água e sal na boca), líquidos frios e muitas vezes substâncias ácidas (limonada) ajudam muito;

b) hemorroidas: abolir o papel higiênico, lavar-se após as evacuações e dieta com fibras;

c) câibras melhoram com leite, queijo e atividade física;

d) dores lombares: manter uma postura correta ao andar e sentar, atividade física e sapatos adequados;

e) tonturas: melhoram com ingestão de água, às vezes de sal (afastada a possibilidade de ter pressão alta) e deitando de lado.

Existem patologias gestacionais que exigem um diagnóstico precoce e exato, e que muitas vezes não se manifestam através de sintomas, advindo daí o risco de prejuízo à mãe e ao feto se um especialista não intervir, como é o caso da incompatibilidade sangüínea pelo fator Rh, da diabetes gestacional, da hipertensão arterial, etc. Isto torna imprescindível que o pré-natal seja feito por um médico habilitado, de preferência obstetra que, além do diagnóstico precoce poderá tomar a melhor conduta em cada caso. O homeopata que não é obstetra deve, assim, acompanhar a paciente durante a gestação, juntamente com o especialista, e assim, ambos, gestante e feto estarão melhor assistidos e correrão menor risco.

Parto

Anestesia ou não? A sensibilidade dolorosa de cada paciente varia, e pode aumentar muito se ela está amedrontada, ansiosa e despreparada física e/ou emocionalmente. Nesse caso, a ajuda do medicamento homeopático é fundamental no processo, mas algumas pacientes, mesmo mais tranqüilas, necessitarão de anestesia para que o parto seja um momento feliz.

Nosso organismo tem todas as condições para a via de parto natural, desde que haja um equilíbrio psicofísico para tal.

Ginecologia

A Homeopatia Ginecológica não existe. Existe sim a Homeopatia com suas leis e princípios. A profunda compreensão dos mesmos permite ao médico aplicar a técnica de curar pelo semelhante, não importando qual a especialidade.

Os sintomas ginecológicos, apesar de se restringirem a áreas localizadas, fazem parte de um todo que deve ser avaliado. Alterações menstruais, dispareunia (dor à relação sexual), sintomas do climatério (menopausa), fluxos vaginais (corrimentos) cistos ovarianos, etc., fazem parte dos sintomas de desequilíbrio do conjunto, envolvendo alterações psíquicas, neuro-hormonais, etc.

O correto diagnóstico clínico, com exame físico e exames laboratoriais adequados, e a imprescindível individualização, nos permite mais facilmente chegar à medicação homeopática para equilibrar a paciente, levando-a ao caminho da cura.

Uma paciente com sintomas supostamente hormonais, como sangramentos irregulares, pode estar escondendo por detrás deste quadro um problema muito mais severo, como por exemplo: miomas uterinos complicados, câncer uterino, câncer de ovário, etc. Então, justifica-se perfeitamente a especialidade de Ginecologia, associada à Homeopatia. Trata-se de uma complementação necessária e imprescindível em termos de diagnóstico e conduta, em todo o caso que envolva alterações ginecológicas, com o grave risco de, se não houver este aprofundamento diagnóstico, não estarmos dando um encaminhamento adequado ao caso.

O especialista está mais atualizado com os métodos diagnósticos de sua área, que são hoje muito ricos, em constante evolução, e que devem ser usados adequadamente em benefício das pacientes.

Quando o organismo não responde ao tratamento no sentido de colocar em marcha o processo de cura, ou quando não conseguimos, por qualquer motivo, prescrever o medicamento homeopático indicado para curá-lo dinamicamente, pode ser necessário empregar meios cirúrgicos, em virtude de eventual risco de vida estar envolvido se a cirurgia não for realizada.

Entretanto, no caso de uma remoção cirúrgica, estamos lidando com o produto final do desequilíbrio e não com o desequilíbrio da Energia Vital. Estamos retirando a manifestação da doença, ou seja, a expressão do problema interno da pessoa. Da mesma forma, com a remoção de outros sintomas locais, como por exemplo um simples corrimento, não estamos levando à cura, mas a uma simples supressão. É, portanto, necessário uma retomada do tratamento após a cirurgia, para continuarmos a busca de um equilíbrio harmônico das pacientes.

A Homeopatia se sustenta no conceito vitalista, na existência de um princípio vital, a que Hahnemann chamou Energia Vital, uma potência imaterial que promove a conformação do ser vivo e o conduz à consecução de suas metas biológicas e ao elevado fim da existência do espírito humano. Tudo isto leva o homeopata a considerar, inevitavelmente, o fenômeno da vida, da enfermidade e da cura como fatores eminentemente dinâmicos. A vida é dinamismo, a enfermidade uma alteração do dinamismo vital, e a cura é a correção, também dinâmica, deste dinamismo alterado.

Quando procurei a Homeopatia encontrei-me frente a uma proposta terapêutica que poderia solucionar grande parte daqueles casos que, até o momento, se apresentavam como incuráveis ou com muito poucas possibilidades de cura sem cirurgia; ou daqueles casos, como os miomas uterinos, herpes genital, cistos múltiplos dos ovários, etc., em que o tratamento era acompanhado de muitos efeitos colaterais.

Capítulo 15

HOMEOPATIA NA ODONTOLOGIA

Gabriela Dorothy de Carvalho

A criação do curso de Homeopatia para Cirurgiões Dentistas (pioneirismo da Associação Paulista de Homeopatia) veio ao encontro de uma antiga aspiração da classe odontológica.

Tirar radiografias? Uma só? Muitas? Pré-operatório com Homeopatia? E os materiais restauradores? E o flúor tópico? E a fluoretação das águas? E a pasta dental? E as extrações com fim ortodôntico? E o mau hálito? Essas são apenas algumas das muitas dúvidas dos pacientes homeopatizados. Eles ficavam preocupados e os dentistas também. Era muito desagradável para um dentista - também paciente da Homeopatia - continuar receitando remédios alopáticos a seus pacientes, porque não tinham acesso ao ensino dessa terapêutica no currículo odontológico ou mesmo depois da faculdade.

Agora estamos trabalhando com um novo posicionamento, com um novo enfoque: olhamos nosso paciente como um todo e não apenas como uma boca.

Agora podemos interpretar a linguagem da Energia Vital que, muitas vezes, usa a boca para expressar seu desequilíbrio. Não existe qualquer manifestação de desequilíbrio energético sem participação da boca. Não há, necessariamente, uma patologia bucal. Muitas vezes tal alteração pode se expressar pela mudança de sensações, por exemplo: ardor na mucosa da língua.

Seu médico também deve ser informado. O diálogo entre os dois profissionais vai amparar os pacientes homeopatizados nas suas dúvidas, respeitando a totalidade do indivíduo.

Não será cauterizando aftas, receitando bochechos perfumados ou aplicando topicamente pomadas (até de corticóides), que estaremos contribuindo para o reequilíbrio da Energia vital.

Higiene Adequada

A publicidade nos informa que as cáries e as doenças periodontais (das gengivas) dependem do uso da escova, da pasta dental e do fio dental. Realmente necessitamos manter os

dentes bem escovados e a boca limpa. Mas isso é um trabalho mecânico, que necessita da ação física da escova, do fio, etc. e não depende dos produtos “miraculosos” que as pastas dentais possam conter.

Como regra geral, imagina-se que toda saúde da boca e o hálito dependem dos cuidados que se tem com a higiene. Isso é uma verdade parcial. É preciso que se saiba que outros fatores influenciam no aparecimento das cáries, nas alterações da gengiva e do hálito.

A mastigação correta e a salivação são a higiene fisiológica. A saliva ajuda a combater a deterioração, neutralizando os ácidos que os germes produzem, e o funcionamento correto das glândulas salivares depende da saúde do indivíduo, de seu equilíbrio energético.

Hormônios também interferem na saúde das gengivas, daí a frequência de alterações gengivais em bocas higienizadas durante a gravidez, durante a menstruação ou na puberdade, quando as alterações hormonais desencadeiam vasta sintomatologia bucal.

Ainda influenciam os dentes: a paratireóide - regulando os níveis de cálcio no organismo; a nutrição adequada - dando os materiais de estrutura da saúde bucal.

Quadros Dolorosos

Não existe Homeopatia que suprima a dor provocada pela pulpite (necrose da polpa dentária), mas também não existe Alopatria que resolva essa dor. É preciso procurar um dentista que, com manobras mecânicas, abrirá a câmara pulpar, removerá os restos pulpares, drenará gases e secreções e promoverá o alívio da dor.

Outra dor desencadeada por fatores mecânicos é a dor da articulação têmporo-mandibular. Essa dor é ocasionada por traumatismo do menisco interarticular. Tal quadro é devido a erros de oclusão dos dentes, próteses mal adaptadas, diminuição da dimensão vertical, etc., e é tratado com a remoção das causas e não com medicamentos (homeopáticos ou não).

Raios - X

Quanto às radiografias, os cuidados e as orientações são iguais às radiografias de outras partes do corpo. Casos existem em que elas são indispensáveis. Devem ser evitados os abusos.

Quando acontecer, durante o tratamento dentário, necessidade de radiografias, o paciente deve estar atento, avisar seu médico, anotar a data e o número de radiografias realizadas e

observar de que forma o ato interferiu no seu tratamento. Tal alteração pode ocorrer porque a Energia Vital sofre a ação de energias físicas, químicas, biológicas e psíquicas e os Raios - X são uma forma de energia.

Uso do Flúor

Um dos pontos controversos para nós é a fluoretação das águas.

O flúor é uma substância que após diluição e dinamização desenvolve rico quadro sintomatológico (local, geral e mental) em sua patogenesia. É um importante medicamento para pacientes que dele necessitam.

A Homeopatia não pode concordar com a imposição a toda uma população, de tomar água com flúor ou outro medicamento qualquer. Acreditamos que o equilíbrio energético é a melhor prevenção. Acreditamos que a cárie dentária é devida à suscetibilidade individual. Existem inúmeros estudos que mostram os efeitos tóxicos da fluoretação e o mesmo flúor que combate as cáries destruindo enzimas, pode provocar efeitos colaterais como manchas nos dentes. Também pode destruir enzimas do corpo que são úteis à saúde¹.

Existem trabalhos que mostram um declínio significativo no número de cáries dentais entre pessoas residentes em cidades com fluoretação das águas. Entretanto, também se pode comprovar a diminuição do número de cáries dentais entre pessoas de cidades não fluoretadas².

O Dr. J. A. Albright, professor da Universidade de Yale, nos EUA, informa que o flúor, mesmo numa quantidade pequena como uma parte por milhão, diminui a força e a elasticidade dos ossos³.

Países como a Itália, França, Suíça, Espanha, Suécia, Holanda, Dinamarca, Áustria e a Bélgica, não adotam fluoretação da água.

Restaurações

Também controverso é o uso de restaurações de amálgama de prata. A A.D.A. (American Dental Association) diz não haver evidência de que o amálgama libere mercúrio ou outros metais no corpo. Todavia, sabe-se hoje que há vazamento. Pode-se provar que pessoas com restaurações de amálgama, têm níveis detectáveis de vapores de mercúrio no hálito⁴.

Todo dentista é orientado (nas faculdades de Odontologia e fora delas) a manter o mercúrio em frasco rigorosamente fechado e não jogar sobras de mercúrio ou amálgama em lixo aberto. Mas tal substância tão tóxica é colocada na boca das pessoas.

Sugerimos que, sempre que for possível, sejam evitadas as restaurações de amálgama de prata. Elas podem trazer prejuízos à saúde em indivíduos sensíveis. Todo mundo científico concorda com tal afirmação. Os homeopatas também.

Já no final do século XIX, Dr. Charles Taft, professor de cirurgia dentária na Faculdade Homeopática de Chicago, colocava-se como opositor às restaurações de amálgama de prata. Alegava que elas interferiam com as reações dos pacientes aos medicamentos homeopáticos⁵.

Ortodontia

Mais um tema controverso dentro da Odontologia é o que diz respeito às extrações dentárias com fim ortodôntico (extraíndo-se alguns dentes obtém-se espaço para o alinhamento estético e funcional dos dentes).

Do ponto de vista da Acupuntura, cada dente está situado sobre um meridiano, o que contra-indicaria por si só as extrações dentárias. Os homeopatas também não estão de acordo com as extrações com fins ortodônticos. Elas reduzem o espaço da língua, que passa a funcionar como um obstáculo à respiração, gerando ou agravando a Síndrome do Respirador Bucal. Sugerimos aparelhos que promovam a expansão das arcadas dentárias para corrigir a oclusão, dando espaço para os dentes e a língua.

Importância da Amamentação

Gostaríamos de dar uma palavra especial às mães. Os dentistas homeopatas, juntamente com os médicos homeopatas fazem uma campanha em favor da amamentação. Além de todos os benefícios, que toda medicina comprova, advindos da amamentação, gostaríamos de alertá-las para um detalhe pouco abordado: quando a criança suga o seio da mãe, tem a primeira lição de como usar o nariz e qual o lugar certo da língua. Assim, enquanto mama, a criança promove o crescimento correto do terço inferior da face, facilita a correta respiração - pelo nariz - e a tonicidade ideal de toda musculatura envolvida na mastigação, na fonação, na deglutição e na sucção. Com tudo isso, terá dentes bem posicionados e um sorriso realmente feliz.

Auto - Medicação

As últimas palavras seriam contra a auto-medicação. Nenhum problema de dor, sangramento gengival, alteração no hálito ou na saliva pode justificar a seleção de um remédio homeopático. Os pacientes homeopatizados devem ser participantes do seu tratamento e se conduzirem de modo a trabalhar com o seu médico a favor da saúde, usando a totalidade sintomática.

Suprimir sintomas bucais que esteja expressando o desequilíbrio da E.V. é propiciar o aparecimento de outros sintomas em outro lugar ou órgão provavelmente mais vital e mais nobre.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- (1) *"How Fluoride Might Damage Health"* - *New scientist*, 28 de fevereiro de 1985 - pg. 20.
- (2) Reverett - *"Fluorides"* - pg.29.
- (3) J. A. Albright - *"The Effect of Fluoride on the Mechanical Properties of Bone"*, *Transaction of the animal meeting of orthopedics Research Society*, 98 (1978):3.
- (4) C. W. Suare, L.C. Peterson, J. W. Reubgartdt, et al. - *"The Effect of Dental Amalgams on Mercury Levels in Expired Air"* - *Journal of Dental Research*, 63 (1984): 71-73.
- (5) Dana Ullman - *Homeopatia* - Cutrix 1988.

Capítulo 16

HOMEOPATIA NA PSIQUIATRIA

Cecília Helena Piraíno Grandke

Possibilidade de Tratamento Homeopático das Doenças Mentais

O que é doença mental?

A resposta inicial, e imediata até, seria a loucura, que traz um estigma muito forte, que contamina até os psiquiatras e aí a fantasia vai longe, provocando várias sensações, emoções e reações. Sabemos que ler sobre o assunto também provoca reações e o leitor pode até pensar em pular este capítulo, ou então ler mais atentamente para ver se não se enquadra em nenhuma das descrições e aí estar a salvo da loucura. De qualquer forma, esperamos que este estigma vá cada vez mais se diluindo e as pessoas se interessem pelos fenômenos da mente humana sem se ater a preconceitos, e com respeito principalmente.

Uma evidência dessa modificação é o crescente interesse pelas mais diversas técnicas psicoterápicas. Entre as teorias e práticas psicoterápicas nos aproximamos, por maior identificação, da psicologia analítica de Carl Gustav Jung, na qual encontramos muitos conceitos semelhantes à Homeopatia, inclusive na abordagem da Energia Vital. Dentro das estruturas psíquicas, esses conceitos são tratados de forma bastante semelhante.

Em outros capítulos, o leitor já recebeu informações básicas sobre o tema da Energia Vital e dentro das doenças mentais vale o mesmo raciocínio: ao tratarmos um doente com problemas fóbicos por exemplo, não deixaremos de vê-lo em seu todo. Vamos receitar um medicamento o mais semelhante possível à sua individualidade como ser. O medicamento vai interagir com sua Energia Vital que, através da Lei dos Semelhantes, tentará restabelecer o equilíbrio e, portanto, a cura.

Estamos falando sobre doenças mentais e logo acima mencionamos o termo fobias. Para maior entendimento do texto vamos apresentar um esboço de classificação das doenças mentais mais comuns.

A doença considerada mais grave popularmente, e identificada em sua totalidade com a loucura é a **esquizofrenia**, que se apresenta com alucinações (visuais, auditivas) e/ou alterações do pensamento (delírio). Ela pode apresentar-se sob algumas formas clínicas, sendo a mais simples uma retração da existência do indivíduo, um voltar-se para dentro de si, sem estabelecer relações com os outros (autismo). Outra forma também conhecida popularmente, é a **esquizofrenia paranóide** que se apresenta com idéias de perseguição.

Já a **psicose maníaco-depressiva**, caracterizada por episódios de euforia e depressão alternantes e periódicos, é menos conhecida por todos.

A seguir podemos observar os **distúrbios neuróticos**, estes menos temidos e bastante divulgados pela repercussão geral dos conceitos da psicanálise desenvolvidos por Freud. Caracterizam-se pela manifestação de conflitos, através de distúrbios psíquicos ou somáticos. As neuroses podem ser dos seguintes tipos: 1) de angústia; 2) fóbicas (citadas acima), caracterizadas por medos sem motivos objetivos; 3) hipocondríaca, a famosa mania de doença; 4) depressiva, reação mais intensa às situações de perda em geral; 5) as neuroses obsessivo-compulsivas, caracterizadas por repetições de atos banais, compulsivamente, como por exemplo lavar as mãos ou fechar a porta.

Desculpe-nos cansá-los com descrições, mas desejamos citar ainda mais duas grandes síndromes psiquiátricas: as **epilepsias**, que se manifestam por crises convulsivas completas, com total perda da consciência e por crises convulsivas parciais, que mostram as mais variadas manifestações e, finalmente, as **síndromes de dependência de álcool e de outras drogas** como cigarro, maconha, cocaína, morfina, moderadores de apetite, tranqüilizantes, etc.

Samuel Hahnemann, em sua obra mostrou um conhecimento das doenças mentais incomum para sua época e comentava em 1840, que os hospitais psiquiátricos não curavam os doentes. Em suas observações, já esboçava os conceitos e as classificações atuais da psiquiatria, inclusive com noções de medicina psicossomática.

Mas nosso objetivo em abordar esses tipos de doenças mentais é, além de evidenciar as diferenças entre o tratamento homeopático e alopático, também chamar a atenção para o grau de complexidade das doenças e algumas vezes a necessidade em momentos de agudização, do uso de medicação alopática.

Se alguém está em tratamento psiquiátrico, fora de crise, e deseja iniciar tratamento homeopático nós não suspendemos a medicação em uso imediatamente (tranqüilizantes,

neurolépticos, carbolitium, anti-depressivos) mas sim tentamos adequar a dose que muitas vezes é elevada, e vamos buscar o medicamento homeopático de fundo que deverá reverter em maior equilíbrio, com gradativa redução dos medicamentos alopáticos a uma dose mínima necessária ou até mesmo sua suspensão.

No período de crise, tentamos por um determinado tempo resposta ao medicamento homeopático que, quando acertado, é perceptível de forma evidente e rápida; caso não obtenhamos resposta, respeitando a posição do doente e dos familiares e os riscos da situação, lançamos mãos dos meios terapêuticos mais adequados ao momento. Consideramos estes esclarecimentos muito importantes para que tanto o doente como o médico entrem num relacionamento responsável, sem atos precipitados de ambas as partes. Muitas vezes, ao buscar o tratamento homeopático, o doente já está cansado de tanto tomar remédios e o seu desejo seria parar tudo, achar um meio mágico para livrar-se de seu sofrimento; mas, a realidade não nos mostra essa simplicidade e facilidade. Na maior parte das vezes, estamos diante de um trabalho árduo e prolongado que exige participação, tanto do médico como do doente, com todas suas forças interiores.

Não desejamos com isso causar desânimo em ninguém, pois vale à pena empreender esse trabalho, senão não estaríamos aqui nos dedicando, escrevendo estas considerações.

Na atual fase de nosso conhecimento, consideramos o tratamento do doente com esquizofrenia o que apresenta maiores dificuldades e obstáculos, seguido em ordem decrescente pelo doente com psicose maníaco-depressiva e os distúrbios neuróticos. As epilepsias também apresentam um grande grau de dificuldade de tratamento, mas muitos pacientes têm uma boa evolução, principalmente nas crises convulsivas parciais.

As síndromes de dependência apresentam a particularidade da necessidade de desintoxicação e psicoterapia concomitante para melhor evolução clínica.

Bem, já que mencionamos a psicoterapia, observa-se que num tratamento bem conduzido por ambas as partes, os esforços tendem a somar-se, isto é, um paciente em tratamento psicoterápico, após tomar um medicamento homeopático acertado, terá uma evolução mais satisfatória, sendo válido também o inverso.

Para finalizar, reiteramos que os sintomas e sensações relacionados às manifestações do inconsciente, são muito importantes para o tratamento homeopático em geral, mesmo que o paciente tenha buscado ajuda, por exemplo, para um problema de rinite. São os medos de todos os

tipos: animais, trovão, lugares altos, lugares fechados, morte, etc.; e também os sonhos de todos os tipos: com água, fogo, animais, que está caindo, etc. Se você vai iniciar um tratamento homeopático é muito importante que leve essas observações para o médico, pois ajudam bastante na individualização do medicamento mais semelhante à vibração do seu ser.

Capítulo 17

HOMEOPATIA EM CIRURGIA

Antônio César Ribeiro Devesa da Silva

“Podes fazer o corpo e o espírito se harmonizarem a ponto de serem inseparáveis?

Podes tornar tua respiração terna e suave como a da criança?

Podes anular os pensamentos até purificar toda tua energia?

Podes governar o império, beneficiando a humanidade por meio da não-ação?

Podes ser totalmente passivo, vendo abrir-se e cerrar-se perante a ti as portas do céu?

Compreendendo essas coisas, podes permanecer como se não compreendesses nada?”

Tao Te King (604 a.C.)

Numa análise inicial, talvez possa parecer difícil associarmos tratamento homeopático e procedimentos cirúrgicos, pois como já foi descrito em capítulos anteriores, a medicina homeopática se ocupa do indivíduo como um todo e o cirurgião, em geral, direciona sua atenção para um órgão predeterminado.

O enfoque da questão por esse prisma torna realmente difícil entender a associação de coisas aparentemente tão antagônicas.

Vamos tentar entender em primeiro lugar quem é esse indivíduo doente que nos procura para aliviar seus sofrimentos. Quando nos descreve seus sintomas, inicialmente tende a supervalorizar suas dores físicas e os distúrbios de funcionamento de seus órgãos. Acha que cada diferente parte do seu corpo físico que sofre, apresenta uma doença única, isolada e sem qualquer relação com suas outras manifestações.

Até chegar a nós homeopatas, serviu-se de medicamentos alopáticos que muitas vezes trouxeram alívio, em geral temporário, dos seus sintomas. Outras vezes o preço desse alívio foi o

aparecimento de sintomas novos quase sempre mais sérios, pois já foram atingidos órgãos mais profundos.

Em determinado momento, as alterações que eram apenas de ordem funcional passam a ser causadas por uma lesão anatômica que pode variar de um grau a outros em gravidade. Para facilitar a compreensão, segue um exemplo: esse nosso paciente que antes se queixava apenas de desconforto no estômago após comer, e que se aliviava muito por antiácidos, vê seu desconforto se transformar em uma dor progressivamente crescente. Após exames, descobre que as alterações que antes eram causadas apenas por uma dispepsia, ou seja, uma função digestiva anômala do seu estômago, evoluiu e agora tem por base uma lesão anatômica, uma úlcera gástrica ou duodenal.

Nesse momento, o médico alopata atua inicialmente com um tratamento clínico, associando novos medicamentos aos que já vinham sendo usados e após um período variável de seguimento, opta pelo procedimento cirúrgico, retirando a parte do estômago doente. Novos sintomas vão surgir frutos dessa mutilação, condenando nosso doente a ter toda sua estrutura de vida modificada, frustrando sua expectativa de se livrar do seu sofrimento ao retirar a zona ulcerada do seu estômago.

Se o paciente desse nosso exemplo tivesse chegado a nós no momento em que sua doença era apenas funcional, os benefícios que ele desfrutaria seriam muito maiores do que agora que, tendo se submetido a um tratamento tão radical como a cirurgia, pode ter-se tornado incurável.

Para nós, homeopatas, interessam não só os sintomas físicos que esses distúrbios digestivos provocam, mas também o quê levou esse nosso paciente a se desequilibrar na sua totalidade.

Que agressões do meio em que vive foram responsáveis por desarmonizá-lo?

Vivemos mergulhados num oceano de constantes agressões, de ordem climática (calor, frio, umidade, mudanças de temperatura), química (intoxicações, medicamentos), biológica (infecções virais, bacterianas, fúngicas), cósmica (radiações, manchas solares, fases lunares) e, sobretudo, sociais e psíquicas (timidez, medo, frustrações).

De acordo com nossas sensibilidades individuais, estamos suscetíveis a essas agressões desde nossa concepção no ventre materno até nosso último suspiro de vida.

Nosso estado de saúde é, pois, resultado do equilíbrio entre esses fatores de agressão, filtrados pela nossa sensibilidade específica, e os mecanismos defensivos do nosso organismo.

Só adoecemos, portanto, se nossas defesas não estiverem em perfeito funcionamento ou se a intensidade do fator agressor for muito grande para permitir uma reação imediata, forte e suficiente, para detê-lo.

Feitas essas considerações, fica mais fácil entender que, se tratamos apenas o órgão doente, nossa ação restringe-se ao resultado final de um processo, deixando-se as verdadeiras causas da enfermidade ativas no interior do organismo.

É o caso de crianças tratadas de amigdalites constantes com medicamentos que visam apenas a amígdala doente e que são “curadas” várias vezes do mesmo problema em um curto período de tempo. O médico percebe que apesar de ter “sucesso” no tratamento do quadro agudo, as crises de infecção vão se tornando cada vez mais freqüentes e mais graves e, como último recurso retira o objeto do seu fracasso com a cirurgia das amígdalas. Se acompanharmos essa criança recém operada, observaremos que agora, impossibilitada de manifestar o desequilíbrio de sua EV através de suas amídalas, elege outro órgão, como a faringe por exemplo, para demonstrar que o que mantinha a sua doença, permaneceu ativo na memória de cada célula do seu organismo e passa a fazer crises de repetição de faringite.

Como atuar agora? Retirando cada órgão que se manifeste doente?

Durante todo o processo de evolução da natureza, o organismo humano, bem como todo o universo, passou por milhões de alterações a fim de adaptar o melhor possível os elementos entre si, para que tudo existisse em harmonia e equilíbrio perfeitos.

O homem agride a natureza acreditando ter poderes ilimitados de modificar o meio, sem que ocorra qualquer reação. Sem perceber, acaba destruindo sua própria sobrevivência, pois apesar de sentir-se soberano, faz parte e depende do meio que modifica.

Da mesma maneira, o homem age sobre o organismo, modificando a forma de reagir que a evolução da espécie demorou milhões de anos para aperfeiçoar. Acredita até que pode influir clínica ou cirurgicamente sem que o organismo reaja e apresente alterações do seu equilíbrio.

Interfere ora modificando ora bloqueando reações e sintomas que são fundamentalmente importantes para a manutenção do estado de saúde. Essa atuação contínua leva o enfermo a cronificar e aprofundar seu sofrimento e, muitas vezes, impossibilitar de forma definitiva a sua cura.

Quando suspendemos um tratamento alopático muito agressivo antes que este tenha tornado o indivíduo incurável, reverteremos o processo da enfermidade natural e também dos

sintomas provocados pelos medicamentos alopáticos; e assim observamos nosso paciente caminhar para a cura. A cirurgia, quase sempre mutiladora, altera de forma irreversível o organismo, e as manifestações sintomáticas que se seguem, dependendo de sua extensão, podem ser até incompatíveis com a vida.

Cada órgão constitui um elemento importante na harmonia da vida. Mesmo que alguns sejam indispensáveis à sobrevivência como o cérebro, coração, fígado, rins, e pulmões, outros órgãos não devem ser menos considerados por não serem vitais, pois também têm a sua importância no equilíbrio harmônico do ser.

É comum ouvirmos colegas alopatas aconselhando a suas pacientes com miomas uterinos, a se submeterem a tratamento cirúrgico porque seu útero não serve para mais nada, desde que já tenham passado da fase de procriação.

Na medicina oriental o útero é considerado como um centro importante do segundo chakra, que tem por atributos a sensibilidade à emoção, a individualidade e o equilíbrio entre o pessoal e o social.

Observamos em mulheres que se submeteram à extirpação do útero: alterações de comportamento, maior relação de dependência das pessoas que as cercam, alterações variáveis de humor e emotividade, diminuição e, por vezes, desaparecimento da sexualidade e outras alterações que curiosamente se referem às funções do segundo chakra da medicina hindu. Se o útero tivesse apenas a condição de acolher e proteger o embrião durante a gestação, tais manifestações não seriam encontradas em mulheres que já estão em fase de menopausa.

Quando o cirurgião diz ao seu paciente recém-operado de estômago: *“Resolvemos o seu problema de úlcera”*, ele se refere textualmente ao tipo de enfoque que tem do problema. Mais correto seria dizer: *“Resolvemos o seu problema de úlcera, mas deixamos ativos o seu interior, todo o seu emocional desequilibrado, seus medos, anseios frustrados, ódios, inseguranças, hábitos errados de alimentação, vícios, etc. Agora que retiramos a sua ‘válvula de escape’(a úlcera), vamos aguardar para ver por onde seu organismo vai manifestar esse desequilíbrio e, caso haja outra lesão, volte que nós o operamos novamente.”*

Enquanto nossos colegas alopatas têm essa visão mecanicista da doença, ou seja, tratam apenas o tecido orgânico doente, nós homeopatas nos ocupamos dos sintomas de uma forma mais ampla, vendo esse tecido doente apenas como mais um elemento num conjunto maior de variáveis a serem consideradas.

Assim, numa criança com hipótese diagnóstica de apendicite, entendemos esse apêndice doente dentro do contexto da vida dessa criança e das possíveis causas que desencadearam esse quadro agudo. Desde que as informações de que dispomos sejam satisfatórias para elegermos bons medicamentos, são freqüentes as regressões desses estados agudos apenas com tratamento clínico.

Poderíamos citar outros exemplos de patologias consideradas cirúrgicas e que na nossa experiência têm permitido um tratamento conservador, apenas com medicamentos, evitando-se condutas mais agressivas, como o trauma anestésico e cirúrgico.

A cirurgia como opção terapêutica, deve ser usada de forma absolutamente criteriosa, visando sempre corrigir alterações da anatomia, sejam congênitas ou sejam adquiridas por traumas ou acidentes, devolvendo ao indivíduo suas funções normais.

Deve ser antes de mais nada reparadora, atuando apenas em órgãos já extensivamente danificados por doenças crônicas ou pela ação persistente de drogas lesivas. Mesmo nesses casos, devemos avaliar se as conseqüências do ato cirúrgico não vão resultar em sintomas mais profundos do que aqueles que a doença já estava causando. Não se justifica a mutilação do enfermo com a intenção de curá-lo. Quando, baseados nessa forma de operar, criamos uma nova doença, iniciando novos sintomas que condenarão nosso paciente a ser definitivamente incurável.

Se após toda essa análise ainda concluirmos que o ato cirúrgico é a melhor opção terapêutica, os medicamentos homeopáticos se associam perfeitamente a essa conduta, não só no preparo pré-operatório do nosso doente, mas também aliviando todos os sintomas que surgem no período pós-operatório. Substitui amplamente e com vantagens as medicações alopáticas; prova disso é que nossos consultórios são cada vez mais procurados por colegas alopatas que, acompanhando nosso trabalho, são obrigados a reconhecer o valor e eficácia da medicina homeopática.

A grande limitação em se obter sucesso absoluto em todos os casos está no próprio homem. Como podemos observar, a escolha dos medicamentos é baseada na descrição minuciosa dos sintomas feita pelos pacientes, o que nem sempre ocorre. Nem todos estão habituados a se observar; muitos omitem informação por pudor, desconfiança ou por julgar que se não for algo diretamente ligado à queixa principal não é importante e, assim, acabamos formando uma imagem incompleta ou, o que é pior, falsa do nosso cliente.

Desde que essa barreira seja vencida, cabe a nós, médicos, não sermos o fator limitante do sucesso do tratamento, avaliarmos com precisão a extensão de cada ato que praticamos, aliviarmos os sofrimentos do nosso doente, entendermos cada ser como uma unidade consubstanciada de espírito, mente e corpo e levá-los realmente à cura.

Capítulo 18

HOMEOPATIA EM VETERINÁRIA

Célio Hiroyuki Morooka

“A humildade é o primeiro degrau para a sabedoria”

São Tomaz de Aquino

Na Homeopatia Veterinária, os princípios homeopáticos que visam a cura no homem enfermo, são aplicados nos mesmos moldes aos animais.

No Ambulatório Veterinário da Associação Paulista de Homeopatia, temos tratado, com ótimos resultados, animais tais como: **Mamíferos** - cão, gato, cavalo, boi, porco, cervo, macaco, mico-leão-dourado, coelho; **Animais Silvestres** - papagaio, tucano, jacutinga, coruja, gavião, mutum, ema, arara, ararinha, maritaca, jandaia; **Répteis** - jabuti, tartaruga; **Criação de Cativoiro** - periquito, canário, diamante-gold, pavão, codorna, calopsita, pássaro-preto, bicudo, curió, ganso, faisão, cacatua, pombo, rã.

Freqüentemente nos deparamos com as mais variadas queixas de donos de animais, como por ex.: dermatites que se prolongam por vários anos, casos de rejeição, ausência de apetite devido ao ciúme pela chegada de um novo filhote, tristeza do animal após a viagem de seu dono-companheiro, não aceitação do macho durante o período fértil (cio) etc.

Todos estes problemas apresentam em comum uma origem de fundo emocional, situações incômodas para as quais a Homeopatia pode apresentar uma solução.

Por muito tempo tratou-se com Homeopatia apenas as doenças crônicas (recidivantes) dos animais. Atualmente temos visto um número crescente de animais com viroses, infecções bacterianas, epilepsia, gastroenterite hemorrágica, distúrbios hormonais, sendo tratados através da Homeopatia, com grande êxito e muita satisfação dos proprietários. Verificamos que os animais, no decorrer do tratamento, tornam-se mais alegres, brincam e melhoram sua disposição e humor.

Também nos casos de câncer, podemos confortar os animais com a medicação homeopática, reduzindo as dores nos agonizantes, sintomas que nessa fase terminal desgastam o animal e a família.

O Tratamento Individual

Tratar cavalos homeopaticamente tem sido uma experiência maravilhosa e fascinante. O clube hípico é belo pelos associados receptivos, pelas árvores centenárias na mata e pelo silêncio às vezes quebrado pelo relinchar de uma potranca ou de um garanhão mais afoito. Os animais em seus treinos exibem a exuberância de seus músculos que brilham ao sol. Também exibem riqueza e pureza de sintomas psico-físico-comportamentais, que surgem em uma anamnese homeopática.

Vejamos o seguinte relato da proprietária do BERNINE, Puro Sangue Inglês, 12 anos:

“De uns tempos para cá tem uma dor lombar insuportável, chegando a deitar. Parou de galopar há dois meses. Na crise endurece, trava, sente o desconforto; o andar muda, galopa duro, não pula. É uma coisa de retenção. Apresenta o quadro de “manqueira” na seqüência. A dor lombar vai e volta.

É um cavalo de temperamento difícil, psicótico. Está sempre irritado, ansioso, nervoso. Ele agride quando se sente agredido, não sendo este comportamento normal em cavalos. Mesmo recebendo ordem de comando, ele quer disparar ou bater com a cabeça. Se ele pára e o cavaleiro tenta se arrumar, bate na pessoa com a cabeça. Ele aprendeu a “caçar” a pessoa montada, olhando para trás e dando uma cabeçada em seu rosto, chegando a machucar.

No passeio é agressivo, quer liberdade. É irritadiço, não quer ser submisso, se comporta como garanhão mesmo castrado, ronca de raiva, de ódio. Na baia, está sempre impaciente, morde a lateral, bate na cocheira. Escuta-se seu barulho o tempo todo, espuma, baba muito, bate o beijo. É agressivo com os outros, morde, balança a cabeça lateralmente, não quer que encoste nele. Nunca ficou solto com outros animais. Ficava sozinho no haras por ser agressivo. Em relação ao convívio com as pessoas, quer morder qualquer um que se aproxime dele. Fica quieto no início, depois tenta morder. Ele é sozinho, não cativou

ninguém, não tem ninguém que goste dele. Se pudesse falar, diria: Socorro, me livra, me socorre.”

Após o estudo do caso, foi eleito o medicamento através da Matéria Médica e prescrevemos *Nux vomica*. No retorno, após 30 dias, a proprietária relatou o seguinte:

“Ele mudou da água para o vinho, não tem batido o beijo, não fica balançando a cabeça para os lados, parou de babar. A agressividade melhorou. Parou de brigar com os outros, não está mordendo a gente. Ficou civilizado”.

Não é ótimo ouvir essas palavras do proprietário? Se o proprietário diz isso, imaginem o que o BERNINE estava sentindo antes do tratamento!

Fomos vê-lo trabalhar ...estava radiante ...até a pelagem havia mudado ...brilhava! Estava a galope e saltando obstáculos. Sentimos que estava bem. Foi emocionante ... é difícil descrever a sensação, aquilo que sentimos dentro de nós quando ele passava a galope na nossa frente e saltava, feliz com aquilo que estava fazendo e com vontade.

Vejam agora o caso da KITTY, mestiça de Pequinês, 8 anos. Esteve em contato com 2 animais mais jovens com cinomose, fase nervosa. Estava na fase avançada da doença, que provoca encefalite, com tiques nervosos nos membros, cabeça e tórax, e o animal não conseguia andar.

Relato da proprietária:

“A KITTY está com espirros, secreção nos olhos, diminuiu bastante o apetite. Não quer ficar só, quer companhia todo o tempo. Não pára quieta, anda para lá e para cá. Está com muita sede, bebe muita água, chega a dar umas dez lambidas e vai beber várias vezes ao dia.”

Ao exame constatamos temperatura alta, secreção ocular, escleras (branco dos olhos) bem congestionadas. Diagnosticada pneumonia bilateral. Na clínica anda de um lado para o outro e tem dificuldade de se sustentar com a traseira (sintoma que surge quando a doença atinge a fase nervosa). A pele do coxim plantar (patas) está bem espessada. Foi prescrito *Arsenicum album*.

Após 15 dias, a KITTY apresentava o seguinte quadro: *“Está tendo muita tosse, mas está bem ativa, brincalhona, pulando”*.

Ao exame, ainda se encontrava sub-febril, com escuta pulmonar e a pele do coxim plantar descamando, soltando (sintoma de melhora). Voltamos a medicá-la com *Arsenicum album*. Após 19 dias, a proprietária nos contou:

“Está ocorrendo a descamação da pele do nariz e do coxim plantar. Ontem começou a eliminar vermes, passou a semana com a barriga inchada e com gases; só fiz massagem. Está soltando uma quantidade razoável de vermes, pequenos, de 1 a 2 cm. e grossinhos”.

A eliminação de vermes é um dado clínico muito valorizado por nós. Isso acontece quando o animal está tomando o remédio de fundo. A KITTY tomou antibiótico nos 20 dias iniciais e acreditamos que a recuperação foi um tanto longa, devido à utilização do mesmo. Temos restringido cada vez mais a utilização desse tipo de recurso medicamentoso.

Atualmente a KITTY está bem, sem seqüelas, leva uma vida normal, sem sintomas, brincando e correndo junto com o BOBY (Poodle) e o DICK (Husky Siberiano).

Lembramo-nos também do caso do ROCCO, gato Persa, 10 anos. Nos primeiros anos de vida teve raquitismo e quase foi sacrificado. Ficou com diarréia por quase 6 meses e teve prolapso de reto; teve micoses pelo corpo e fez nefrectomia (retirada do rim) à esquerda. Hoje ele tem alergia e dificuldade para evacuar; já fez mais de 10 lavagens intestinais.

Relato da proprietária:

“Ele é tranqüilo, mas se fizer o que ele não quer fica bravo. Nunca atacou ninguém; é muito friorento. No fim de semana, quando a gente acorda mais tarde e ele está com fome, faz xixi onde está, faz xixi de preguiça. Não é mandão, mas sabe o que quer e o que não quer. Pela sua vontade, não quer sair de casa; temos várias poltronas, mas ele fica sempre no mesmo lugar. É engraçado, às vezes ele quer que a gente mexa na comida dele e quando mexo com a colher, fica contente. Ele

come, come, come a comida e depois chora, mas se vê o prato cheio, fica novamente sossegado e vai embora”.

O medicamento que fez bem ao ROCCO foi *Calcarea carbônica*. Inicialmente teve uma agravação forte, ficou mais constipado, piorou, chorou muito e demos novamente o mesmo medicamento. Vejamos o que disse a dona do animal:

“Tem feito ‘cocô’ a cada 3 dias e antes ficava 2 semanas sem evacuar. O pelo está super bonito. Às vezes quer brincar com a bolinha e fazia anos que não brincava dessa forma, quando ele está excitado sexualmente, vem e se esfrega no meu braço; até isso voltou a fazer, coisa que não fazia há muito tempo. Está jovem de novo, está com cara de novo e o pelo branco da cara sumiu. Não tomou nenhuma medicação depois disso, só tenho feito massagens na barriga”.

O mais interessante no que aconteceu com ROCCO foi seu processo de cura. Em primeiro lugar foi melhorando a parte interna do seu corpo, isto é, a melhora no funcionamento do intestino. E a pele, que melhorou por último, foi melhorando da cabeça para a cauda. Na Homeopatia respeitamos este processo de cura, a melhora no sentido do órgão mais interno para o mais externo.

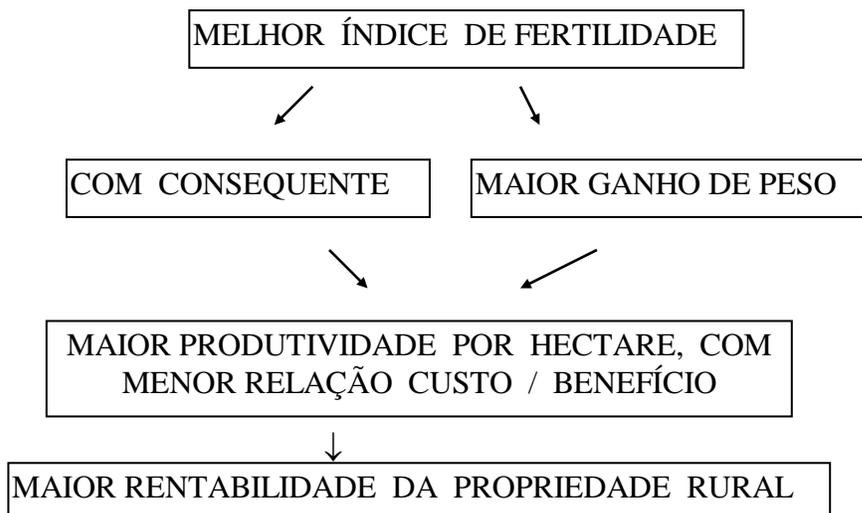
Para o ROCCO, que nesses 10 anos de vida passou por tantos sofrimentos, esperamos que seus problemas tenham ficado no passado e que a partir do tratamento homeopático, leve uma vida repleta de saúde, oferecendo à sua “família” muitos momentos inesquecíveis de alegria, que somente ele com as suas atitudes (psico-físico-comportamentais) poderia proporcionar. E também que sua vida seja longa como a de um autêntico felino... de sete vidas.

O Tratamento Coletivo

Se a Homeopatia Veterinária possui esse potencial de tratamento individual, surge a seguinte dúvida: “A Homeopatia pode cuidar de plantel ou de uma população de animais?”.

Sim. A Homeopatia permite o tratamento em nível populacional. O termo Homeopatia Populacional foi instituído pelo Médico Veterinário, Dr. Cláudio Martins Leal, que tem trabalhado no desenvolvimento de experiências em nível de rebanhos (bovinos) e planteis (suínos e aves de corte), com resultados surpreendentes. Vejamos a seguir, o esquema que ele nos propõe:

HOMEOPATIA POPULACIONAL - O REBANHO COMO UNIDADE



O experimento feito pelo Dr. Cláudio Martins Leal, consiste no confinamento de dois grupos de bovinos, vizinhos, limitados por uma cerca de arame. É incrível, mas no momento em que o trator se aproximava do cocho para oferecer o alimento aos animais, no lote que não recebeu o medicamento homeopático, todos vinham para se alimentar e no final do dia não havia sobra de alimento. No lote que recebeu o medicamento homeopático, os animais estavam mais calmos, vários deles não vinham comer o alimento, ficavam deitados e tranquilos e no final do dia havia sobra de alimento, porém, com um ganho de peso maior! É impressionante, e isso está gravado em vídeo.

Podemos dizer que há inúmeras vantagens na utilização da Homeopatia na criação de animais; a relação custo / benefício no final será de maior rentabilidade ou seja, uma economia na propriedade rural.

A Dra. Stella Maris Benez tem realizado trabalhos fantásticos com criações de aves: 3.000 diamantes-gold, plantéis de canários, periquitos, calopsitas, faisões e pavões com fabulosos resultados.

Pelo fato das aves possuírem um ciclo reprodutivo curto, podemos verificar os resultados das condições mais propícias à reprodução e o melhoramento da raça.

Os animais possuem sua comunicação própria, mas não conseguimos compreendê-los totalmente. A Homeopatia Veterinária procura perceber, compreender e valorizar os sintomas psico-físico-comportamentais, pois estes sintomas objetivos são nada mais que uma forma de expressão pura do animal. Uma questão de observar, analisar e compreender as atitudes dos ditos “animais irracionais”.

Quando estamos clinicando, há momentos em que nos deparamos frente-a-frente com os nossos pacientes. Nossos olhares se cruzam e se fixam por alguns segundos... sentimos algo dentro de nós que diz: “como é gratificante o caminho da Homeopatia! E como vale a pena!”.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BENEZ, S. M. - Nosódios: Aspectos filosóficos, técnicos e práticos na clinica homeopática. Casos clínicos utilizando *Collibacilinum*. Monografia apresentada no Curso de Especialização em Homeopatia Veterinária - A. P. H. - São Paulo = 1993.

MOROOKA, C.H. - Analogia entre as “Paixões da Alma” de René Descartes e os sintomas psicofísico-comportamentais na Medicina Veterinária Homeopática - Monografia do Curso de Especialização em Homeopatia Veterinária - A. M.H.Pr. - Curitiba - 1988.

REAL, C. M. et al. - Relatório final de pesquisa. Trabalho realizado na Fazenda Chapadão, Campo Grande, 1992.

Capítulo 19

A AIDS, O CÂNCER E A HOMEOPATIA

O avanço do materialismo na sociedade e a tecnologia mal direcionada, provocaram uma ruptura, dentro do ser humano, na ligação com seus valores transcendentais. Mais uma vez, repetindo-se o ciclo da história das civilizações, a humanidade está frágil e insatisfeita, a ponto de ser desviada de seu caminho natural de evolução, tornando-se facilmente manipulada pela máquina da propaganda, onde o sexo, o prazer físico e o poder material são os apelos principais, seja numa simples propaganda de sandália, de óculos ou de bebidas, seja nas novelas ou seja mesmo nas propagandas políticas. O sexo deixou de ser um MEIO de maior integração e comunhão entre as energias feminina e masculina, para tornar-se um FIM em si mesmo.

Com a perda de seus valores essenciais, torna-se difícil para o homem entrar em contato consigo mesmo e não sendo mais capaz de fazer companhia a si próprio, tenta preencher o vazio interior com as coisas do mundo exterior, sem, entretanto, nunca conseguir seu intento, porque o querer não tem limite. A consequência disso é a total insatisfação, uma procura constante de resolver sua angústia essencial e existencial e que pode traduzir-se, muitas vezes, pela mudança freqüente de parceiros sexuais ou pelo uso de drogas cada vez mais potentes, na busca incessante do prazer, da ilusão da paz interior e da felicidade, na realidade nunca encontrados, pois esses bens não os encontramos fora e sim dentro de nós mesmos.

Quando violamos imprudentemente a lei da gravidade sofremos uma queda e quando violamos as leis que regem o equilíbrio do nosso próprio corpo sofremos uma enfermidade. O “stress” é o resultado das reações do nosso corpo, mente e espírito aos acontecimentos e estímulos ambientais que nos atingem e afligem na vida diária. Opiniões, emoções e pensamentos, principalmente os negativos, produzem em nosso corpo substâncias químicas que alteram o estado de equilíbrio, muitas vezes instável, em que nos encontramos.

Apesar de todo avanço tecnológico, o homem continua com a idéia de dominar a natureza e quando vê suas tentativas frustradas tem uma reação destrutiva em relação ao meio. Nesse contexto de total desrespeito à natureza, de relações sociais e interpessoais deterioradas, e de falta de ética em todos os setores do relacionamento humano, aumenta a incidência de câncer, doenças

cardiocirculatórias e surge a AIDS. O Prof. Dr. Adib Jatene comenta, sabiamente, que as causas mais importantes do infarto do miocárdio são provavelmente a VAIDADE e a INVEJA.

A cultura ocidental estimula a auto-afirmação ao invés da integração, a competição ao invés da cooperação, a expansão ao invés da conservação.

O ser humano, como disse Hahnemann em seu artigo “**Medicina da Experiência**”: *é o ser mais frágil e mais pobremente dotado biologicamente pela natureza*, embora possua intelecto e livre arbítrio, o que o distingue como o ser mais evoluído da Criação (Vide capítulo 24). Quando o homem se afasta de seus valores transcendentais, não se conformando com seu destino de Ser vulnerável, procura defender-se dessa vulnerabilidade através de dois mecanismos possíveis: impondo-se ou destruindo o meio que o circunda.

A atitude de impor-se ao meio, caracteriza-se no nível psíquico pela hipertrofia do ego, pela competitividade desenfreada e pela falta de sentido moral; no nível orgânico, por um crescimento anormal (hipertrofia) dos tecidos e órgãos: as estatísticas sobre câncer mostram uma incidência crescente e assustadora e a arteriosclerose, é a primeira causa de morte nos países desenvolvidos e mesmo nos países em desenvolvimento como o Brasil.

Por outro lado, a atitude destrutiva corresponde a uma destruição de si mesmo (autodestruição) ou do próximo (heterodestruição). A AIDS caracteriza-se pela destruição das defesas imunológicas do indivíduo, deixando-o vulnerável a microorganismos comumente inofensivos. Muitos tipos de câncer também apresentam características destrutivas.

As doenças, inclusive a AIDS e o câncer, são o resultado do desrespeito às leis imutáveis da Criação. O que acontece na mente vai refletir no corpo, estabelecendo os limites entre a saúde e a doença. A sociedade está doente e surgem doenças, em nível epidêmico, que refletem esse estado.

O mau uso do livre arbítrio, isto é, em desacordo com a Lei Maior da Criação e da Natureza, acaba levando a um conflito interior do qual, muitas vezes, o homem não tem consciência e dessa forma surgem as doenças.

As pessoas se perguntam se algum dia será encontrada a cura do câncer e da AIDS.

O objetivo do tratamento homeopático é proporcionar aos nossos pacientes a oportunidade de evoluírem como Seres Humanos, isto é, que a partir dos seus instrumentos livres e sãos (estado de equilíbrio físico, mental, emocional e espiritual), que o medicamento homeopático **Simillimum** estabelece no organismo, possam atingir os altos fins da existência.

Essa tarefa de ajudar os pacientes a trilharem o caminho da cura, difícil para todos nós, parece-nos particularmente mais difícil nos pacientes portadores de HIV / AIDS. A respeito disso, temos 4 considerações a fazer:

A **primeira** é que a AIDS é uma doença a nos mostrar que o tempo urge. As transformações têm que ser rápidas e imediatas: “ou você muda, ou se abandona e se deixa morrer”. Só difere da grande maioria das doenças por este particular aspecto. De uma forma geral, esses pacientes estão muito desarmonizados e, por isso, muito distantes do fim transcendente do Homem; e, sendo o religar-se, o retorno ao estado primitivo, um processo doloroso, difícil e demorado, na maioria das vezes, não há tempo hábil de se completar o processo.

A **segunda** é que, para a manutenção de um estado de saúde e equilíbrio, são necessários, segundo Hahnemann, em seu artigo “**Esculápio na Balança** “: *buscar conhecimentos que abarquem o Universo e praticar atos que exaltem a dignidade humana*. Entretanto, para a maioria de nós e, em particular, para os pacientes portadores de HIV/AIDS, essa busca parece ser incipiente ou inexistente e os padrões atuais de nossa sociedade estão muito longe da ética e mística necessárias para exercer a solidariedade e a fraternidade. A vontade e o entendimento que são o central no homem, não são adequadamente buscados e exercidos.

A **terceira** consideração refere-se ao fato de que a grande maioria dos pacientes portadores de HIV / AIDS se enquadram na categoria dos pacientes ditos defectivos (aqueles que não apresentam sinais e sintomas que permitam individualizar o medicamento *Simillimum*), como Kent refere no artigo “**Porque o Câncer é incurável**”. Estão tão centrados em sua doença, nos sintomas físicos exuberantes, diversos e numerosos que apresentam, estão tão preocupados em por fim às dores e sofrimentos físicos que os afligem, estão tão certos que a morte é inevitável e se aproxima a largos passos, que não conseguem nos transmitir o que é realmente importante e relevante do ponto de vista da Homeopatia, isto é, suas sensações mais sutis, o modo alterado de seu corpo estar em contato e interagir com os fatores ambientais, seu drama individual transcendente ou essencial, sua relação com o Criador. Eles só conseguem nos trazer sintomas comuns tais como: medo da morte, medo de sofrer, medo da doença, vergonha etc.

E por fim, a **quarta** consideração, é que um grande número de pacientes procura um médico homeopata como mais uma tentativa ou como a última esperança de receber um remédio “mágico” que os cure de seus males, sem estarem, na verdade, dispostos a iniciarem um processo interior de busca, de auto-observação, autoconhecimento e transformação. Eles querem do médico

a solução para o seu problema e não uma proposta de trabalho conjunto. Isso fica bem demonstrado pelo grande número de abandonos de tratamento, logo após a primeira ou segunda consulta.

Essas considerações são, no nosso entender, as dificuldades principais no tratamento de pacientes portadores de HIV/AIDS.

Conduta Frente ao Paciente

Em virtude da extrema dificuldade de se encontrar o *Simillimum* desses pacientes e considerando o artigo n.º 57 do **Código de Ética Médica**, que diz: “*é vedado ao médico deixar de utilizar todos os meios disponíveis de diagnóstico e tratamento ao seu alcance em favor do paciente*”, de maneira geral, é recomendável não suspender qualquer medicação que o paciente esteja tomando, salvo aquelas consideradas supressoras, como, por exemplo, pomadas e cremes, e aquelas cuja suspensão não coloca em risco a vida do paciente.

Devemos considerar duas situações diversas:

1) Pacientes doentes de AIDS, isto é, aqueles que já apresentam sintomatologia e/ou doenças oportunistas.

À medida em que vamos percebendo que o paciente está melhorando, que temos na mão o provável *Simillimum*, vamos lentamente suspendendo os medicamentos alopáticos e deixando apenas o medicamento homeopático.

Na eventualidade do surgimento de sintomas de alguma doença oportunista na vigência do tratamento homeopático, pelos mesmos motivos expostos anteriormente, achamos recomendável introduzir a medicação alopática correspondente ao caso e reavaliar o medicamento homeopático.

2) Pacientes portadores de HIV, isto é, que estão apenas infectados ou assintomáticos.

Quando o paciente não apresenta sintomatologia de alguma doença que necessite ser medicada, é melhor aguardar para ter certeza do medicamento antes de fazer a primeira prescrição.

Nesses casos, quase 100% dos pacientes apresentam dermatite seborréia de couro cabeludo ou cutânea. É fundamental conservar a doença nesses sítios, para que funcione como válvula de escape e/ou segurança, a fim de permitir um tempo maior na busca do *Simillimum*.

A Cura da AIDS

Não é possível falarmos em cura da AIDS através da Homeopatia, mas podemos falar em equilíbrio por tempo indeterminado.

Depois da tomada do *Simillimum*, se o paciente se colocar na busca da “relição” e passar a sentir e atuar dentro dos princípios místico e ético, definidos pela Lei Maior, ele poderá manter-se em situação de equilíbrio permanente.

Acreditamos que, naqueles pacientes em que conseguirmos individualizar o *Simillimum* e que cumprirem os pressupostos anteriores, o vírus HIV poderá ficar inativo indefinidamente. Ele, como todos os agentes morbíficos, físicos, químicos ou biológicos, é condição necessária, mas não suficiente para produzir doença. Tudo depende da suscetibilidade individual, decorrente da desarmonia da vontade e do entendimento, do uso equivocado do livre arbítrio.

Como dissemos anteriormente, o tempo urge para todos e, especialmente, para os pacientes portadores de HIV / AIDS. Seria importante se todos os pacientes pudessem participar de Grupos de Autoajuda ou de entidades que pudessem estimular a busca de conhecimento a respeito do processo saúde-doença, a respeito do por quê e para quê vivemos; onde pudessem praticar ou aplicar esses conhecimentos, onde pudessem desenvolver o espírito de solidariedade humana, ética no relacionamento, a fraternidade e colaboração mútuas, onde pudessem perceber a importância maior do amor universal, do amor incondicional.

O Homem com sua Energia Vital vibrando de forma desarmônica é um caminhante numa estrada sinuosa, escura e com neblina. A dificuldade de visualização dos limites da estrada é proporcional à intensidade do desequilíbrio. O uso do livre arbítrio, o manter-se na estrada rumo aos altos fins do Ser Humano, é muitas vezes dificultado pela ocorrência de sintomas que turvam, como neblina, a visão e o entendimento. Se esse mesmo homem tomasse seu medicamento *Simillimum*, é como se de repente desaparecesse a neblina e a noite escura se transformasse em noite de lua cheia. Tudo fica claro, os instrumentos ficam livres e são. É possível ver claramente

os limites da estrada, os obstáculos são mais facilmente transpostos, os perigos são menos assustadores e mais facilmente evitados. O caminhante agora pode, se quiser, caminhar seguramente rumo ao seu objetivo, à religião com o Criador.

Talvez a estrada do paciente portador de HIV/AIDS seja mais perigosa que o caminho de um monge tibetano. Talvez tenha mais perigos, mais abismos e despenhadeiros, atalhos e desvios, trechos interditados, túneis longos e muito mais escuros que o exterior. Se eles puderem caminhar em grupo, ajudando-se e amparando-se mutuamente, quando um tropeça e cai os outros podem esperá-lo e ajudá-lo a levantar-se, se um está saindo fora da estrada os outros podem mostrar o caminho, se muitos estiverem atentos e com os olhos abertos, poderão ver melhor os perigos e acidentes da estrada.

Mais importante do que evitar o curso inexorável para a morte, é a possibilidade de poder melhorar a qualidade de vida desses pacientes, isto é, com mais carinho, compreensão, amizade, dignidade, cumplicidade e amor.

Acreditamos que um caminho possível para a cura será quando a sociedade como um todo fizer uma revisão de seus valores e atuar no sentido de transformá-los. Isso vale também para o câncer e para as outras doenças crônicas que afligem a humanidade. A doença predominantemente numa sociedade ou determinado grupo populacional é o reflexo e o retrato de como são seus indivíduos.

O medicamento homeopático por si só não cura as pessoas, ele coloca o indivíduo em condições mais favoráveis para que possa se curar, coloca o indivíduo num **PROJETO DE SAÚDE ESTÁVEL**, que é conseguido e mantido com o uso adequado do livre arbítrio e a integração do ser biopsicoespiritual.

A AIDS, no seu contexto social, é uma doença que vem nos mostrar a necessidade da prática da FRATERNIDADE, da compreensão com o próximo e da colaboração mútua. Desta forma a humanidade poderá vencer esses desafios.

Observamos ao longo dos últimos anos, em que atendemos a um grande número de pacientes portadores de HIV/ AIDS, que aqueles que passaram por uma transformação interior, com mudança de atitude perante a vida, esquecendo de sua própria doença e priorizando servir o próximo, estão conseguindo manter-se equilibrados e clinicamente estáveis, situação que pode continuar na dependência da manutenção dessa disposição interior de evolução emocional, mental e espiritual.

É preciso mudar integralmente: adquirir hábitos alimentares mais naturais e saudáveis, renunciando a todas as substâncias tóxicas que agredem o corpo físico e mental (fumo, álcool, drogas em geral), adquirir um ritmo de vida sem excessos, dentro da maior rotina e harmonia possíveis, em busca de um caminho que leve à evolução espiritual e que permita a religação com o transcendente.

Capítulo 20

DA ALOPATIA À HOMEOPATIA

Flávia Risaliti

Eu não me apaixonei pela Homeopatia, mas sim, optei por ela. Minha história foi algo diferente; fui me desencantando com a Alopatria e com sua forma de ver o ser humano de forma tão reduzida e tão estática.

A cada momento que passava, via que meus pacientes queriam algo mais do que simplesmente falar de sua dor na coluna ou de sua dor de cabeça, ou ainda, de sua tontura; eles queriam me comunicar algo que vinha de algum lugar que eles não sabiam e eu não tinha ouvidos e nem percepção para saber onde estava a “real” doença deles.

Quando um dia ao “curar” a úlcera da perna de uma paciente e ela enfartou quinze dias depois, constatei que, ao fechar aquela úlcera com tratamento local sem o entendimento do que o “todo” da paciente queria me dizer, interiorizei sua doença que era benigna e superficial, levando-a para um órgão vital, cujo adoecimento poderia ter significado a sua morte. Eu havia propiciado a “cura” da ferida externa, sem levar em conta a individualidade complexa daquele Ser Humano como um todo energético.

Lembro também de um garoto de seis anos que tratei de uma broncopneumonia com antibióticos e ele, que era um menino acessível e tranquilo, passou a agredir os amigos e irmãos, tornando-se insuportável na escola e na família.

O que estava acontecendo na minha vida? Todas as teorias e fundamentos em que me apoiava para o tratamento das doenças, tanto agudas como crônicas, estavam sem base, eram sem consistência. Como continuar a fazer da medicina o que eu havia sonhado? Um sacerdócio? O que havia sobrado? Nada? Eu estava no vazio total.

Por que uma pessoa que nunca havia ido ao médico, de repente ia a cinco deles para que cada um pudesse ver um pedaço seu, quando na verdade o seu todo é que estava comprometido?

Quantas vezes tive pacientes que me diziam: *“Doutora, tenho uma família bonita, filhos saudáveis, um bom emprego, amigos, mas...”*. Mas o quê? E meio envergonhados completavam: *“...apesar de tudo isso, não estou bem, me sinto triste e às vezes até sem vontade de viver! Sabe, é até*

pecado dizer isso, mas é que eu sinto...". E eu, médica, ouvia e até percebia o quanto o paciente estava sofrendo, mas e daí? Como ajudá-lo? O que fazer? E tinha duas saídas: psicoterapia e/ou calmantes, o que os embotava cada vez mais.

Fui ficando cada vez mais insatisfeita com o modo de exercer a medicina que eu havia aprendido na faculdade; sentia que dominava a técnica, mas faltava muito para uma proximidade com o meu paciente; eu estava distante do meu ideal. Aquele não era mais o meu caminho, mas não via outro a seguir.

Saí em busca de mim mesma. Foi quando me deparei com a Homeopatia e me encantei com a sua forma, não de ver o “outro”, mas de compreendê-lo e percebê-lo de um modo muito mais profundo e amplo. Foi uma coisa maravilhosa ter as respostas que eu sempre procurei, mas que estava longe de encontrar até aquele momento.

A Homeopatia veio preencher todo este... “não sei o que fazer”. Se hoje não tenho todas as respostas, tenho um número bem menor de perguntas não respondidas e dúvidas bem mais fundamentadas. Agora, completamente convicta da nova compreensão que me dá a Homeopatia, como conviver com a “velha forma”?

É óbvio que a primeira coisa que aprendemos foi a humildade e, portanto, nada de radicalismo. O mais importante para o nosso paciente é a confiança e poder ter a certeza que o acolheremos em qualquer situação. Ao longo destes anos, percebi que o melhor é nem atacar e nem defender, e sim conviver com a “velha forma”.

Se o meu paciente vem de um tratamento alopático, e há longo tempo toma alguns medicamentos, não os suspendo e deixo, desde que não seja perigoso, a critério do próprio paciente que, à medida em que se sente melhor, abandona ou “esquece” de tomá-los.

Outro tópico importante é que se, durante o tratamento homeopático, o paciente apresenta uma infecção aguda grave para a qual não conseguimos, por falta de talento ou limitação nossa, já que a Homeopatia é perfeita, achar o medicamento mais indicado para debelá-la, necessitamos recorrer temporariamente a qualquer outro recurso terapêutico disponível que salve a vida daquele paciente, para em seguida retornarmos à abordagem homeopática.

Crença e Mitos

Precisamos acabar com alguns mitos da Homeopatia, por exemplo:

1) A Homeopatia demora para fazer efeito e é um tratamento lento.

A verdade: A Homeopatia necessita de uma consulta demorada, mas pode agir rapidamente, em segundos, ou demorar meses, dependendo do tempo que o paciente apresenta a doença, do quanto se mostra ao médico e se este é capaz de percebê-lo e entendê-lo.

2) A Homeopatia é boa para processos alérgicos.

A verdade: A Homeopatia pode tratar de qualquer desequilíbrio energético (todas as doenças representam isto) de qualquer pessoa, em qualquer gravidade.

3) A Homeopatia não serve para casos agudos.

A verdade: A Homeopatia pode e deve ser usada inclusive em UTI (Unidade de Terapia Intensiva) e em casos graves e cirúrgicos.

4) Medicamentos homeopáticos não fazem mal.

A verdade: Podem fazer mal e portanto devem ser usados com muito critério e indicação médica.

5) Fórmulas e manipulações são Homeopatia.

A verdade: Não são. Existe um modo especial de fazer os medicamentos homeopáticos e estes são específicos.

Com esta compreensão do todo, não havia como escapar da “transformação”. Transformação do meu “eu”, da minha energia, da minha relação com o outro. Agora, só havia uma coisa a procurar no meu paciente: “o núcleo” do seu sofrimento (invisível, mas perceptível) e o objetivo da cura seria o equilíbrio deste ser complexo - o Homem.

Não foi apenas uma mudança na minha forma de trabalho, mas uma mudança pessoal, íntima e profunda da concepção de mim mesma e dos outros, o que provocou uma outra concepção do Universo. Já não havia como escapar das provas concretas que, além da existência, vislumbrava a essência eterna e um Princípio Inteligente que a tudo coordena.

Hoje, resta-me a convicção de que apenas participo da cura do outro como um instrumento, e chego à conclusão de que talvez o nosso dever de médico não seja evitar ou aliviar o sofrimento à qualquer custo, mas principalmente compreender o “por quê” e o “para quê” desse sofrimento e integrá-lo.

Capítulo 21

OUTRAS FORMAS ALTERNATIVAS DE TRATAMENTO E A HOMEOPATIA

A Energia Vital é conhecida e trabalhada por vários povos e culturas há milhares de anos, os quais criaram diversos sistemas terapêuticos capazes de reequilibrá-la quando perturbada dinamicamente.

É nessa energia que atuam a Homeopatia e as demais formas de terapia energética como a Acupuntura, Do-in, Antroposofia e Ioga, incluindo os passes magnéticos de sensitivos (para-normais) que têm o poder de cura pelas mãos, fato relatado em vários livros de parapsicologia.

A Acupuntura nos traz o conhecimento milenar dos meridianos (também usados na aplicação do Do-in) que são os canais por onde circula a energia vital. Podem haver bloqueios à livre circulação dessa energia e a liberação destes seria o objetivo dessa forma de tratamento. Muitos pacientes costumam associar a Acupuntura à Homeopatia, o que é, a nosso ver, muito discutível. A Acupuntura paliativa ou sintomática, isto é, para tirar uma dor ou tratar uma amigdalite, por exemplo, pode ser tão supressora quanto um analgésico ou um antibiótico e deve ser evitada.

Por outro lado, a Acupuntura e o Do-in podem ser totalizantes e preventivos, como a Homeopatia. É fundamental que o paciente opte por uma forma exclusiva de tratamento porque a associação dessas terapias pode dificultar a avaliação, pelo médico, dos resultados do medicamento homeopático prescrito e dessa forma interferir na conduta a seguir. O quê melhorou o quê? O quê realmente atuou curativamente sobre o paciente? Como seguir o tratamento?

De 1895 a 1906, o Dr. Daniel David Palmer, a partir de um feliz incidente com um paciente, criou as bases de um sistema de tratamento que chamou de Quiropatia, fundamentado no fato de que qualquer função orgânica obedece a um comando central (Sistema Nervoso), cuja ação se transmite por via nervosa. Assim, qualquer compressão de nervos, em qualquer nível, poderia prejudicar a fisiologia normal do corpo humano, principalmente ao nível da coluna vertebral, de onde emergem os nervos raquidianos. O tratamento se processa por manobras especiais, visando à descompressão desses nervos, permitindo um livre fluir dos estímulos nervosos. Essa terapia

pode ser associada a qualquer outra forma de medicina, inclusive a Homeopatia, onde muitas vezes auxilia no tratamento.

A Isoterapia (*iso* em grego significa igual) também é muito confundida com Homeopatia e é usada pelos médicos homeopatas em alguns casos específicos. Também não deve ser usada concomitantemente com o medicamento homeopático como regra geral. O mesmo pode-se dizer sobre a Oligoterapia ou Terapia Ortomolecular.

A Medicina Natural ou Fitoterapia ou Medicina Herbácea e Dietética, se baseia no tratamento através de plantas e alimentos com propriedades medicinais e, na maior parte das vezes é sintomática ou paliativa, não devendo, portanto, ser usada indiscriminadamente, a não ser com orientação médica. As dietas bem orientadas, no entanto, podem muitas vezes ser de grande ajuda no tratamento homeopático.

Muitos pacientes confundem Homeopatia com a Medicina Antroposófica criada por Rudolf Steiner. O modo de analisar e tratar o paciente é muito diferente da Homeopatia, embora as duas formas terapêuticas usem medicamentos dinamizados. Costumamos orientar nossos pacientes a optarem por uma ou outra forma de tratamento, para evitar avaliações clínicas equivocadas.

A Terapia Floral (de Bach, Californianos, Australianos, Mineiros, etc.), embora também seja uma terapêutica energética), é diferente da Homeopatia, pois não se baseia nos princípios fundamentais que regem esta última. Pelo mesmo motivo exposto em relação à Medicina Antroposófica e à Acupuntura, aconselhamos nossos pacientes a não usarem concomitantemente as duas formas terapêuticas.

O tratamento psicoterápico, psicossomático e a terapia corporal, especialmente aqueles com abordagem yungueana, muito podem auxiliar no tratamento homeopático, assim como a Homeopatia muito pode ajudar num processo psicoterápico.

Capítulo 22

O TRATAMENTO DAS DOENÇAS ARTIFICIAIS

Quando escrevemos o livro *Aos que se tratam pela Homeopatia*, nossa intenção foi proporcionar aos interessados em iniciar ou manter um tratamento homeopático, a oportunidade de conhecer, resumidamente, os princípios que direcionam esse tipo de tratamento, orientam a conduta médica, e a abordagem e compreensão do paciente.

Em momento algum nos propusemos a ensinar aos pacientes a se automedicarem porque, em Homeopatia, as condutas são individualizadas, diferindo de paciente para paciente e de médico para médico. Em situações normais, isto é, quando os pacientes têm um médico homeopata que os acompanha e pode orientá-los quanto ao uso ou não de medicamentos em caso de doença ou acidentes, somos contrários à automedicação. Sempre que possível, a responsabilidade do tratamento deve ser do médico e não do paciente, de forma a não o deixar inseguro quanto ao melhor procedimento ou medicamento a ser tomado.

Existem, no entanto, situações de emergência médica em que o conhecimento dos primeiros socorros é muitas vezes fundamental para evitar consequências e/ou sequelas graves.

Com estas orientações, pensamos em, mais uma vez proporcionar àqueles que se tratam pela Homeopatia a oportunidade de conhecer condutas terapêuticas homeopáticas que podem a nosso ver, serem adotadas em situações que não dependem, obrigatoriamente, de individualização, por todas as pessoas, estejam ou não sob tratamento homeopático.

Doenças Naturais e Artificiais

Podemos classificar as doenças agudas em:

1) Doenças naturais ou endógenas - são aquelas que aparecem em decorrência de um desequilíbrio da Energia Vital (EV) e acometem os seres vivos.

Se a EV vibra harmonicamente, todo o ser se mantém em perfeito equilíbrio, tanto com relação às suas funções como com relação às ações que executa. Quando, por algum motivo, essa EV se desequilibra, surgem sintomas de doenças agudas (resfriados, gripes, pneumonias, diarréias,

sarampo, caxumba, etc.) ou de doenças crônicas (reumatismo, alergias, asma, eczema, úlcera de estômago, tuberculose, câncer, AIDS, etc.).

Em qualquer situação de doença natural ou endógena, o paciente deve sempre consultar o médico que o acompanha, para que este possa prescrever o tratamento individualizado e adequado ao seu caso.

2) Doenças artificiais ou exógenas - são aquelas que não dependem de um desequilíbrio prévio da EV, mas sim de uma sensibilidade própria de cada espécie aos agentes agressores do meio ambiente. Por ex.: se cortamos um galho de uma árvore de grande porte, sua vitalidade ou integridade pouco ou nada sofrerão, mas um animal atingido por um golpe de machado não terá a mesma reação. Enquanto um pingüim pode ficar horas ou dias inteiros dentro das águas geladas do Pólo Sul sem sofrer qualquer dano, isso é impossível para muitas espécies animais, inclusive o homem.

Assim, as doenças artificiais ou exógenas decorrem de agressões ambientais, das quais os seres vivos não podem se defender ou às quais não estão adaptados. Surgem quando a agressão é muito intensa e ultrapassa a capacidade de reação e recomposição do organismo. De uma forma reduzida, podemos dizer que as agressões ambientais são de origem:

1) Física: a) Traumática: fraturas, cortes, esmagamentos, etc.

b) Termelétrica: queimaduras, choques elétricos, resfriamentos, etc.

2) Química - *Venenos minerais*: substâncias tóxicas, queimaduras por produtos químicos, etc.

3) Biológica - a) *Venenos vegetais*: intoxicação por plantas venenosas, queimaduras, etc.

b) *Venenos animais*: acidentes com cobras, abelhas, aranhas, etc.

Como Tratar as Doenças Artificiais

Mesmo que o paciente apresente um distúrbio orgânico de origem exógena, se possível, é sempre melhor consultar seu médico.

Apresentaremos a seguir nossa conduta nos casos de agravos exógenos à saúde, lembrando que ela pode diferir da conduta de outros colegas. Também não pretendemos esgotar o assunto e nem orientar o tratamento de todos os problemas decorrentes de agressões ambientais. Daremos apenas a indicação de tratamento para as situações de emergência mais comuns.

Em todo e qualquer tipo de agravo à saúde, é necessário avaliar a gravidade e a intensidade dos sintomas antes de definir a potência do medicamento, a dose e o intervalo entre as doses. Em casos muito graves, o medicamento pode ser administrado até a cada 5-10 minutos; nos casos mais leves, três a quatro vezes ao dia. Recomendamos a dose de 2 glóbulos ou 2 gotas a cada tomada. É importante sempre aumentar o intervalo entre as doses, à medida em que os sintomas começarem a melhorar, para não correremos o risco de fazer uma patogenesia (já explicada no livro) e dessa maneira piorar novamente os sintomas.

Os medicamentos podem ser administrados sob a forma de gotas ou glóbulos, dependendo do caso (em crianças, por exemplo, é mais fácil a administração de glóbulos). A potência dos medicamentos, a dose e o intervalo entre as doses são os mesmos, independentemente de sexo, peso ou idade do paciente.

Os Medicamentos e Suas Indicações

Arnica montana CH12 ou CH30 - indicada nos casos de traumas e contusões, em que existe comprometimento vascular do tecido (esquimose ou manchas roxas), nos casos de tratamento de canal dentário ou extração de dentes, nos casos de fraturas e quedas.

Natrium sulphuricum CH12 ou CH30 - indicado nos casos de traumatismos cranianos graves.

Hypericum perforatum CH6 ou CH 12 - indicado nos casos de esmagamento ou prensagem das extremidades do corpo.

Staphisagria CH6 ou CH12 - indicada para os ferimentos com instrumentos cortantes (giletes, bisturi, facas, navalhas). Nos casos dos cortes causados por golpes é mais indicado o uso de *Arnica montana*.

Apis mellifica CH6 ou CH12 - indicada nos casos de queimaduras por agentes físicos ou químicos; antes da exposição ao sol para pessoas sensíveis. Também indicada nos casos de picada de abelha.

Arsenicum album CH6 ou CH12 - indicado nos casos de queimaduras por agentes físicos, químicos ou biológicos.

Calcarea phosphorica CH12 ou CH 30 - indicada como auxiliar do processo de calcificação, nos casos de fraturas.

Symphitum CH6 ou CH12 ou *Calendula officinalis* CH6 ou CH12 - indicados como cicatrizantes, apenas nos casos de lesões de pele de origem exógena, ou seja, cortes, escoriações, perda de áreas de pele, etc.

Álcool etílico (álcool comum) - Hahnemann indicava seu uso nos casos de queimaduras. Embora não seja usado diluído e dinamizado, sua ação também se baseia na Lei dos Semelhantes. Nos casos de queimadura, embeber um algodão em álcool e aplicar diretamente sobre a área queimada.

Queremos salientar que, em qualquer dessas situações, não estão incluídos os procedimentos médicos convencionais quando necessários: uma fratura requer redução e imobilização: cortes extensos e/ou profundos deverão ser suturados; nos casos de envenenamento é necessário tomar o antídoto adequado; nos casos de queimaduras graves, é necessária a reposição de líquidos, etc.

NÃO ESQUEÇA: SEMPRE QUE PUDER, TENDE ENCONTRAR SEU MÉDICO ANTES DE SE AUTOMEDICAR.

Capítulo 23

O DESPERTAR DO MÉDICO INTERIOR

“... por isso, o maior erro de nossos dias... é que os médicos separam a mente do corpo”.

Platão

A medicina moderna, alopática ou convencional, padece cada vez mais com a crescente especialização. Do ponto de vista psicológico, um dos aspectos mais destrutivos nas condutas médicas de hoje, é a abordagem do paciente em compartimentos estanques, com a conseqüente perda de qualquer consideração com a totalidade. Enfim, não há nenhuma visão integrativa. É necessário eliminarmos essa fragmentação e reintegrarmos num todo: espírito, mente e corpo (*pneuma, psique e soma*).

Todo procedimento terapêutico, desde a prescrição de um antitérmico até uma cirurgia cardíaca, da administração de chás caseiros - passando pela Acupuntura e pela Homeopatia - até os passes magnéticos de cura espiritual, têm como objetivo e preocupação central a CURA. Muitos destes procedimentos são aceitos e avalizados pela ciência, podendo ser usados indiscriminadamente em qualquer paciente, mesmo que sabidamente arriscados ou prejudiciais à saúde. Entretanto, existem métodos terapêuticos e diagnósticos, ditos alternativos, que a ciência não aceita e até condena sob a pretensa alegação de inexistência de “provas científicas” que confirmem sua eficácia ou credibilidade. Ora, se nunca se conseguiu comprovar “cientificamente” essa eficácia, empiricamente observada, foi tão-somente porque ninguém financiou pesquisas nesse sentido e, justamente, porque não houve um “*patronage*” que acreditasse nessa possibilidade.

Até o início da era cartesiana, ciência, religião e medicina sempre estiveram interligadas. Durante milênios, o conhecimento foi unificado e o sábio dominava da astronomia à religião, passando pela botânica e pela matemática. Sem dúvida, hoje é impossível a um só indivíduo conhecer tudo. Sequer é possível o conhecimento integral de uma única ciência. Mas esta não é a verdadeira lacuna, a verdadeira limitação do saber. O ponto crítico, pelo qual pagamos alto preço,

é o abismo e a dicotomia, criados na era cristã, entre ciência e religião. Felizmente, nos últimos anos, cada dia mais afirmações da filosofia oriental e dos estudiosos e praticantes de métodos “não convencionais” são confirmadas pela ciência oficial. Já houve quem dissesse que “*o médico que sabe só de medicina nem medicina sabe*”. Para curar profunda e totalmente, é preciso uma visão holística (ou seja, da totalidade composta pelo corpo físico, mente e espírito) e uma ação integradora. Daí o médico necessitar de conhecimento de religião, filosofia, política, física, geobiologia e tantos outros.

Há que se unir o conhecimento científico acadêmico à tradição conservada, que vem sendo confirmada e compreendida cada vez mais, resgatando desta forma a medicina praticada nos tempos de Epidauro - cidade de Esculápio. Naqueles tempos, considerava-se que só havia cura total do corpo quando se curava a mente. Em outros termos, só havia cura quando havia “**metanoia**”, isto é, transformação de sentimentos.

Em Epidauro existia uma real comunhão entre os sacerdotes (curadores) e os pacientes. O ritmo e a harmonia da música, da poesia e da dança, eram utilizados por seu alto valor tranqüilizante e seu efeito terapêutico imediato sobre a mente e o corpo. Dado que as causas de doenças eram principalmente mentais, o método terapêutico era essencialmente espiritual; daí a importância dada a nooterapia (terapia da alma), que purifica e reforma psíquica e fisicamente o homem inteiro. Procurava-se, a todo custo, através do “*gnôthi s'autón*” (conhece-te a ti mesmo), que o homem acordasse para sua identidade real.

Convém lembrar a imagem arquetípica de **Quiron** ou **Quirão** (centauro sábio e médico da mitologia grega), mestre e educador de Esculápio. Por ter sido atingido por uma flecha envenenada, e apresentar um ferimento incurável, Quiron sabia bem compreender seus pacientes por ser um **médico ferido**. Essa imagem nos leva à idéia de que um paciente pode despertar seu **Médico Interior**, curar-se e, a partir daí, servir como instrumento para despertar o médico interior em outros pacientes com problemas semelhantes. Ainda que certas feridas permaneçam incuráveis, a fim de serem sempre revividas de novo, elas podem ser transcendidas e/ou contrabalançadas por fontes de força e saúde sempre renovadas. O próprio sofrimento é a fonte de um poder curativo, e este poder é o processo curativo. Por essa razão, “só um homem ferido pode curar, pode ser médico”, podemos até dizer, de uma forma homeopática, seguindo a Lei dos Semelhantes.

Hahnemann, no artigo “**Espírito da Doutrina Homeopática**”, nos dá um exemplo:

“...uma moça mergulhada em mágoa pela morte de seu companheiro, se levada a ver uma família onde as crianças, pobres e seminuas, tenham recentemente perdido seu pai, seu único sustento, não se tornará mais triste por testemunhar esta tocante cena, mas será desta forma consolada pelo seu infortúnio menor. A moça não seria tranqüilizada e curada de sua tristeza pela perda do companheiro, se a sua mãe a censurasse. Ao contrário, sua mente estaria mais desolada por este ataque de tristeza de outra natureza. De maneira semelhante, se nós fôssemos causar um alívio aparente - mas somente paliativo - de sua tristeza por meio de divertimentos, iria, em sua solidão, mergulhar em uma tristeza mais profunda e choraria muito mais intensamente pela morte de seu amigo...”

Só quando o médico é capaz de experimentar as próprias feridas e doenças, confrontando-as com as poderosas imagens de natureza arquetípica do inconsciente, é que o paciente, por sua vez, pode passar pelo mesmo processo. Ser ferido significa também ter a capacidade de curar ativada em nós. Talvez pudéssemos dizer que, sem ser ferido, ninguém pode aspirar possuir esta capacidade. Poderíamos chegar até a dizer que o próprio objetivo da ferida é tornar-nos conscientes da capacidade de curar que existe latente em cada um de nós.

A finalidade do confronto de nossas feridas, pode ser a busca de um caminho para chegarmos aos poderes de cura existentes dentro de nós. É, possivelmente, por este motivo que tanta gente se vê atraída pelas profissões de cura, e porque o homem em todos os tempos buscou e continua buscando métodos sempre novos de tratamento e cura, manifestando desta maneira o mito de Quiron latente no inconsciente coletivo.

Todas as pessoas têm certa cumplicidade com o que lhes acontece em termos de saúde. A ciência vem realizando nos últimos anos uma investigação profunda sobre as relações entre a forma como certos indivíduos administram suas emoções e doenças que os acometem ou a maneira como vêm a falecer. É imenso o número de pessoas que tem a saúde comprometida por

choques emocionais. A grande maioria, simplesmente, sofre da incapacidade de gerenciar e dosar emoções como raiva, hostilidade, melancolia, inveja, ciúme, ódio, etc.

Desequilíbrios do nosso corpo emocional acarretam problemas como hipertensão, arritmias cardíacas, distúrbios gastrintestinais e outros, geralmente decorrente da excessiva carga de adrenalina na corrente sangüínea. O “stress” afeta a química do corpo e predispõe o organismo às doenças. Estados psicológicos como depressão pessimismo, ansiedade e solidão parecem estar relacionados com pessoas que tempos depois apresentam câncer, doenças cardíacas, doenças debilitantes ou potencialmente fatais.

O “stress” emocional pode influir sobre as funções do sistema imunitário através do sistema neuroendócrino. Uma deficiência imunológica pode, portanto, ser induzida pelo “stress” emocional e pelo fracasso das defesas psicológicas habituais. Isto talvez explique, por exemplo, por que o período de sobrevivência pós-diagnóstico da AIDS pode ser tão variável (de meses a anos) de paciente para paciente, estando o aparecimento de sintomas geralmente relacionado a estados emocionais alterados.

Clinicamente tem sido admitido, durante vários anos, que as doenças infecciosas, resultam de uma interação entre o hospedeiro e o microorganismo. Por isso, o interesse na verificação dos eventos que possam modificar a resistência do hospedeiro vem crescendo nos últimos tempos. Dentre estes eventos, destacam-se os fatores psicossociais estressantes, que têm demonstrado representar um papel importante na modificação do desempenho da função imunitária, dificultando a recuperação dos doentes. Fatores ansiogênicos influenciam nitidamente a eclosão, o curso e o prognóstico das doenças infecciosas, modificando, por vários mecanismos, a resposta imunitária do hospedeiro, tornando-o mais vulnerável, suscetível e frágil diante do agente patogênico. Ansiedade, depressão e outros estados psicológicos alterados estão ligados a infecções como, por exemplo, o herpes simples. Alguns estudos têm associado fatores sociais e depressão psicológica à suscetibilidade, às enfermidades infecciosas, assim como à sua difícil recuperação.

Outras doenças, como as auto-imunes e o câncer, também estão relacionados ao sistema imunológico alterado e estados emocionais decorrentes de “stress”, depressão, abandono, rejeição, medo, insegurança e de outros fatores ligados à mente e aos sentimentos.

Estudos de neurobiologia revelam a existência de ligação concreta entre o cérebro e sistema imunológico, levando-nos a crer na possibilidade de controlar todas as doenças pelo cérebro, combatendo-as com armas como as emoções positivas. Em outras palavras, as pessoas poderiam,

teoricamente, ser ensinadas a não adoecerem. Os cientistas constataram que bom humor, relaxamento e estado de felicidade em geral, ativam a produção de proteínas anestésicas, chamadas endorfinas, pelo cérebro. Emoções positivas como a alegria e o otimismo devem tornar o corpo mais saudável. É, portanto, muito importante uma correta e positiva atitude mental em qualquer processo de cura. Tal atitude pode ser mantida às custas de muito riso, filmes e livros relaxantes ou de humor.

A pioneira no tratamento dos pacientes em fase terminal de doença é a Dra. Elizabeth Kubler-Ross, que diz que os médicos, e demais profissionais de saúde, aprendem sobre como cuidar de quem está nascendo ou sofrendo de alguma doença, mas não aprendem a cuidar de alguém que está morrendo. Os profissionais da saúde sentem-se mal vendo o paciente morrer, mas nada se faz por ignorância do próprio processo de morte. Falhamos em preparar pacientes e suas famílias para o evento terminal chamado morte. Falhamos em relação à sociedade, pois não participamos da preparação mental e psicológica do paciente que enfrenta a morte. Todos os envolvidos - terapeutas, pacientes e seus familiares - devem receber educação sobre a vida e também obter entendimento sobre o processo da morte. É preciso que, sem sentimentalismo e preconceitos religiosos ou de qualquer outra natureza, a morte seja desmistificada, pois só assim se evitará o pânico diante de um fato biológico, que pode não, necessariamente, significar o fim.

Sempre com visão holística, devemos nos propor a repensar a saúde e a doença, o diagnóstico e a terapia, a vida e a morte, uma melhor compreensão do homem e seu ambiente, pela criação de uma nova forma de pensamento e de estudo. A ciência do global deve aglutinar também os conhecimentos “para-científicos”, para melhor compreender a interação dinâmica entre experimento e experimentador, vida e morte, matéria e energia, doença e saúde, corpo e espírito, doente e terapeuta. Como ferramentas, devemos ter o intelecto e a intuição, a sensibilidade, a abnegação e a paciência, a vontade de servir e o desejo de construir um mundo melhor.

Capítulo 24

OBJETIVO DO TRATAMENTO HOMEOPÁTICO

No parágrafo 9 do *Organon da Arte de Curar*, Hahnemann sintetiza qual o objetivo do tratamento homeopático:

“No estado de saúde, a força vital imaterial, que dinamicamente anima o corpo material, reina com poder ilimitado e mantém todas as suas partes em admirável atividade harmônica, nas suas sensações e funções, de maneira que o espírito dotado de razão, que reside em nós, pode livremente dispor desse instrumento vivo e são para atender aos mais altos fins de nossa existência”.

A seguir, faremos citações de trechos de artigos de vários médicos homeopatas, que poderão esclarecer um pouco mais a Doutrina Homeopática.

Dra. Maria Clara Bandoel:

“Hahnemann diz em um de seus artigos, que o ser humano sem a ajuda, sem a proteção da mãe quando nasce, deixado em seu próprio meio, morre; ao contrário, qualquer outro ser que, em poucos dias, no meio correspondente, vai ter o alimento já feito, já formado para a sua necessidade; vai ter o abrigo necessário para o meio que lhe corresponde. Nós, homens, temos de confeccionar nossa roupa, temos de elaborar nosso alimento, não podemos pastar, nem comer carne crua porque temos de cozinhá-la e do trigo temos de fazer o pão; nossa biologia não está preparada para subsistir. De tal modo, somos biologicamente os seres mais pobremente dotados, porém temos outro dom, o que nos faz seres humanos; o dom de sermos conscientes de nossa finalidade e de sermos capazes de criar. Então, na medida em que o ser

humano se cria a si mesmo, nessa medida pode ser Ser Humano. Isto é o que entendemos, em Homeopatia, por Ser Humano, e tudo isto naturalmente vai ser muito importante quando considerarmos o que estamos curando e o que é cura”.

Prof. Dr. Alfonso Masi Elizalde:

“O homem sente-se desprotegido, abandonado, miserável, sem o amor, sem a proteção, sem a justiça que tem no fundo de sua alma, como uma lembrança de algo que alguma vez gozou, junto com a certeza da eternidade e o conhecimento. O homem sabe que o possuiu e que agora o perdeu. Encontramos sua saudade, sua carência, nos sofrimentos primitivos do homem, com os quais é consciente de sua vulnerabilidade atual, de suas carências atuais; a maneira de sentir-se indefeso é a essência da doença do homem. Essa é a origem da doença, que não está no meio ambiente. O homem situado no meio ambiente mais favorável, no clima mais ideal, com o maior amor que outro ser humano possa dar-lhe, com a maior justiça que lhe possa dar o melhor governo ou sistema de governo, com a maior beleza que possa achar ao seu redor, continua pedindo por mais amor, mais beleza, mais justiça, mais perfeição, eternidade e conhecimento. Sente o instinto de eternidade, a lembrança ancestral de ter estado numa época gozando de tudo que poderia ter agora, que pede como um ideal e que nunca encontra. No mais profundo do ser humano vemos sensações e temores que não têm uma justificativa, o homem sofre e nesses temores vemos que, conforme o indivíduo, sofre em geral sobre a eternidade, sobre a necessidade de amor, proteção, justiça, beleza e conhecimento. O sofrimento puro do ser humano é o produto de ter-se afastado, pelo mau emprego de seu livre arbítrio, de sua condição de elo intermediário entre as inteligências puras e a matéria pura. O homem por ter sua liberdade pode dizer não, pode quebrar-se como um elo de uma corrente perfeita, criando a

desordem no cosmos todo... O homem ainda hoje não se conformou com essa perda, sofre e adocece por isso, porque não é capaz de reconhecer nesse passado metafísico a causa de seus sofrimentos, e procura justificá-los em alguma situação do meio. É sofrimento também, mas com um princípio de defesa, que é conhecer como e quem é seu inimigo; e dirá que essa sensação de fragilidade que tem deve-se às tempestades que podem eliminá-lo com um raio, ou à perda de sua segurança econômica, ou porque não tem o lugar que lhe pertence, ou por sentir que é desprezado. Quando sabemos quem nos ameaça, podemos arbitrar os métodos para nos defender; já conhecemos qual é o perigo: o meio. Existem muito poucas variantes de defesa. A primeira defesa instintiva é fugir, não enfrentar o agressor, porque se tem medo. A chave do sofrimento do homem é a insegurança nas suas próprias forças, não é capaz de enfrentar e então foge. O exemplo mais evidente é o esquizofrênico, que foge da realidade e acaba ficando muitos anos num hospital; ou então que recorre à fuga do suicídio (autoagressão). Muitas vezes o meio não nos permite fugir e então podemos arbitrar outra atitude, que pode ser a destruição do inimigo (heteroagressão). Mas tudo nos acontece diante daquilo que tememos e do qual nos afastamos. Mas podemos dizer: “não, por que fugir? Talvez eu possa impor-me”. Aparece, então, a outra reação secundária de defesa que é se impor ao agressor, sobressair ao meio; ou então não lhe fazer frente abertamente, senão ficar hipocritamente perto dele como se o aceitasse, mas para acabar dominando-o”.

A **Dra. Flora Dabbah** nos dá um retrato de como se caracterizam os pacientes que estabelecem um ou outro tipo de defesa. Quando se sobrepõem ao meio, diz:

“Eles necessitam mais do que possuem: mais respeito, mais admiração, mais dinheiro, mais poder, mais brilho social. Uma boa parte de suas energias as consomem em simular bem-estar, bom humor,

segurança em si mesmos. Parecem estar profundamente satisfeitos de suas vidas, seguros de suas opiniões. Se não fosse por seus pequenos fracassos, que bem se sentiriam por trás de seus sorrisos de dentes bem cuidados, de seus gestos enérgicos praticados em frente do espelho, de sua falsa bondade, de seu falso equilíbrio interior. Elas se negam a ter filhos por temer perder a beleza de sua cútis. Elas escondem a indiferença por seus filhos atrás da exagerada e estilizada preocupação, alimentada pelos conselhos das revistas. Eles ambicionam ser campeões de algo, diretores de algo. Eles têm o coração duro, a mão fechada, o olhar vazio. Eles pensam que o mundo é um parque de diversões e que sua missão na vida é entrar em todos os jogos, ganhar todos os prêmios. Sonham com fazer sua vontade em tudo, aspiram a liberar seus instintos, a dominar sem falhas. Eles sonham com a contínua auto-satisfação. Podem perdoar tudo, menos a suspeita de que sua personalidade não é brilhante, que seu destino não é maravilhoso, de que sua conduta não é irreprovável. Com efeito 'Deus pode permitir-se não ter êxito, porém ao homem é mais difícil'. De modo que esses pacientes perfumam tudo, desodorizam, enceram, polem tudo, criam ao seu redor um mundo fantástico, brilhante, inobjetável".

E quando fogem do meio os caracteriza assim:

"Eles também levam vidas trágicas, aborrecidas, estereotipadas. Para eles o mundo está demasiado povoado, é demasiado ruidoso. Eles estão fartos, só querem esquecer e dormir, dormir e esquecer. Custa-lhes suportar a vida, não lhes parece que mereça ser vivida. Uns poucos são ou foram toxicômanos, perigosamente agressivos. Porém a maioria só matou em sonhos. É verdade que cometeram numerosos e terríveis crimes, porém somente dormindo. Em criança, atravessavam borboletas com alfinetes, quebraram um dente de algum companheiro de escola. Muitos deles seguem sendo rebeldes, insolentes, críticos, violentos, cruéis.

Não toleram seus esposos, seus pais, seus filhos. São implacáveis com seus subordinados. Se aspiram ao poder não é para auto afirmar-se, senão para exercer um cruel autoritarismo. Eles são os bebedores solitários, os bebedores noctívagos, com os cotovelos nos joelhos e o olhar perdido. Eles praticam com prazer a crítica maliciosa, a brincadeira sarcástica. Eles apedrejam os trens e a saída das principais partidas de futebol. Eles conhecem todas as formas de suicídio, desde as drogas até a amargura, desde a recusa dos medicamentos até o silêncio. Eles vivem vidas atribuladas, difíceis de viver. Não, não há amores felizes. Eles só cantam canções de desalento, de tristeza, de desesperança, de morte. Quando considero a estes pacientes, não posso deixar de vê-los como caricaturas de si mesmos, do que realmente são”.

Dra. Maria Clara Bandoel:

“O ser humano se diferencia dos demais seres pela propriedade de ter um propósito ou potencial transcendente, do qual é consciente e responsável. Não só sabe o que deve ser, senão que o é na medida de sua vontade. Ele é livre e, portanto, responsável de ser aquilo que deseja ser; e se forma na imagem de Ser Humano, na medida em que elege ser o que deve. Sua biologia é um instrumento vital a partir do qual pode, por sua qualidade de possuir livre-arbítrio, desenvolver os valores essenciais, a atitude de servir, etc., que o fazem ser Homem. Seu destino biológico é fatal, é automático e está sujeito ao mesmo; seu destino humano é livre, transcende esse fatalismo biológico. Quando o homem altera seu modo de ser, quando não é o que deve, sofre e expressa: ‘Eu me sinto mal’; é seu EU inteiro que manifesta sua ação alterada, não uma parte do mesmo, a qual sentirá e funcionará consecutiva e secundariamente mal”.

Dr. Francisco Xavier Eizayaga:

“Ninguém pode enfermar-se do corpo sem enfermar-se da mente e vice-versa; não é possível na vida privada ser adúltero, invejoso, carregado de vícios ou de sentimentos perversos, ou na vida pública ser trapaceiro, inconveniente, desonesto, indigno, ao mesmo tempo que achar-se em perfeita saúde”.

Prof. Dr. Alfonso Masi Elizalde:

*“O **Simillimum** dado ao paciente vai permitir que recupere os instrumentos livres e sãos de seu espírito, que recupere toda a capacidade de seu livre-arbítrio, para que então possa ter toda a capacidade de desta vez optar bem, porém também lhe devolvemos a possibilidade de optar de novo mal e tornar a enfermar-se”.*

BIBLIOGRAFIA

Brandão, J. S. - MITOLOGIA GREGA

Egito, J.L. - HOMEOPATIA: CONTRIBUIÇÃO AO ESTUDO DA TEORIA
MIASMÁTICA

Eizayaga, F.X. - TRATADO DE MEDICINA HOMEOPÁTICA,

Hahnemann, C.F.S. - *ORGANON* DA ARTE DE CURAR,

Hahnemann, C.F.S. - TRATADO DAS MOLÉSTIAS CRÔNICAS

Kent, J. T. - FILOSOFIA HOMEOPÁTICA

Roberts, H.A. - THE PRINCIPLES AND ART OF CURE BY HOMEOPATHY

Vijnovsky, B. - VALOR REAL DE LOS SÍNTOMAS EM LA HISTORIA CLÍNICA
HOMEOPÁTICA.

**ARTIGOS APRESENTADOS NO XIV CONGRESSO BRASILEIRO
DE HOMEOPATIA**

Gamarra, J.S. - HOMEOPATIA E SEUS LIMITES

Linhares, W. - O ABC DA HOMEOPATIA

Schembri, J. - LIMITAÇÕES DA HOMEOPATIA

TRANSCRIÇÃO DE AULAS DE PROFESSORES ARGENTINOS

Alfonso Masi Elizalde, Flora Dabbah e Maria Clara Bandoel.